



JOSÉ  
SARAMAGO



Objecto  
Quase

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

JOSÉ SARAMAGO

(1922-2010)

# **Objecto quase**

1978

COMPANHIA DAS LETRAS, 1998

# Sinopse

Apartada do mundo, a consciência elabora sua vingança. Talvez a maior de todas seja a linguagem, destinada a ferir e referir as coisas à distância. Talhada sob medida pelas mãos de um grande escritor, tal distância — modulada ora de modo espacial, ora temporal — está sempre presente nestas seis breves e tensas narrativas de José Saramago.

Será temporal em “Cadeira”, quando a linguagem rodopia em travellings velocíssimos em torno de um caruncho que rói, em câmera lenta, o sustento de um ditador até este cair, literalmente, de podre. Será espacial em “Refluxo”, onde um rei manda instalar no centro geométrico de seu país um imenso cemitério para banir de suas terras todo vestígio de morte. Será ambas, e intrínsecas à consciência humana, em “Coisas” e “Embargo”, narrativas de prender o fôlego, em que uma revolta de objetos e a falta de gasolina denunciam o círculo vicioso da existência.

Absurdos, líricos, irônicos — estes contos traduzem um capitalismo em agonia, atmosfera de fim de linha, de sociedades em que os bens de consumo circulam às expensas da própria vida. Daí a escrita que se move em ciclos, emulando ritmos alternados de crise e prosperidade, parodiando a circulação também incessante, distanciada e sem sentido das mercadorias.

Publicados pela primeira vez em 1978, estes contos evidenciam ainda as raízes do maravilhoso em Saramago. Não se trata, neste caso, do recurso à fábula enquanto identidade, mas sim como revolta da fantasia à indigência do real (vide o centauro, no conto de mesmo nome, marchando irremediavelmente para o mar e para a morte).

Daí o permanente poder de crítica destes escritos, capazes de fundir, com extrema habilidade e conhecimento de causa, o poético, o político.

O romancista, dramaturgo e poeta português José Saramago nasceu em 1922 na província do Ribatejo. A partir de seu romance *Levantado do chão*, de 1980— editado no Brasil pela Difel, que publicou também *Memorial do convento* —, tornou-se best-seller internacional. Dele, a Companhia das Letras publicou, entre outros, *O ano da Morte de Ricardo Reis* (1988), *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *A bagagem do viajante* (1996), *Cadernos de Lanzarote* (1997) e *Todos os nomes* (1997). Em 1998, Saramago ganhou o Prêmio Nobel de Literatura.

*"O ditador caiu duma cadeira, os árabes deixaram de vender petróleo, o morto é o melhor amigo do vivo, as coisas nunca são o que parecem, quando vires um centauro acredita nos teus olhos, se uma rã escarnecer de ti atravessa o rio. Tudo são objectos. Quase."*

# Índice

Cadeira  
Embargo  
Refluxo  
Coisas  
O Centauro  
Desforra



*Se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário  
formar as circunstâncias humanamente.*

K. MARX E F. ENGELS, *A Sagrada Família*

# CADEIRA

A cadeira começou a cair, a ir abaixo, a tombar, mas não, no rigor do termo, a desabár. Em sentido estrito, desabar significa caírem as abas a. Ora, de uma cadeira não se dirá que tem abas, e se as tiver, por exemplo, uns apoios laterais para os braços, dir-se-á que estão caindo os braços da cadeira e não que desabam. Mas verdade é que desabam chuvadas, digo também, ou lembro já, para que não aconteça cair em minhas próprias armadilhas: assim, se desabam bátegas, que é apenas modo diferente de dizer o mesmo, não poderiam afinal desabar cadeiras, mesmo abas não tendo? Ao menos por liberdade poética? Ao menos por singelo artifício de um dizer que se proclama estilo? Aceite-se então que desabem cadeiras, embora seja preferível que se limitem a cair, a tombar, a ir abaixo. Desabe, sim, quem nesta cadeira se sentou, ou já não sentado está, mas caindo, como é o caso, e o estilo aproveitará da variedade das palavras, que, afinal, nunca dizem o mesmo, por mais que se queira. Se o mesmo dissessem, se aos grupos se juntassem por homologia, então a vida poderia ser muito mais simples, por via de redução sucessiva, até à ainda também não simples onomatopeia, e por aí fora seguindo, provavelmente até ao silêncio, a que chamaríamos o sinónimo geral ou omnivalente. Não é sequer onomatopeia, ou não é formável ela a partir deste som articulado (que não tem a voz humana sons puros e portanto inarticulados, a não ser talvez no canto, e mesmo assim conviria ouvir de mais perto), formado na garganta do tombante ou cadente, embora não estrela, palavras ambas de ressonância heráldica que estão designando agora aquele que desaba, pois não se achou correcto juntar a este verbo a desinência paralela (ante) que perfaria a escolha e completaria o círculo. Desta maneira fica provado que não é perfeito o mundo.

Já de perfeita se apelidaria a cadeira que está a cair. Porém, mudam-se os tempos, mudam-se vontades e qualidades, o que foi perfeito deixou de o ser, por razões em que as vontades não podem, mas que não seriam razões sem que os tempos as trouxessem. Ou o

tempo. Importa pouco dizer quanto tempo este foi, como pouco importa descrever ou simplesmente enunciar o estilo de mobiliário que tornaria a cadeira, por obra de identificação, membro de uma família decerto numerosa, tanto mais que como cadeira pertence, por natureza, a um simples subgrupo ou ramo colateral, nada que se aproxime, em tamanho ou função, desses robustos patriarcas que são as mesas, os aparadores, os guarda-roupas ou pratas ou louças, ou as camas, das quais, naturalmente, é muito mais difícil cair, senão impossível, pois é ao levantar da cama que se parte a perna ou ao deitar que se escorrega no tapete, quando partir a perna não foi precisamente o resultado de escorregar no tapete. Nem cremos que importe dizer de que espécie de madeira é feito tão pequeno móvel, já de seu nome parece que fadado ao fim de cair, ou será conto-do-vigário linguístico esse latim cadere, se cadere é latim, porque devia sê-lo. Qualquer árvore poderá ter servido, excepto o pinho por ter esgotado as virtudes nas naus da Índia e ser hoje ordinário, a cerejeira por empenar facilmente, a figueira por rasgar à traição, sobretudo em dias quentes e quando por causa do figo se vai longe de mais no ramo; excepto estas árvores pelos defeitos que têm, e excepto outras pelas qualidades em que abundam, como é o caso do pau-ferro onde o caruncho não entra, mas que padece de peso demasiado para o volume requerido. Outra que também não vem ao caso é o ébano, precisamente porque é apenas diferente nome de pau-ferro, e já foi visto o inconveniente de utilizar sinónimos ou supostos serem-no. Muito menos nesta destriça de questões botânicas que de sinónimos não cuida, mas cuida de verificar dois diferentes nomes que a gente diferente deu à mesma coisa. Pode-se apostar que o nome de pau-ferro foi dado ou pesado por quem teve de o transportar às costas. Aposto pela certa e ganha.

Se de ébano fosse, teríamos provavelmente de acoimar de perfeita a cadeira que está caindo, e acoimar ou encoimar se diz porque então não cairia ela, ou viria a cair muito mais tarde, daqui por exemplo a um século, quando já não nos valesse a pena sua de cair. É possível que outra cadeira viesse a cair no lugar dela, para poder dar a mesma queda e o mesmo resultado, mas isso seria

contar outra história, não a história do que foi porque está acontecendo, sim a do que talvez viesse a suceder. O certo é bem melhor, principalmente quando muito se esperou pelo duvidoso.

Porém, uma certa perfeição haveremos de reconhecer nesta afinal única cadeira que continua a cair. Foi construída não de propósito para o corpo que nela tem vindo a sentar-se desde há muitos anos mas escolhida por causa do desenho, por acertar ou não contradizer em excesso o resto dos móveis que estão perto ou mais longe, por não ser de pinho, ou cerejeira, ou figueira, vistas as razões já ditas, e ser de madeira costumadamente usada em móveis de qualidade e para durar, verbi gratia, mogno. É esta uma hipótese que nos dispensa de ir mais longe na averiguação, aliás não deliberada, da madeira que serviu para dela cortar, moldar, afeiçoar, grudar, encaixar, apertar e deixar secar a cadeira que está caindo. Seja pois o mogno e não se fale mais no assunto. A não ser para acrescentar quanto é agradável e repousante, depois de bem sentados, e se a cadeira tem braços, e é toda ela mogno, sentir sob as palmas das mãos aquela dura e misteriosa pele macia da madeira polida, e, se curvo o braço, o jeito de ombro ou joelho ou osso íliaco que essa curva tem.

Desgraçadamente, o mogno, verbi gratia, não resiste ao caruncho como resiste o antes mencionado ébano ou pau-ferro. A prova está feita pela experiência dos povos e dos madeireiros, mas qualquer de nós, se animado de espírito científico bastante, poderá fazer a sua própria demonstração usando os dentes numa e noutra madeira e julgando a diferença. Um canino normal, mesmo nada preparado para uma exibição de força dental circense, imprimirá no mogno uma excelente e visível marca. Não o fará no ébano. Quod erat demonstrandum. Por aqui poderemos avaliar as dificuldades do caruncho.

Nenhuma investigação policial será feita, embora este fosse justamente o momento propício, quando a cadeira apenas se inclinou dois graus, posto que, para dizer toda a verdade, a deslocação brusca do centro de gravidade seja irremediável, sobretudo porque a não veio compensar um reflexo instintivo e uma força que a ele obedecesse; seria agora o momento, repete-se, de

dar a ordem, uma severa ordem que fizesse remontar tudo, desde este instante que não pode ser detido até não tanto à árvore (ou árvores, pois não é garantido que todas as peças sejam de tábuas irmãs), mas até ao vendedor, ao armazenista, à serração, ao estivador, à companhia de navegações que de longe trouxe o tronco aparado de ramos e raízes. Até onde fosse necessário chegar para descobrir o caruncho original e esclarecer as responsabilidades. É certo que se articulam sons na garganta, mas não conseguirão dar essa ordem. Apenas hesitam, ainda, sem consciência de hesitar, entre a exclamação e o grito, ambos primários. Está portanto garantida a impunidade por emudecimento da vítima e por inadvertência dos investigadores, que só pro forma e rotina virão verificar, quando a cadeira acabar de cair e a queda por enquanto ainda não fatal estiver consumada, se a perna ou pé foi malevolamente cortado e criminosamente também. Humilhar-se-á quem tal verificação fizer, pois não é menos que humilhante usar pistola no sovaco e ter um toco de madeira carunchosa na mão, esfarelado debaixo da unha que para isso nem precisaria de ser tão grossa. E depois arredar com o pé a cadeira partida, sem ao menos irritação, e deixar cair, também cair, o pé inútil, agora que acabou o tempo da sua utilidade, que precisamente é a de se ter partido.

Em algum lugar foi, se é consentida esta tautologia. Em algum lugar foi que o coleóptero, pertencesse ele ao género *Hilotrupes* ou *Anobium* ou outro (nenhum entomologista fez peritagem e identificação), se introduziu naquela ou noutra qualquer parte da cadeira, de qual parte depois viajou, roendo, comendo e evacuando, abrindo galerias ao longo dos veios mais macios, até ao sítio ideal de fractura, quantos anos depois não se sabe, ficando porém acautelado, considerada a brevidade da vida dos coleópteros, que muitas terão sido as gerações que se alimentaram deste mogno até ao dia da glória, nobre povo nação valente. Meditemos um pouco na obra pacientíssima, esta outra pirâmide de Queóps, se isto são maneiras de grafar egípcio em português, que os coleópteros edificaram sem que dela nada pudesse ver-se por fora, mas abrindo túneis que de qualquer modo irão dar a uma câmara mortuária. Não

é forçoso que os faraós sejam depositados no interior de montanhas de pedras, num lugar misterioso e negro, com ramais que primeiro se abrem para poços e perdições, lá onde deixarão os ossos, e a carne enquanto não for comida, os arqueólogos imprudentes e cépticos que se riem das maldições, naquele caso como se diz egiptólogos, neste caso como se deverá dizer lusólogos ou portugalólogos, a seu tempo chamados. Ainda sobre estas diferenças de lugar onde se faz a pirâmide e esse outro onde vai instalar-se ou é instalado o faraó apliquemos el cuento e digamos, de acordo com as sábias e prudentes vozes dos nossos antepassados, que num lado se põe o ramo e no outro se vende o vinho. Não estranhemos portanto que esta pirâmide chamada cadeira recuse uma vez e outras vezes o seu destino funerário e pelo contrário todo o tempo da sua queda venha a ser uma forma de despedida, constantemente voltada ao princípio, não por lhe pesar assim tanto a ausência, que mais tarde será para longes terras, mas para cabal demonstração e compenetração do que despedida seja, pois é bem sabido que as despedidas são sempre demasiado rápidas para merecerem realmente o nome. Não há nelas nem ocasião nem lugar para o desgosto dez vezes destilado até à pura essência, tudo é balbúrdia e precipitação, lágrima que vinha e não teve tempo de mostrar-se, expressão que bem quererá ser de profunda tristeza, ou melancolia como outrora se usou, e afinal fica careta, ou ficacareta que é evidentemente pior. Caindo assim a cadeira, sem dúvida cai, mas o tempo de cair é todo o que quisermos, e enquanto olhamos este tombo que nada deterá e que nenhum de nós iria deter, agora já sabido irremediável, podemos torná-lo atrás como o Guadiana, não de medroso, porém de gozoso, que é modo celestial de gozar, também sem outra dúvida merecido. Aprendamos, se possível, com Santa Teresa de Ávila e o dicionário, que este gozo é aquela sobrenatural alegria que na alma dos justos produz a graça. Enquanto vemos a cadeira cair, seria impossível não estarmos nós recebendo essa graça, pois espectadores da queda nada fazemos nem vamos fazer para a deter e assistimos juntos. Com o que fica provada a existência da alma, pela demonstrativa via de um efeito que, dito está, precisamente não poderíamos experimentar sem ela.

Torne pois a cadeira à sua vertical e comece outra vez a cair enquanto à matéria voltamos.

Eis o Anobium, que este é o nome eleito, por qualquer coisa de nobre que nele há, um vingador assim que vem do horizonte da pradaria, montado no seu cavalo Malacara, e leva todo o tempo necessário a chegar para que passe o genérico por inteiro e se saiba, se nenhum de nós viu os cartazes no átrio da entrada, quem afinal de contas realiza isto. Eis o Anobium, agora em grande plano, com a sua cara de coleóptero por sua vez carcomida pelo vento do largo e pelos grandes sóis que todos nós sabemos assolam as galerias abertas no pé da cadeira que acabou agora mesmo de partir-se, graças ao que a dita cadeira começa pela terceira vez a cair. Este Anobium, já isto foi dito por forma mais ligada às banalidades de genética e reprodução, teve predecessores na obra de vingança: chamaram-se Fred, Tom Mix, Buck Jones, mas estes são os nomes que ficaram para todo o sempre registados na história épica do Far-West e que não devem fazer-nos esquecer os coleópteros anónimos, aqueles que tiveram tarefa menos gloriosa, ridícula até, como de terem começado a atravessar o deserto e morrido nele, ou vindo pé ante pé pela vereda do pântano e aí escorregar e ficar sujo, malcheiroso, que é vexame, castigado com as gargalhadas da plateia e do balcão. Nenhum destes pôde chegar aO ajuste de contas final, quando o comboio apitou três vezes e os coldres foram ensebados por dentro para saírem as armas sem demora, já com os indicadores enganchados no gatilho e os polegares prontos a puxar o cão. Nenhum desses teve o prémio à espera nos lábios de Mary, nem a cumplicidade do cavalo Raio que vem por trás e empurra o cow-boy tímido pelas costas para os braços da rapariga, que não espera outra coisa. Todas as pirâmides têm pedras por baixo, os monumentos também. O Anobium vencedor é o último elo da cadeia de anónimos que o precedeu, em todo o caso não menos felizes, pois viveram, trabalharam e morreram, cada coisa em sua hora, e este Anobium que sabemos fecha o ciclo, e, como o zângão, morrerá no acto de fecundar. O princípio da morte.

Maravilhosa música que ninguém ouviu durante meses e anos, sem descanso, nenhuma pausa, de dia e de noite, na hora esplêndida e assustadora do nascer do Sol e nessa outra ocasião de maravilha que é adeus luz até amanhã, este roer constante, contínuo, como um infinito realejo de uma nota só, moendo, triturando fibra a fibra, e toda a gente distraída a entrar e a sair, lá ocupada com as suas coisas, sem saber que dali sairá, repetimos, numa hora assinalada, de pistolas em punho, o Anobium, enquadrando o inimigo, o alvo, e acertando ou acentrando, que é precisamente acertar no centro, ou fica a ser desde agora, porque alguém tinha de ser o primeiro. Maravilhosa música afinal composta e tocada por gerações de coleópteros, para seu gozo e nosso benefício, como foi sina da família Bach, tanto antes como depois de João Sebastião. Música não ouvida, e se ouvisse que faria, por aquele que sentado na cadeira com ela cai e forma na garganta, de susto ou surpresa, este som articulado que talvez não venha a ser grito, uivo, muito menos palavra. Música que vai calar-se, que se calôu agora mesmo: Buck Jones vê o inimigo caindo inexoravelmente para o chão, sob a grande e ofuscante luz do Sol texano, enfia nos coldres os revólveres e tira o grande chapéu de abas largas para enxugar a testa e porque Mary se aproxima a correr, de vestido branco, agora que o perigo já passou.

Haveria, porém, algum exagero em afirmar que todo o destino dos homens se encontra inscrito no aparelho bucal roedor dos coleópteros. Se assim fosse, teríamos ido viver todos para casas de vidro e ferro, portanto ao abrigo do Anobium, mas não ao abrigo de tudo, porque, afinal, por alguma razão existe, e para outra também, esse misterioso mal a que damos, nós cancerosos em potência, o nome de cancro do vidro, e essa tão vulgar ferrugem, que, vá alguém desvendar estes outros mistérios, não ataca o pau-ferro mas desfaz literalmente o que só ferro for. Nós, homens, somos frágeis, mas, em verdade, temos de ajudar a nossa própria morte. É talvez uma questão de honra nossa: não ficarmos assim inermes, entregues, darmos de nós qualquer coisa, ou então para que serviria estar no mundo? O cutelo da guilhotina corta, mas quem dá o pescoço? O condenado. As balas das espingardas perfuram, mas



quem dá o peito? O fuzilado. A morte tem esta peculiar beleza de ser tão clara como uma demonstração matemática, tão simples como unir com uma linha dois pontos, desde que ela não exceda o comprimento da régua.

Tom Mix dispara os seus dois revólveres, mas ainda assim é necessário que a pólvora comprimida nos cartuchos tenha poder suficiente e seja em quantidade suficiente para que o chumbo galgue a distância na sua trajectória ligeiramente curva (não tem que fazer aqui a régua), e, tendo cumprido as exigências da balística, fure primeiro à boa altura o colete de pano, depois a camisa talvez de flanela, a seguir a camisola de lã que de Inverno aquece e de Verão absorve o suor, e finalmente a pele, macia e elástica, que primeiramente se recolhe supondo, se a pele supõe, se não supura apenas, que a força dos projecteis ali se quebrará, e cairão portanto as balas por terra, na poeira do caminho, a seu salvo o criminoso até ao próximo episódio. Não foi porém assim. Buck Jones já tem Mary nos braços e a palavra Fim nasce-lhe da boca e vai encher o ecrã. Seria a altura de se levantarem os espectadores, devagar, seguirem pela coxia para a luz crua que vem da porta, porque foram à matinée, fazendo força para regressar a esta realidade sem aventura, um pouco tristes, um pouco corajosos, e tão mal apontados à vida que na carreira de tiro espera, que há mesmo quem se deixe ficar sentado para a segunda sessão: era uma vez.

Também agora se sentou este homem velho que primeiro saiu de uma sala e atravessou outra, depois seguiu por um corredor que poderia ser a coxia do cinema, mas não é, é uma dependência da casa, não diremos sua, mas apenas a casa em que vive, ou está vivendo, toda ela portanto não sua, mas sua dependência. A cadeira ainda não caiu. Condenada, é como um homem extenuado por enquanto aquém do grau supremo da exaustão: consegue aguentar o seu próprio peso. Vendo-a de longe, não parece que o Anobium a transformou, ele cow-boy e mineiro, ele no Arizona e em Jales, numa rede labiríntica de galerias, de se perder nela o siso. Vê-a de longe o velho que se aproxima e cada vez mais de perto a vê, se é que a vê, que de tantos milhares de vezes que ali se sentou a não

vê já, e esse é que é o seu erro, sempre o foi, não reparar nas cadeiras em que se senta por supor que todas são de poder o que só ele pode. S. Jorge, santo, veria ali o dragão, mas este velho é um falso devoto que se mancomunou, de gorra, com os cardeais patriarcas, e todos juntos, ele e eles, in hoc signo vinces. Não vê a cadeira, ainda agora vem a sorrir de cândido contentamento, e chega-se a ela, sem reparar, enquanto esforçadamente o Anobium desfaz na última galeria as derradeiras fibras e aperta sobre as ancas o cinto dos coldres. O velho pensa que irá descansar digamos meia hora, que talvez dormite mesmo um pouco nesta boa temperatura do princípio de Outono, que certamente não terá paciência de ler os papéis que traz na mão. Não nos impressionemos. Não se trata de um filme de terror; com quedas assim se fizeram e farão excelentes cenas cómicas, gags hilariantes, como os fez o Chaplin, todos temos na memória, ou o Pat e Patachon, ganha um doce quem se lembrar. E não antecipemos, embora saibamos que a cadeira se vai partir: mas não é ainda, primeiro há-de o homem sentar-se devagar, nós, os velhos, dão-nos a lei os trémulos joelhos, há-de pousar as mãos ou agarrar com força os braços ou abas da cadeira, para não deixar descair bruscamente as nádegas enrugadas e o fundilho das calças no assento que lhe tem suportado tudo, como é escusado especificar, que todos somos humanos e sabemos. Pelo lado da tripa, esclareça-se, porque este velho há muitas e também diversas razões, e antigas elas são, para duvidar da sua humanidade. No entanto, está sentado como um homem.

Ainda não se recostou. O seu peso, mais um grama menos um grama, está igualmente distribuído no assento da cadeira. Se não se mexesse, poderia ficar assim a seu alvo até ao pôr do Sol, altura em que o Anobium costuma recobrar forças e roer com vigor novo. Mas vai mexer-se, mexeu-se, recostou-se no espaldar, pendeu mesmo um quase nada para o lado frágil da cadeira. E ela parte-se.

Parte-se a perna da cadeira, rangeu primeiro, depois dilacerou-a a acção do peso desequilibrado, e num repente a luz do dia entrou deslumbrante pela galeria de Buck Jones, iluminando o alvo Por causa da conhecida diferença entre as velocidades da luz e

do som, entre a lebre e a tartaruga, a detonação ouvir-se-á mais tarde, surda, abafada como um corpo que cai. Demos tempo ao tempo. Não está mais ninguém na sala, ou quarto, ou varanda, ou terraço, ou; enquanto o som da queda não for ouvido, somos nós os senhores deste espectáculo, podemos até exercitar o sadismo de que, como o médico e o louco, temos felizmente um pouco, de uma forma, digamos já, passiva, só de quem vê e não conhece ou in lume rejeita obrigações sequer só humanitárias de acudir. A este velho não.

Vai a cair para trás. Aí vai. Aqui, mesmo em frente dele, lugar escolhido, podemos ver que tem o rosto comprido, o nariz adunco e afiado como um gancho que fosse também navalha, e se não se desse o caso de ter aberto a boca neste instante, teríamos o direito, aquele direito que tem toda e qualquer testemunha ocular, que por isso diz eu vi, de jurar que não há lábios nela. Mas abriu-a, abre-a de susto e surpresa, de incompreensão, e assim é possível distinguir, embora com pouca precisão, dois rebordos de carne ou larvas pálidas que só pela diferença de textura dérmica se não confundem com a outra palidez circundante.

A barbela estremece sobre a laringe e mais cartilagens, e o corpo todo acompanha a cadeira para trás, e no chão já rolou para o lado, não longe, porque todos devemos assistir, o pé da cadeira partido. Espalhou uma poeira amarela aglomerada, verdade que não muita, mas bastante para em tudo isto nos comprazermos na imaginação duma ampulheta cuja areia se constituísse escatologicamente das dejeções do coleóptero: por onde se vê a que ponto seria absurdo meter aqui Buck Jones e o seu cavalo Malacara, isto supondo que Buck mudou de cavalo na última estalagem e monta agora o cavalo de Fred. Deixemos porém este pó que não é sequer enxofre, e que bem ajudaria o cenário se o fosse, ardendo com aquela chama azulada e soltando aquele seu malcheiroso ácido sulfuroso, ó rima. Seria uma ótima maneira de o inferno aparecer assim como tal, enquanto a cadeira de belzebu se parte e cai para trás arrastando consigo satanáas, asmodeu e legião.

O velho já não segura os braços da cadeira, os joelhos subitamente não trémulos obedecem agora a outra lei, e os pés que

sempre calçaram botas para que se não soubesse que são bifurcados (ninguém leu a tempo e com atenção, está lá tudo, a dama pé de cabra), os pés já estão no ar. Assistiremos ao grande exercício ginástico, o mortal para trás, muito mais espectacular este, embora sem público, do que os outros vistos em estádios e jamores, do alto da tribuna, no tempo em que as cadeiras ainda eram sólidas e o Anobium uma improvável hipótese de trabalho. E não está ninguém que fixe este momento, O meu reino por uma polaroid, gritou Ricardo III, e ninguém lhe acudiu porque pedia cedo de mais. O nada que temos em troca deste tudo de mostrar o retrato dos filhos, o cartão de sócio e a vera imagem da queda. Ai estes pés no ar, cada vez mais longe do chão, ai aquela cabeça cada vez mais perto, ai Santa Comba, não santa dos aflitos, santa padroeira sim daquele que sempre os afligiu. As filhas do Mondego a morte escura ainda por agora não choram. Esta queda não é uma qualquer queda de Chaplin, não se pode repetir outra vez, é única e por isso excelente, como quando juntos estiveram os feitos de Adão e as graças de Eva. E por nela termos falado, Eva doméstica e serviçal, mandante na proporção, benfeitora de desempregados se sóbrios, honestos e católicos, buraco de martírio, poder medrado e merdado à sombra deste Adão que cai sem maçã nem serpente, onde estás? Tempo de mais te demoras na cozinha, ou ao telefone atendendo as filhas de Maria ou as escravas do Sagrado Coração ou as pupilas de Santa Zita, muita água desperdiças na rega das begónias envasadas, muito te distrais, abelha-mestra que não acodes, e se acudisses a quem acudirias? É tarde. Os santos estão de costas, assobiam, fingem-se distraídos, porque sabem muito bem que não há milagres, que nunca os houve, e quando alguma coisa de extraordinário se passou no mundo, a sorte deles foi estarem presentes e aproveitarem. Nem S. José, que no seu tempo foi carpinteiro, e melhor carpinteiro que santo, seria capaz de colar aquela perna da cadeira a tempo de evitar a queda, antes de este novo campeão da ginástica portuguesa dar o seu salto mortal, e Eva doméstica e governanta aparta agora os três frasquinhos de pílulas e gotas que o velho tomará, uma de cada vez, antes, durante e depois da próxima refeição.

O velho vê o tecto. Vê apenas, não tem tempo de olhar. Agita os braços e as pernas como um cágado virado de barriga para o ar, e logo a seguir é muito mais um seminarista de botas a masturbar-se quando vai a férias a casa dos senhores pais que andam na eira. É só isso, e nada mais. Suave terra, e bruta, e simples, para pisar e depois dizer que tudo são pedras, e que nascemos pobres e pobres felizmente morreremos, e por isso estamos na graça do Senhor. Cai, velho, cai. Repara que neste momento tens os pés mais altos do que a cabeça. Antes de dares o teu salto mortal, medalha olímpica, farás o pino como o não foi capaz de fazer aquele rapaz na praia, que tentava e caía, só com um braço porque o outro lhe tinha ficado em África. Cah Porém, não tenhas pressa: ainda há muito sol no céu. Podemos mesmo, nós que assistimos, chegar a uma janela e olhar para fora, descansadamente, e daqui ter uma grande visão de cidades e aldeias, de rios e planícies, de serras e searas, e dizer ao diabo tentador que precisamente é este o mundo que queremos, pois não é mal desejar alguém o que é seu próprio. Com os olhos deslumbrados, voltamos para dentro e é como se não estivesses: trouxemos demasiada luz para dentro do quarto e temos de esperar que ela se habitue ou volte lá para fora. Estás enfim mais perto do chão. Já o pé são e o pé mocho da cadeira resvalaram para a frente, todo o equilíbrio se perdeu. Distinguem-se os prenúncios da verdadeira queda, o ar deforma-se em redor, os objectos encolhem-se de susto, vão ser agredidos, e todo o corpo é um retorcimento crispado, uma espécie de gato reumático, por isso incapaz de dar no ar a última volta que o salvaria, com as quatro patas no chão e um baque macio, de bicho vivíssimo. Mal colocada se vê quanto esta cadeira foi, sobre o mau que já era, mas não sabido, de ter o Anobium dentro de si: pior, realmente, ou tão mau é aquela aresta, ou bico, ou canto de móvel que estende o seu punho fechado para um ponto no espaço, por enquanto ainda livre, ainda desafogado e inocente, onde o arco de círculo feito pela cabeça do velho irá interromper-se e ressaltar, mudar por um instante de direcção e depois voltar a cair, para baixo, para fundo, inexoravelmente puxado por esse duende que está no centro da terra com biliões de cordelinhos na mão, para baixo e para cima, fazendo em baixo o

mesmo que cá em cima fazem os homens das marionetas, até ao último puxão mais forte que nos retira da cena. Não será para o velho ainda esse tempo, mas é evidente que cai para tornar a cair outra vez e última. E agora que espaço há, que espaço resta entre o canto do móvel, o punho, a lança em África, e o lado mais frágil da cabeça, o osso predestinado? Podemos medir e ficaremos espantados com o pouquíssimo espaço que falta percorrer, repare-se, não cabe um dedo, nem tal, muito menos do que isso, uma unha, uma lâmina de barbear, um cabelo, um simples fio de bichoda-seda ou de aranha Tempo ainda resta algum, mas o espaço vai acabar-se. A aranha expeliu mesmo agora o seu último filamento, remata o casulo, a mosca já está fechada.

É curioso este som Claro, de uma certa maneira claro, para não deixar dúvidas às testemunhas que somos, mas abafado, surdo, discreto, para que não acudam cedo de mais Eva doméstica e os Caims, para que tudo se passe entre o só e o sozinho, como convém a tanta grandeza A cabeça, como estava previsto e cumpre as leis da física, bateu e ressaltou um pouco, digamos, uma vez que estamos perto e outras medições tínhamos acabado de fazer, dois centímetros para cima e para o lado Daqui para diante, a cadeira já não importa Não importaria sequer o resto da queda, agora pleonástica. O projecto de Buck Jones Incluía, já foi dito, uma trajectória, previa um ponto. Aí está.

Quanto agora se passe, é pelo lado de dentro. Antes se diga, porém, que o corpo voltou a cair, e a cadeira acompanhante, de que não mais se falará ou apenas por alusão. É indiferente que a velocidade do som iguale subitamente a velocidade da luz, O que tinha de acontecer, aconteceu. Eva pode acorrer ansiosa, murmurando orações como nunca se esquece de fazer nas ocasiões adequadas, ou desta vez não, se é verdade os cataclismos privarem de voz, embora não de grito, as suas vítimas. Por isso Eva doméstica, buraco de martírio, se ajoelha e faz perguntas, agora faz, porque o cataclismo já lá vai, já passou, e restam os efeitos. Não tarda que de todos os lados venham subindo os Cains, se não é injusto afinal chamar-lhes assim. Dar-lhes o nome de um infeliz homem de quem o Senhor desviou a sua face, e por isso

humanamente tirou vingança de um irmão lambe-botas e intriguista. Também lhes não chamaremos abutres, ainda que se movam assim, ou não, ou sim: mais exacto, do duplo ponto de vista morfológico e caracterológico, seria incluí-los no capítulo das hienas, e esta é uma grande descoberta. Com a ressalva importante de que as hienas, tal como os abutres, são úteis animais que limpam de carne morta as paisagens dos vivos e por isso lhes haveremos de agradecer, ao passo que estes são -ao mesmo tempo a hiena e a sua própria carne morta, e esta é que é afinal a grande descoberta que foi dita. O perpetuum mobile, ao contrário do que continuam a imaginar os inventores ingénuos de domingo, os iluminados taumaturgos do carpinteirismo, não é mecânico. É sim biológico, é esta hiena que se alimenta do seu corpo morto e putrefacto e assim constantemente se reconstitui em morte e putrefacção. Para interromper o ciclo, nem tudo basta, mas a mínima coisa abundaria. Algumas vezes, se Buck Jones não estava ausente do outro lado da montanha a perseguir uns simples e honestos ladrões de gado, uma cadeira serviria, e um sólido pónto de apoio no espaço para levantar o mundo, como disse Arquimedes a Híeron de Siracusa, e para romper os vasos sanguíneos que os ossos do crânio -julgavam proteger, e em sentido próprio se escreve julgavam porque mal parecia que ossos tão vizinhos do cérebro não fossem capazes de realizar, pelas vias de osmose ou simbiose, uma operação mental tão ao alcance como é o simples julgar. E ainda assim, se interrompido esse ciclo, haverá que estar atentos ao que no ponto de ruptura dele pode enxertar-se, e poderá ser, aí não por enxerto, uma outra hiena nascendo do flanco purulento, como Mercúrio da coxa de Júpiter, se comparações destas, mitológicas, são consentidas. Esta porém seria outra história, quem sabe se já contada.

Eva doméstica saiu daqui a correr, e também a gritar e a dizer palavras que não vale a pena registar, tão iguais são, que pouca diferença fazem, salvo no estilo medieval não tanto, àquelas que disse Leonor Teles quando lhe mataram o Andeiro, e mais era rainha. Este velho não está morto Desmaiou apenas, e nós podemos sentar-nos no chão, de pernas cruzadas, sem nenhuma pressa, porque um segundo é um século, e antes que aí cheguem os

médicos e os maqueiros, e as hienas de calça de lista, chorando, uma eternidade se passará. Observemos bem. Pálido, mas não frio O coração bate, o pulso está firme, parece o velho que dorme, e querem ver que tudo isto foi afinal um grande equívoco, uma monstruosa maquinação para separar o bem do mal, o trigo do joio, os amigos dos inimigos, os que estão a favor apartados dos que estão contra, posto o que Buck Jones teria sido, em toda esta história de cadeira um reles e nojento provocador Calma, portugueses, escutai e tende paciência. Como sabeis, o crânio é uma caixa óssea que contém o cérebro, o qual vem a ser, por sua vez, conforme podemos apreciar neste mapa anatómico a cores naturais, nem mais nem menos que a parte superior da espinhal medula. Esta, que ao longo do dorso vinha de apertada, tendo encontrado espaço ali, desabrochou como uma flor de inteligência.

Repare-se que não é gratuita nem despicienda a comparação. É grande a variedade de flores, e para o caso bastará lembrarmos, ou lembre cada um de nós aquela de que mais goste, e no ponto extremo, verbi gratia, aquela com que mais antipatize, uma flor carnívora, de gustibus et coloribus non disputandum, suposto que concordemos na detestação do que a si mesmo se desnatura, ainda que, por exigência daquele rigor mínimo que sempre deve acompanhar a quem ensina e a quem aprende, nos devêssemos interrogar sobre a justiça da acusação, e embora, outra vez para que nada fique esquecido, devamos interrogar-nos sobre o direito que uma planta tenha de se alimentar duas vezes, primeiro da terra e logo do que no ar voa na múltipla forma dos insectos, senão das aves. Reparemos, de caminho, quanto é fácil paralisar-se o juízo, receber de um lado e do outro informações, tomá-las pelo que dizem ser e ficar neutral, porque nos declaramos espírito indiviso e sacrificamos todos os dias no altar da prudência, nossa melhor fornicção. Porém não fomos neutrais enquanto assistimos a esta longa queda. E em pontos de prudência perca-se ao menos a suficiente para acompanhar, com a devida atenção, o movimento do ponteiro que passeia sobre este corte do cérebro.

Reparem, minhas senhoras e meus senhores, nesta espécie de ponte longitudinal composta de fibras: chama-se fórnice e constitui a



parte superior do tálamo óptico. Por trás dela, vêem-se duas comissuras transversais que obviamente não devem ser confundidas com as dos lábios. Observemos agora do outro lado. Atenção. Isto que sobressai aqui são os tubérculos quadrigêmeos ou lobos ópticos (não sendo aula de zoologia, a acentuação nos lobos faz-se forte no primeiro o). Esta parte ampla é o cérebro anterior, e aqui temos as célebres circunvoluções. Neste sítio, em baixo, está, evidentemente, toda a gente o sabe, o cerebelo, com a sua parte interna, chamada arbor vitae, que se deve, convém esclarecer, não vá julgar-se que estamos na aula de botânica, à plicatura do tecido nervoso num certo número de lamelas que dão origem, por sua vez, a pregas secundárias. Já falámos da medula espinhal. Repare-se nisto que não é uma ponte, mas que tem o nome de ponte de Varólio, que parece mesmo uma cidade da Itália, ora digam lá que não. Atrás está a medula alongada. Falta pouco para chegarmos ao fim da descrição, não se enervem. A explicação poderia ser, naturalmente, muito mais demorada e minuciosa, mas para isso só na autópsia. Limitemo-nos portanto a indicar a glândula pituitária, que é um corpo glandular e nervoso que nasce do pavimento do tálamo ou terceiro ventrículo. E, enfim, concluindo, informamos que esta coisa aqui é o nervo óptico, questão da mais alta importância, pois com isto ninguém ousará dizer que não viu o que neste lugar se passou.

E agora, a pergunta fundamental: para que serve o cérebro, vulgo miolos? Serve para tudo porque serve para pensar. Mas, atenção, não vamos nós cair agora na superstição comum de que tudo quanto enche o crânio está relacionado com o pensamento e os sentidos. Imperdoável engano, senhoras e senhores. A maior parte desta massa contida no crânio não tem nada que ver com o pensamento, não risca nada para aí. Só uma casca muito fina de substância nervosa, chamada córtice, com cerca de três milímetros de espessura, e que cobre a parte anterior do cérebro, constitui o órgão da consciência. Repare-se, por favor, na perturbadora semelhança que há entre o que chamaremos um microcosmo e o que chamaremos um macrocosmo, entre os três milímetros de córtice que nos permitem pensar e os poucos quilómetros de atmosfera que nos permitem respirar, insignificantes uns e outros e

todos, por sua vez, em comparação nem sequer com o tamanho da galáxia, mas com o simples diâmetro da terra. Pasmemos, irmãos, e oremos ao Senhor.

O corpo ainda aqui está, e estaria por todo o tempo que quiséssemos. Aqui, na cabeça, neste sítio onde o cabelo aparece despenteado, é que foi a pancada. À vista, não tem importância. Uma ligeiríssima equimose, como de unha impaciente, que a raiz do cabelo quase esconde, não parece que por aqui a morte possa entrar. Em verdade, já lá está dentro. Que é isto? Iremos nós apiedar-nos do inimigo vencido? É a morte uma desculpa, um perdão, uma esponja, uma lixívia para lavar crimes? O velho abriu agora os olhos e não consegue reconhecer-nos, o que só a ele espanta, mas a nós não, que nos não conhece. Treme-lhe o queixo, quer falar, inquieta-se como ali chegámos, julga-nos autores do atentado. Nada dirá. Pelo canto da boca entreaberta corre-lhe para o queixo um fio de saliva. Que faria a irmã Lúcia neste caso, que faria se aqui estivesse, de joelhos, envolta no seu triplo cheiro de bafio, saias e incenso? Enxugaria reverente a saliva, ou, mais reverente ainda, se inclinaria toda para diante, prosternada, e com a língua apararia a santa secreção, a relíquia, para guardar numa ampola? Não o dirá a história sacra, não o dirá, sabemos, a profana, nem Eva doméstica reparará, coração aflito, na injúria que o velho pratica. EMBARGO babando sobre o velho.

Já se ouvem passos no corredor, mas temos ainda tempo. A equimose tornou-se mais escura e o cabelo parece arripiado sobre ela. Uma passagem carinhosa de pente poderia compor tudo nesta superfície que vemos. Mas seria inútil. Sobre outra superfície, a do córtice, acumula-se o sangue derramado pelos vasos que a pancada seccionou naquele ponto preciso da queda. É o hematoma.

É lá que neste momento se encontra o Anobium, preparado para o segundo turno. Buck Jones limpou o revólver e mete novas balas no tambor. Já aí vêm buscar o velho.

Aquele raspar de unhas, aquele choro, é das hienas, não há ninguém que não saiba. Vamos até à janela. Que me diz a este mês de Setembro? Há muito tempo que não tínhamos um tempo assim.

# EMBARGO

Acordou com a sensação aguda de um sonho degolado e viu diante de si a chapa cinzenta e gelada da vidraça, o olho esquadrado da madrugada que entrava, lívido, cortado em cruz e escorrente de transpiração condensada. Pensou que a mulher se esquecera de correr o cortinado ao deitar-se, e aborreceu-se: se não conseguisse voltar a adormecer já, acabaria por ter o dia estragado. Faltou-lhe porém o ânimo para levantar-se, para tapar a janela: preferiu cobrir a cara com o lençol e virar-se para a mulher que dormia, refugiar-se no calor dela e no cheiro dos seus cabelos libertos. Esteve ainda uns minutos à espera, inquieto, a temer a espertina matinal. Mas depois acudiu-lhe a ideia do casulo morno que era a cama e a presença labiríntica do corpo a que se encostava, e, quase a deslizar num círculo lento de imagens sensuais, tornou a cair no sono. O olho cinzento da vidraça foi-se azulando aos poucos, fitando fixo as duas cabeças pousadas na cama, como restos esquecidos de uma mudança para outra casa ou para outro mundo. Quando o despertador tocou, passadas duas horas, o quarto estava claro.

Disse à mulher que não se levantasse, que aproveitasse um pouco mais da manhã, e escorregou para o ar frio, para a humidade indefinível das paredes, dos puxadores das portas, das toalhas da casa de banho. Fumou o primeiro cigarro enquanto se barbeava e o segundo com o café, que entretanto aquecera. Tossiu como todas as manhãs. Depois vestiu-se às apalpadelas, sem acender a luz do quarto. Não queria acordar a mulher. Um cheiro fresco de água-de-colónia avivou a penumbra, e isso fez que a mulher suspirasse de prazer quando o marido se debruçou na cama para lhe beijar os olhos fechados. E ele sussurrou que não viria almoçar a casa.

Fechou a porta e desceu rapidamente a escada. O prédio parecia mais silencioso que de costume. Talvez do nevoeiro, pensou. Reparara que o nevoeiro era assim como uma campânula que abafava os sons e os transformava, dissolvendo-os, fazendo deles o que fazia com as imagens. Estaria nevoeiro. No último lanço de

escada já poderia ver a rua e saber se acertara. Afinal havia uma luz ainda cinzenta, mas dura e rebrilhante, de quartzo. Na berma do passeio, um grande rato morto. E enquanto, parado à porta, acendia o terceiro cigarro, passou um garoto embuçado, de gorro, que cuspiu para cima do animal, como lhe tinham ensinado e sempre via fazer.

O automóvel estava cinco prédios abaixo. Grande sorte ter podido arrumá-lo ali. Ganhara a superstição de que o perigo de lho roubarem seria tanto maior quanto mais longe o tivesse deixado à noite. Sem nunca o ter dito em voz alta, estava convencido de que não voltaria a ver o carro se o deixasse em qualquer extremo da cidade. Ali, tão perto, tinha confiança. O automóvel apareceu-lhe coberto de gotículas, os vidros tapados de humidade. Se não fosse o frio tanto, poderia dizer-se que transpirava como um corpo vivo. Olhou os pneus segundo o seu hábito, verificou de passagem que a antena não fora partida e abriu a porta. O interior do carro estava gelado. Com os vidros embaciados, era uma caverna translúcida afundada sob um dilúvio de água. Pensou que teria sido melhor deixar o carro em sítio onde pudesse fazê-lo descair para pegar mais facilmente. Ligou a ignição, e no mesmo instante o motor roncou alto, com um arfar profundo e impaciente. Sorriu, satisfeito da surpresa. O dia começava bem.

Rua acima, o automóvel arrancou, raspando o asfalto como um animal de cascos, triturando o lixo espalhado.

O conta-quilómetros deu um salto repentino para 90, velocidade de suicídio na rua estreita e ladeada de carros parados. Que seria isto? Retirou o pé do acelerador, inquieto.

Por pouco diria que lhe tinham trocado o motor por outro muito mais potente. Pisou à cautela o acelerador e dominou o carro. Nada de importância. Às vezes não se controla bem o balanço do pé. Basta que o tacão do sapato não assente no lugar habitual para que se altere o movimento e a pressão. É simples.

Distraído com o incidente, ainda não olhara o marcador da gasolina. Ter-lha-iam roubado durante a noite, como já não era a primeira vez? Não. O ponteiro indicava precisamente meio depósito. Parou num sinal vermelho, sentindo o carro vibrante e tenso nas

suas mãos. Curioso. Nunca dera por esta espécie de frémito animal que percorria em ondas as chapas da carroçaria e lhe fazia estremecer o ventre. Ao sinal verde, o automóvel pareceu serpentear, alongar-se como um fluido, para ultrapassar os que lhe estavam à frente. Curioso. Mas, na verdade, sempre se considerara muito melhor condutor do que o comum. Questão de boa disposição, esta agilidade de reflexos hoje, talvez excepcional. Meio depósito. Se encontrasse um posto de abastecimento a funcionar, aproveitaria. Pelo seguro, com todas as voltas que tinha de dar nesse dia antes de ir para o escritório, melhor de mais que de menos. Este estúpido embargo. O pânico, as horas de espera, em filas de dezenas e dezenas de carros. Diz-se que a indústria irá sofrer as consequências. Meio depósito. Outros andam a esta hora com muito menos, mas se for possível atestar. O carro fez uma curva balançada, e, no mesmo movimento, lançou-se numa subida íngreme sem esforço. Ali perto havia uma bomba pouco conhecida, talvez tivesse sorte. Como um perdigueiro que acode ao cheiro, o carro insinuou-se por entre o trânsito, voltou duas esquinas e foi ocupar lugar na fila que esperava. Boa lembrança.

Olhou o relógio. Deviam estar à frente uns vinte carros. Nada de exagerado. Mas pensou que o melhor seria ir primeiramente ao escritório e deixar as voltas para a tarde, já cheio o depósito, sem preocupações. Baixou o vidro para chamar um vendedor de jornais que passava. O tempo arrefecera muito. Mas ali, dentro do automóvel, de jornal aberto sobre o volante, fumando enquanto esperava, havia um calor agradável, como o dos lençóis. Fez mover os músculos das costas, com uma torção de gato voluptuoso, ao lembrar-se da mulher ainda enroscada na cama àquela hora, e recostou-se melhor no assento. O jornal não prometia nada de bom. O embargo mantinha-se. Um Natal escuro e frio, dizia um dos títulos. Mas ele ainda dispunha de meio depósito e não tardaria a tê-lo cheio. O automóvel da frente avançou um pouco. Bem Hora e meia mais tarde estava a atestar, e três minutos depois arrancava. Um pouco preocupado porque o empregado lhe dissera, sem qualquer expressão particular na voz, de tão repetida a informação, que não haveria ali gasolina antes de quinze dias. No banco, ao lado,

o jornal anunciava restrições rigorosas. Enfim, do mal o menos, o depósito estava cheio. Que faria? Ir directamente ao escritório, ou passar primeiro por casa de um cliente, a ver se apanharia a encomenda? Escolheu o cliente. Era preferível justificar o atraso com a visita, a ter de dizer que passara hora e meia na fila da gasolina quando lhe restava meio depósito. O carro estava óptimo. Nunca se sentira tão bem a conduzi-lo. Ligou a rádio e apanhou um noticiário. Notícias cada vez piores. Estes árabes. Este estúpido embargo.

De repente, o carro deu uma guinada e descaiu para a rua à direita, até parar numa fila de automóveis mais pequena do que a primeira. Que fora aquilo? Tinha o depósito cheio, sim, praticamente cheio, porque diabo de lembrança. Manejou a alavanca das velocidades para meter a marcha atrás, mas a caixa não lhe obedeceu. Tentou forçar, mas as engrenagens pareciam bloqueadas. Que disparate. Agora avaria. O automóvel da frente avançou. Receosamente, a contar com o pior, engatou a primeira. Tudo perfeito. Suspirou de alívio. Mas como estaria a marcha atrás quando tornasse a precisar dela? Cerca de meia hora depois metia meio litro de gasolina no depósito, sentindo-se ridículo sob o olhar desdenhoso do empregado da bomba. Deu uma gorjeta absurdamente alta e arrancou num grande alarido de pneus e acelerações. Que diabo de ideia. Agora ao cliente, ou será uma manhã perdida. O carro estava melhor do que nunca. Respondia aos seus movimentos como se fosse um prolongamento mecânico do seu próprio corpo. Mas o caso da marcha atrás dava que pensar. E eis que teve de pensar mesmo. Uma grande camioneta avariada tapava todo o leito da rua. Não podia contorná-la, não tivera tempo, estava colado a ela. Outra vez a medo, manejou a alavanca, e a marcha atrás engrenou com um ruído suave de sucção. Não se lembrava de a caixa de velocidades ter reagido desta maneira antes. Rodou o volante para a esquerda, acelerou, e de um só arranco o automóvel subiu o passeio, rente à camioneta, e saiu do outro lado, solto, com uma agilidade de animal. O diabo do carro tinha sete fôlegos. Talvez que por causa de toda esta confusão do embargo, tudo em pânico, os serviços desorganizados tivessem feito meter nas bombas gasolina de muito maior potência. Teria a sua graça.

Olhou o relógio. Valeria a pena ir ao cliente? Por sorte apanharia o estabelecimento ainda aberto. Se o trânsito ajudasse, sim, se o trânsito ajudasse, teria tempo. Mas o trânsito não ajudou. Tempo do Natal, mesmo faltando a gasolina, toda a gente vem para a rua, a empatar quem precisa de trabalhar. E ao ver uma transversal descongestionada, desistiu de ir ao cliente. Melhor seria explicar qualquer coisa no escritório e deixar para a tarde. Com tantas hesitações desviara-se muito do centro. Gasolina queimada sem proveito. Enfim, o depósito estava cheio. Num largo ao fundo da rua por onde descia viu outra fila de automóveis, à espera de vez. Sorriu de gozo e acelerou, decidido a passar roncando contra os entangidos automobilistas que esperavam. Mas o carro, a vinte metros, obliquou para a esquerda, por si mesmo, e foi parar, suavemente, como se suspirasse, no fim da fila. Que coisa fora aquela, se não decidira meter mais gasolina? Que coisa era, se tinha o depósito cheio? Ficou a olhar os diversos mostradores, a apalpar o volante, custando-lhe a reconhecer o carro, e nesta sucessão de gestos puxou o retrovisor e olhou-se no espelho. Viu que estava perplexo e considerou que tinha razão. Outra vez pelo retrovisor distinguiu um automóvel que descia a rua, com todo o ar de vir colocar-se na fila. Preocupado com a ideia de ficar ali imobilizado, quando tinha o depósito cheio, manejou rapidamente a alavanca para a marcha atrás. O carro resistiu e a alavanca fugiu-lhe das mãos. No segundo imediato achou-se apertado entre os seus dois vizinhos. Diabo. Que teria o carro? Precisava de levá-lo à oficina. Uma marcha atrás que funciona ora sim ora não, é um perigo.

Tinham passado mais de vinte minutos quando fez avançar o carro até à bomba. Viu chegar-se o empregado e a voz apertou-se-lhe ao pedir que atestasse o depósito. No mesmo instante, fez uma tentativa para fugir à vergonha, meteu uma rápida primeira e arrancou. Em vão. O carro não se mexeu. O homem da bomba olhou-o desconfiado, abriu o depósito, e, passados poucos segundos, veio pedir o dinheiro de um litro, que guardou resmungando. No instante logo, a primeira entrava sem qualquer dificuldade e o carro avançava, elástico, respirando pausadamente. Alguma coisa não estaria bem no automóvel, nas mudanças, no

motor, em qualquer sítio, diabo levasse. Ou estaria ele a perder as suas qualidades de condutor? Ou estaria doente? Dormira ainda assim bem, não tinha mais preocupações da vida que em todos os outros dias dela. O melhor seria desistir por agora de clientes, não pensar neles durante o resto do dia e ficar no escritório. Sentia-se inquieto. Em redor de si, as estruturas do carro vibravam profundamente, não à superfície mas no interior dos aços, e o motor trabalhava com aquele rumor inaudível de pulmões enchendo e esvaziando, enchendo e esvaziando. Ao princípio, sem saber por quê, deu por que estava a traçar mentalmente um itinerário que o afastasse doutras bombas de gasolina, e quando percebeu o que fazia assustou-se, temeu-se de não estar bom da cabeça. Foi dando voltas, alongando e cortando caminho, até que chegou em frente do escritório. Pôde arrumar o carro e suspirou de alívio. Desligou o motor, tirou a chave e abriu a porta. Não foi capaz de sair.

Julgou que a aba da gabardina se prendera, que a perna ficara entalada na coluna do volante, e fez outro movimento. Ainda procurou o cinto de segurança, a ver se o colocara sem dar por isso. Não. O cinto estava pendurado ao lado, tripa negra e mole. Disparate, pensou. Devo estar doente. Se não consigo sair, é porque estou doente. Podia mexer livremente os braços e as pernas, flectir ligeiramente o tronco consoante as manobras, olhar para trás, debruçar-se um pouco para a direita, para o cacifo das luvas, mas as costas aderiam ao encosto do banco. Não rigidamente, mas como um membro adere ao corpo. Acendeu um cigarro, e de repente preocupou-se com o que diria o patrão se assomasse a uma janela e o visse ali instalado, dentro do carro, a fumar, sem nenhuma pressa de sair. Um toque violento de claxon fê-lo fechar a porta, que abrira para a rua. Quando o outro carro passou, deixou descair lentamente a porta outra vez, atirou o cigarro fora e, segurando-se a mãos ambas ao volante, fez um movimento brusco, violento. Inútil, Nem sequer sentiu dores. O encosta do banco segurou-o docemente e manteve-o preso. Que era isto que estava a acontecer? Puxou para baixo o retrovisor e olhou-se. Nenhuma diferença no rosto. Apenas uma aflição imprecisa que mal se dominava. Ao voltar a cara para a direita, para o passeio, viu uma rapariguinha a espreitá-lo, ao



mesmo tempo intrigada e divertida. Logo a seguir surgiu uma mulher com um casaco de abafo nas mãos, que a rapariga vestiu, sem deixar de olhar. E as duas afastaram-se, enquanto a mulher compunha a gola e os cabelos da menina.

Voltou a olhar o espelho e compreendeu o que devia fazer. Mas não ali. Havia pessoas a olhar, gente que o conhecia. Manobrou para desencostar, rapidamente, deitando a mão à porta para fechá-la, e desceu a rua o mais depressa que podia. Tinha um fito, um objectivo muito definido que já o tranquilizava, e tanto que se deixou ir com um sorriso que aos poucos lhe abrandara a aflição. Só reparou na bomba de gasolina quando lhe ia quase a passar pela frente. Tinha um letreiro que dizia «esgotado», e o carro seguiu, sem o mínimo desvio, sem diminuir a velocidade. Não quis pensar no carro. Sorriu mais. Estava a sair da cidade, eram já os subúrbios, estava perto o sítio que procurava. Meteu por uma rua em construção, virou à esquerda e à direita, até uma azinhaga deserta, entre valados. Começava a chover quando parou o automóvel.

A sua ideia era simples. Consistia em sair de dentro da gabardina, torcendo os braços e o corpo, deslizando para fora dela, tal como faz a cobra quando abandona a pele. No meio de gente não se atreveria, mas, ali, sozinho, com um deserto em redor, só longe a cidade que se escondia por trás da chuva, nada mais fácil. Enganara-se, porém. A gabardina aderira ao encosto do banco, do mesmo modo que ao casaco, à camisola de lã, à camisa, à camisola interior, à pele, aos músculos, aos ossos. Foi isto que pensou não pensando quando daí a dez minutos se retorcia dentro do carro aos gritos, a chorar. Desesperado. Estava preso no carro. Por mais que se torcesse para fora, para a abertura da porta por onde a chuva entrava empurrada por rajadas súbitas e frias, por mais que fincasse os pés na saliência alta da caixa de velocidades, não conseguia arrancar-se do assento. Com as duas mãos segurou-se ao tejadilho e tentou içar-se. Era como se quisesse levantar o mundo. Atirou-se para cima do volante, a gemer, apavorado. Diante dos seus olhos, os limpa-vidros, que sem querer pusera em movimento no meio da agitação, oscilavam com um ruído seco, de metrónomo. De longe veio o apito duma fábrica. E logo a seguir, na curva do caminho,

apareceu um homem pedalando numa bicicleta, coberto com uma grande folha de plástico preto, por onde a chuva escorria como sobre a pele de uma foca. O homem que pedalava olhou curiosamente para dentro do carro e seguiu, talvez decepcionado ou intrigado por ver um homem sozinho, e não o casal que de longe lhe parecera.

O que estava a passar-se era absurdo. Nunca ninguém ficara preso desta maneira no seu próprio carro, pelo seu próprio carro. Tinha de haver um processo qualquer de sair dali. À força não podia ser. Talvez numa garagem? Não. Como iria explicar? Chamar a polícia? E depois? Juntar-se-ia gente, tudo a olhar, enquanto a autoridade evidentemente o puxaria por um braço e pediria ajuda aos presentes, e seria inútil, porque o encosto do banco doce ment o prenderia a si. E viriam os jornalistas, os fotógrafos e ele seria mostrado metido no seu carro em todos os jornais do dia seguinte, cheio de vergonha como um animal tosquiado, à chuva. Tinha de arranjar outra maneira. Desligou o motor e sem interromper o gesto atirou-se violentamente para fora, como quem ataca de surpresa.

Nenhum resultado. Feriu-se na testa e na mão esquerda, e a dor causou-lhe uma vertigem que se prolongou, enquanto uma súbita e irreprimível vontade de urinar se expandia, libertando interminável o líquido quente que vertia e escorria entre as pernas para o piso do carro. Quando tudo isto sentiu, começou a chorar baixinho, num ganido, miseravelmente, e assim esteve até que um cão, vindo da chuva, veio ladrar-lhe, esqualido e sem convicção, à porta do carro.

Embraiou devagar, com os movimentos pesados de um sonho de cavernas, e avançou pela azinhaga, fazendo força para não pensar, para não deixar que a situação se lhe figurasse no entendimento. De um modo vago sabia que teria de procurar alguém que o ajudasse. Mas quem poderia ser? Não queria assustar a mulher, mas não restava Outro remédio. Talvez ela conseguisse descobrir a solução. Ao menos não se sentiria tão desgraçadamente sozinho.

Voltou a entrar na cidade, atento aos sinais, sem movimentos bruscos no assento, como se quisesse apaziguar os poderes que o

prendiam. Passava das duas horas e o dia escurecera muito. Viu três bombas de gasolina, mas o carro não reagiu. Todas tinham o letreiro de «esgotado». À medida que penetrava na cidade, ia vendo automóveis abandonados em posições anormais, com os triângulos vermelhos colocados na janela de trás, sinal que noutras ocasiões seria de avaria, mas que significava, agora, quase sempre, falta de gasolina. Por duas vezes viu grupos de homens a empurrar automóveis para cima dos passeios, com grandes gestos de irritação, debaixo da chuva que não parara ainda.

Quando enfim chegou à rua onde morava, teve de imaginar como iria chamar a mulher. Parou o carro em frente da porta, desorientado, quase à beira doutra crise nervosa. Esperou que acontecesse o milagre de a mulher descer por obra e merecimento do seu silencioso chamado de socorro. Esperou muitos minutos, até que um garoto curioso da vizinhança se aproximou e ele pôde pedir-lhe, com o argumento de uma moeda, que subisse ao terceiro andar e dissesse à senhora que lá morava que o marido estava em baixo à espera, no carro. Que viesse depressa, que era muito urgente. O rapaz foi e desceu, disse que a senhora já vinha e afastou-se a correr, com o dia ganho.

A mulher descera como sempre andava em casa, nem sequer se lembrara de trazer um guarda-chuva, e agora estava entreportas, indecisa, desviando sem querer os olhos para um rato morto na berma do passeio, para o rato mole, de pêlo arripiado, hesitando em atravessar o passeio debaixo da chuva, um pouco irritada contra o marido que a fizera descer sem motivo, quando poderia muito bem ter subido a dizer o que queria. Mas o marido acenava de dentro do carro e ela assustou-se e correu. Deitou a mão ao puxador, precipitando-se para fugir à chuva, e quando enfim abriu a porta e viu diante do seu rosto a mão do marido aberta empurrando-a sem lhe tocar. Teimou e quis entrar, mas ele gritou-lhe que não, que era perigoso, e contou-lhe o que acontecia, enquanto ela curvada recebia nas costas toda a chuva que caía e os cabelos se lhe desmanchavam, e o horror lhe crispava a cara toda. E viu o marido, naquele casulo quente e embaciado que o isolava do mundo, torcer-se todo no assento para sair do carro e não conseguir. Atreveu-se a

agarrá-lo por um braço e puxou, incrédula, e não pôde também movê-lo dali. E como aquilo era horrível de mais para ser acreditado, ficaram calados a olhar-se, até que ela pensou que o marido estava doido e fingia não poder sair. Tinha de ir chamar alguém para o tratar, para o levar aonde as loucuras se tratam. Cautelosamente, com muitas palavras, disse ao marido que esperasse um bocadinho, que ela não tardaria, ia procurar ajuda para ele sair, e assim até podiam almoçar juntos e ele telefonaria para o escritório a dizer que estava constipado. E não iria trabalhar da parte da tarde. Que sossegasse, o caso não tinha importância, a ver que não demora nada.

Mas quando ela desapareceu na escada, ele tornou a imaginar-se rodeado de gente, o retrato nos jornais, a vergonha de se ter urinado pelas pernas abaixo, e esperou ainda uns minutos. E quando em cima a mulher fazia telefonemas para toda a parte, para a polícia, para o hospital, lutando para que acreditassem nela e não na sua voz, dando o seu nome e o do marido, e a cor do carro, e a marca, e a matrícula, ele não pôde aguentar a espera e a imaginação, e ligou o motor. Quando a mulher tornou a descer, o automóvel já desaparecera e o rato escorregara da berma do passeio, enfim, e rolava na rua inclinada, arrastado pela água que corria dos algerozes. A mulher gritou, mas as pessoas tardaram a aparecer e foi muito difícil de explicar.

Até ao anoitecer o homem circulou pela cidade, passando por bombas esgotadas, entrando em filas de espera sem o ter decidido, ansioso porque o dinheiro se lhe acabava e ele não sabia o que poderia acontecer quando não houvesse mais dinheiro e o automóvel parasse ao pé duma bomba para receber mais gasolina. E isso só não aconteceu porque todas as bombas começaram a fechar e as filas de espera que ainda se viam apenas aguardavam o dia seguinte, e então o melhor era fugir de encontrar bombas ainda abertas para não ter de parar. Numa avenida muito longa e larga, quase sem outro trânsito, o carro da polícia acelerou e ultrapassou-o, e quando o ultrapassava um guarda fez-lhe sinal para que parasse. Mas ele teve outra vez medo e não parou. Ouviu atrás de si a sireia da polícia e viu, também, vindo não soube donde, um

motociclista fardado quase a alcançá-lo. Mas o carro, o seu carro, deu um ronco, um arranco poderoso e saiu, de um salto, logo adiante, para o acesso dum auto-estrada. A polícia seguia-o de longe, cada vez mais longe, e quando a noite se fechou não havia sinais deles, e o automóvel rolava por outra estrada.

Sentia fome. Urinara outra vez, humilhado de mais para se envergonhar E delirava um pouco: humilhado, himolhado. Ia declinando sucessivamente, alterando as consoantes e as vogais, num exercício inconsciente e obsessivo que o defendia da realidade. Não parava porque não sabia para que iria parar. Mas, de madrugada, por duas vezes, encostou o carro à berma e tentou sair devagarinho, como se entretanto ele e o carro tivessem chegado a um acordo de pazes e fosse a altura de tirar a prova da boa-fé de cada um. Por duas vezes falou baixinho quando o assento o segurou, por duas vezes tentou convencer o automóvel a deixá-lo sair a bem, por duas vezes no descampado nocturno e gelado, onde a chuva não parava, explodiu em gritos, em uivos, em lágrimas, em desespero cego. As feridas da cabeça e da mão voltaram a sangrar. E ele, soluçando, sufocado, gemendo como um animal aterrorizado, continuou a conduzir o carro. A deixar-se conduzir.

Toda a noite viajou, sem saber por onde. Atravessou povoações de que não viu o nome, percorreu longas rectas, subiu e desceu montes, fez e desfez laços e deslaços de curvas, e quando a manhã começou a nascer estava em qualquer parte, numa estrada arruinada, onde a água da chuva se juntava em charcos arripiados à superfície. O motor roncava poderosamente, arrancando as rodas à lama, e toda a estrutura do carro vibrava, com um som inquietante. A manhã abriu por completo, sem que o sol chegasse a mostrar-se, mas a chuva parou de repente. A estrada transformava-se num simples caminho, que adiante, a cada momento, parecia que se perdia entre pedras. Onde estava o mundo? Diante dos olhos eram serras e um céu espantosamente baixo. Ele deu um grito e bateu com os punhos cerrados no volante. Foi nesse momento que viu que o ponteiro do indicador da gasolina estava em cima do zero. O motor pareceu arrancar-se a si mesmo e arrastou o carro por mais

vinte metros. Era outra vez estrada para lá daquele lugar, mas a gasolina acabara.

A testa cobriu-se-lhe de suor frio. Uma náusea agarrou nele e sacudiu-o dos pés à cabeça, um véu cobriu-lhe por três vezes os olhos. Às apalpadelas, abriu a porta para se libertar da sufocação que aí vinha, e nesse movimento, porque fosse morrer ou porque o motor morrera, o corpo pendeu para o lado esquerdo e escorregou do carro. Escorregou um pouco mais, e ficou deitado sobre as pedras. A chuva recomeçara a cair.

# REFLUXO

Primeiramente, pois tudo precisa de ter um princípio, mesmo sendo esse princípio aquele ponto de fim que dele se não pode separar, e dizer «não pode» não é dizer «não quer» ou «não deve», é o estreme não poder, porque se tal separação se pudesse, é sabido que todo o universo desabaria, porquanto o universo é uma construção frágil que não aguentaria soluções de continuidade — primeiramente foram abertos os quatro caminhos. Quatro estradas largas esquartelaram o país, arrancando cada uma delas do seu ponto cardeal, em linha recta ou apenas curva por obediência à curvatura terrestre, e para isso tão rigorosamente quanto possível furando as montanhas, apartando as planícies, e vencendo, equilibradas sobre pilares, os rios e os vales que algumas vezes rios têm também. A cinco quilómetros do sítio onde se cruzariam se essa fosse a vontade dos construtores, ou mais bem dito, se essa fosse a ordem que da pessoa real na altura própria receberam, as estradas plurifurcaram-se numa rede de vias ainda principais e logo secundárias, como grossas artérias que para seguir adiante tiveram de metamorfosear-se em veias e em capilares, a qual rede se achou inscrita num quadrado perfeito obviamente com dez quilómetros de lado. Este quadrado que, também primeiramente, guardada por idênticas razões a observação universal que abre o relato, começara por ser quatro fileiras de marcas de agrimensura dispostas no chão, veio a tornar-se, quando as máquinas que abriam, alisavam e empedravam as quatro estradas apontaram no horizonte, vindas, como foi dito, dos quatro pontos cardiais, tornou-se mais tarde num muro alto, quatro panos de muro que logo se viu e já antes nas pranchetas de desenho se sabia delimitarem cem quilómetros quadrados de terreno raso, ou arrasado, porque algumas operações de desaterro houve de fazer-se. Terreno cuja escolha respondia à primordial necessidade da equidistância daquele lugar às fronteiras, justiça relativa que depois veio a ser afortunadamente confirmada por um elevado teor de cal que nem os mais optimistas ousavam

prever nos seus planos quando lhes foi pedida opinião: tudo isto veio a resultar em maior glória da pessoa real, como desde a primeira hora haveria de ter sido previsto se se prestasse mais atenção à história da dinastia: todos os reis dela tiveram sempre razão, e os outros muito menos, consoante se mandou escrever e ficou escrito. Uma obra assim não poderia ser feita sem uma forte vontade e sem o dinheiro que permite ter vontade e esperança de a satisfazer, razão por que os cofres do país pagavam à cabeça as contas da gigantesca empreitada, para a qual, naturalmente, em seu tempo fora ordenada derrama geral que a toda a população atingiu, não segundo o nível dos rendimentos de cada cidadão mas em função e na ordem inversa da esperança de vida, como foi explicado ser de justiça e compreendido por toda a gente: quanto mais avançada a idade mais alto o imposto.

Muitos foram os feitos assinaláveis em obra de tal tamanho, muitas as dificuldades, não poucas as vítimas mandadas à frente depois de soterradas, caídas de alturas e gritando inutilmente no ar, ou ceifadas de súbito pela insolação, ou de repente congeladas e de pé ficando, linfa, urina e sangue em pedra fria. Todas mandadas à frente. Mas a expressão do génio, a imortalidade provisória, tirando a que, por inerência, estava por mais tempo assegurada ao rei, calhou em sorte e merecimento ao discreto funcionário que foi de parecer serem dispensáveis os portões que, de acordo com o projecto original, deveriam fechar os muros. Tinha razão. Absurdo teria sido construir e colocar portões que haveriam de estar sempre abertos, a todas as horas do dia e da noite. Graças ao atento funcionário, alguns dinheiros vieram a poupar-se, os que corresponderiam a vinte portões, quatro principais e dezasseis secundários, distribuídos igualmente pelos quatro lados do quadrado e segundo uma disposição lógica em cada um: o principal ao meio e dois em cada parte do muro a ele lateral. Não havia portanto portas, mas aberturas onde terminavam as estradas. Os muros não precisavam dos portões para se manterem de pé: eram sólidos, grossos na base até à altura de três metros, e depois adelgaçando em escada até ao cimo, a nove metros do chão. Escusado seria acrescentar que as entradas laterais eram servidas por ramais que



defluíam da estrada principal a distância conveniente. Escusado seria igualmente acrescentar que este esquema, geometricamente tão simples, estava ligado, por meio de enlaces apropriados, à rede rodoviária geral do país. Se tudo vai dar a toda a parte, tudo ia dar ali.

A construção, quatro muros servidos por quatro estradas, era um cemitério. E este cemitério ia ser o único do país. Assim fora decidido pela pessoa real. Quando a suprema grandeza e a suprema sensibilidade se reúnem num rei, é possível um cemitério único. Grandes são os reis todos, por definição e nascimento: algum que o não quisesse ser, em vão quereria (mesmo as exceções doutras dinastias, é entre iguais que o são). Mas sensíveis, serão ou não, e aqui não se fala daquela comum, plebeia sensibilidade que se exprime por uma lágrima ao canto do olho ou por uma tremura irreprimível do lábio, mas duma outra sensibilidade que só desta vez, e neste grau, aconteceu na história do país e não está ainda averiguado se do mundo: a sensibilidade por incapacidade de suportar a morte ou a simples vista de seus aparatos, acessórios e manifestações, seja a dor dos parentes ou os sinais mercantis do luto. Assim era este rei. Como todos os reis, e também os presidentes, tinha de viajar, visitar os domínios, afagar as crianças que o protocolo previamente escolhia para o efeito, receber as flores que a polícia secreta antes investigara em busca de veneno ou bomba, cortar algumas fitas de cores firmes e não tóxicas. Tudo isto e mais ainda o rei fazia de bom grado. Mas em cada viagem sofria mil sofrimentos: morte, por toda a parte morte, sinais de morte, a ponta aguda dum cipreste, a fralda negra duma viúva, e não poucas vezes, dor insuportável, o inesperado cortejo fúnebre que o protocolo imperdoavelmente ignorara ou que por atraso ou adiantamento surgia na hora mais do que todas respeitável em que o rei estava ou ia passando. De cada vez o rei, tornado ao seu palácio em ânsias, supunha morrer ele. E foi por tanto padecer das dores alheias e da sua própria aflição, que um dia em que estava repousando no terraço mais alto do palácio e viu ao longe (porque nesse dia a atmosfera estava límpida como nunca o estivera em toda a história não já daquela dinastia mas de toda aquela civilização) o

resplendor de quatro inconfundíveis paredes brancas, teve a simples ideia que veio a ser o cemitério único, central e obrigatório.

Para um povo que se habituara, durante milénios, a enterrar os seus mortos praticamente à vista dos olhos e das janelas, foi uma revolução terrível. Mas quem temia revoluções passou a temer o caos quando a ideia do rei, naquele passo firme e largo que têm as ideias, mormente quando reais, foi mais longe, foi ao que os maldizentes designaram de delírio: todos os cemitérios do país deveriam ser desatulhados de ossos e de restos, fosse qual fosse o seu grau de decomposição, e tudo isto metido a eito em caixões novos que seriam transportados e enterrados no novo cemitério. A esta ordem não escapavam sequer as régias poeiras dos antepassados do soberano: um novo panteão seria construído, em estilo talvez inspirado nas antigas pirâmides egípcias, e ali, a seu tempo, quando a vida do país regressasse ao antigo e disponível sossego, com todas as honras, pela estrada principal do Norte seguindo entre alas respeitadas de habitantes, iriam dar, enfim última morada, os venerandos ossos de tudo quanto pusera coroa em cima da cabeça desde aquele primeiro que soubera dizer e convencer os outros disso por palavra e violência: «quero uma coroa para a minha cabeça, façam-na». Há quem afirme que esta igualitária decisão foi o que mais contribuiu para aquietar os ânimos de quantos se viam despojados da sua parte de mortos. Naturalmente, também terá tido o seu peso aquela satisfação tácita dos tantos aqueles que, pelo contrário, consideravam ser dever aborrecido as regras e tradições que fazem dos mortos, pela servidão que exigem, seres de transição entre uma já não vida e uma ainda não verdadeira morte. De repente, toda a gente começou a achar que a ideia do rei era a melhor que jamais nascera em cabeça de homem, que nenhum povo podia honrar-se de haver um rei assim, que tendo o destino determinado que tal rei ali nascesse e reinasse, ao povo cabia obedecer-lhe, de feliz coração, e também para conforto dos mortos, não menos merecedores. A história dos povos tem momentos de puro júbilo: este momento o foi, este povo o teve.

Concluído, enfim, o cemitério, começou a grande operação de desenterramento. Nos primeiros tempos, foi fácil: os milhares de cemitérios existentes, entre grandes, médios e pequenos, eram também eles delimitados por muros, e, por assim dizer, no interior do seu perímetro, bastava cavar até à profundidade estipulada de três metros para maior segurança, e sacar tudo, metros cúbicos e metros cúbicos de ossos, tábuas apodrecidas, corpos soltos desmembrados 52 pelos sacões das escavadoras, e depois meter o entulho em caixões de diferentes tamanhos, desde o recém-nascido ao adulto mais reforçado, e em cada um deles despejar um tanto de ossos ou carne, mesmo avulsamente, mesmo dois crânios e quatro mãos, mesmo uma miuçalha de costelas, mesmo um seio ainda firme e um ventre murcho, mesmo, enfim, uma simples esquirola ou o dente de Buda ou a omoplata do santo, ou o que do sangue de S. Januário faltou na ampola miraculosa. Declarou-se o princípio de que cada parte de um morto seria um morto todo, e com isto se alinharam os participantes no infinito funeral que de todos os cantos do país se dirigia, minuciosamente, desde as aldeias, vilas e cidades, por caminhos que se iam tornando cada vez mais largos, até à rede rodoviária geral e dali, pelas ligações de propósito construídas, para as estradas que ficaram sendo chamadas dos mortos.

No começo, como acaba de ser explicado, não houve dificuldades. Mas depois alguém lembrou, se o mérito da ideia não tornou a ser do precioso monarca do país, que antes da intimativa disciplina dos cemitérios os mortos haviam sido enterrados por toda a parte, nos montes e nos vales, nos adros das igrejas, à sombra das árvores, sob o pavimento das próprias casas onde tinham vivido, em qualquer lado que calhasse, apenas um pouco mais fundo do que o fundo a que vai, por exemplo, a ponta do arado. E isto sem falar das guerras, das grandes fossas para milhares de cadáveres, por esse mundo fora de Ásia e Europa e mais continentes, ainda que contendo talvez menos, pois guerras também naturalmente houvera no reino deste rei e portanto corpos enterrados a esmo. Foi, há que confessá-lo, um grande momento de perplexidade. O próprio monarca, se fora dele a nova ideia, só não a calou porque isso lhe

seria impossível. Novas ordens se expediram, e porque o país não podia ser revolido de ponta a ponta, como revolvidos tinham sido os cemitérios, foram os sábios chamados ao rei para ouvirem da real boca a injunção: inventar rapidamente aparelhos capazes de detectar a presença de corpos ou restos enterrados, tal como se haviam inventado aparelhos para encontrar água ou metais. A questão era de tomo, reconheceram os sábios logo reunidos em seminário. Três dias passaram a discutir, e depois cada qual no seu laboratório se fechou. Abriram-se outra vez os cofres do Estado, e nova derrama geral foi lançada. O problema acabou por ser resolvido, mas, como sempre nestes casos, não de uma só vez. Para dar um exemplo, cite-se o caso daquele sábio que inventou um aparelho que dava sinal luminoso e sinal sonoro quando encontrava corpos, mas que tinha o defeito capital de não distinguir entre corpos vivos e corpos mortos. O resultado é que tal aparelho, logicamente manejado por gente viva, se comportava como um possesso, guinchando e agitando ponteiros furiosos, dividido por todas as solicitações vivas e mortas que o rodeavam e, finalmente, incapaz de dar uma informação segura. O país inteiro riu do desastrado homem de ciência, mas honrou-o com laudação e prémio quando ele, meses depois, encontrou a solução, introduzindo no aparelho uma espécie de memória ou ideia fixa: apurando o ouvido conseguia-se perceber no interior do mecanismo uma vez que repetia sem pausa: «só devo encontrar corpos mortos ou restos, só devo encontrar corpos mortos, ou restos, corpos mortos, ou restos, ou restos. . . ».

Afortunadamente, ainda houve aqui um engano, como se vai ver. Mal o aparelho entrou em funcionamento, logo se verificou que, desta vez, não distinguia entre corpos humanos e os outros não humanos, mas este novo defeito, razão por que antes foi dito que afortunadamente, mostrou ser um bem: quando o rei compreendeu o perigo a que escapara, teve um calafrio: de facto, toda a morte é morte, mesmo a não humana; de nada servirá tirar de diante dos olhos os homens mortos, se continuam a cair os cães, os cavalos, e as aves. E o mais, com excepção talvez dos insectos, que só por metade são orgânicos (como era convicção muito firme da ciência do

país e do tempo). Então foi ordenada a grande investigação, o ciclópico trabalho que durou anos. Não ficou nem um palmo de terra por sondar até em sítios de memória de homem desabitados desde sempre: não escaparam as mais altas montanhas; não escapou o fundo dos rios, onde sob o lodo vieram a ser encontrados milhares de afogados; não escapou o segredo das raízes, algumas vezes enredadas no que restava de quem por cima de si quisera ou acontecera ter a necessidade de seiva que a árvore tem. Também não escaparam as estradas, que foi preciso levantar em muitos sítios e tornar a construir. Finalmente, o reino viu-se liberto da morte. No dia em que o rei, oficialmente, por sua própria boca e voz, declarou que o país se encontrava limpo de morte (palavra sua), decretou-se feriado e festa nacional. Em dias destes é costume morrerem sempre umas tantas pessoas a mais do que a norma, por via de desastres, agressões, etc., mas o serviço nacional de vida (assim fora denominado) usava de meios modernos e rápidos: verificado o óbito, o corpo seguia imediatamente pelo caminho mais curto para a grande estrada dos mortos, a qual, necessariamente, passara a ser considerada, para todos os efeitos, terra de ninguém. Livre dos mortos, o rei entrava na felicidade. Quanto ao povo, haveria de habituar-se.

O primeiro hábito a recuperar iria ser o do sossego, aquele sossego da mortalidade natural que permite às famílias passarem a salvo de lutos durante anos consecutivos, e às vezes muitos no caso de não serem as ditas famílias numerosas. Pode-se dizer, sem hipérbole, que o tempo da transladação foi um tempo de luto nacional, no sentido mais rigoroso da expressão, uma espécie de luto que vinha de debaixo da terra. Sorrir, naqueles dolorosos anos, teria sido, para quem o ousasse, uma degradação moral: não é próprio sorrir quando um parente, mesmo afastado, mesmo primo de primo, está a ser levantado da cova, inteiro ou aos bocádos, ou cai de alto, do balde da escavadora, para dentro do caixão novo, um tanto por cada caixão, como quem enche formas de doces ou de tijolos. Após aquele longuíssimo período em que a expressão fisionómica das pessoas fora correntemente a de uma nobre e serena dor, voltava o sorriso, o riso, e mesmo a gargalhada, ou a

troça, ou o escárnio, e antes a ironia e o humor, voltava tudo isto a retomar o que de sinal de vida contém ou de escondida luta contra a morte.

Mas o sossego não era apenas o de um espírito regressado aos carris do costume, após a grande colisão, era também o do corpo, porque não podem palavras dizer o que representou para a população viva o esforço requerido e por tanto tempo. Não foi só a construção civil, a abertura de estradas, as pontes, os túneis, os viadutos; não foi só a investigação científica, de que já foi dada uma pálida e parcelar ideia; foi também a indústria das madeiras, desde o abate das árvores (florestas e florestas) ao corte das tábuas, à secagem por processos acelerados, à montagem de urnas e caixões que exigiu a instalação de grandes conjuntos mecânicos para a produção em série; foi também, como mesmo agora ficou apontado, a reconversão temporária da indústria metalo-mecânica para satisfazer os pedidos de maquinaria e outro material, a começar pelos pregos e pelas dobradiças; foram os têxteis, a passamanaria, para forros e galões; foi a indústria dos mármore e cantarias, de repente esventrando por sua vez a terra para responder à exigência de tantas pedras sepulcrais, de tantas cabeceiras esculpidas ou simples; e pequenas actividades quase artesanais, como a pintura de letras a negro ou a ouro, a do esmalte fotográfico, a da latoaria e da vidraria, a das flores artificiais, a das velas e círios, etc., etc., etc. Mas talvez o maior esforço ainda tenha sido, e sem ele nenhuma parte da obra poderia ter ido por diante, o da indústria de transportes. Também não saberão dizer palavras o que esse esforço foi, desde o seu ponto de origem, a indústria de camiões e outros carros pesados, forçada por sua vez a reverter-se, a modificar planos de produção, a organizar novas cadeias de montagem, até à entrega dos caixões no cemitério novo: tente-se imaginar a complexidade da planificação de horários integrados, os tempos de deslocação e convergência, a sucessiva entrada dos caudais de trânsito em fluxos progressivamente mais sobrecarregados, tudo isto se harmonizando com a circulação normal dos vivos, tanto nos dias úteis como nos dias feriados, tanto para passeio como por obrigação, e sem esquecer as infra-estruturas: restaurantes e

pousadas ao longo do percurso para que os camionistas se alimentassem e dormissem, parques de estacionamento para os grandes camiões, algumas distrações para alívio das tensões do espírito e do corpo, linhas telefónicas, instalações de socorros e assistência, oficinas de reparações mecânicas e eléctricas, postos de abastecimento de gasóleo, óleo, gasolina, pneus, peças sobressalentes, etc. Tudo isto, como é tão fácil ver, animava por sua vez outras indústrias num circuito de revivificação mútua, geradora de riqueza, ao ponto de se ter atingido, no nível mais alto da curva de produção, o pleno emprego. Naturalmente, a esse período seguiu-se uma depressão, que aliás não surpreendeu ninguém, pois estava nas previsões dos peritos de economia. O efeito negativo desta depressão veio a ser abundantemente compensado, tal como haviam previsto os psicólogos sociais, pelo irreprimível desejo de repouso que, atingido o ponto de saturação ocupacional, começou a manifestar-se na população. Entrava-se realmente na normalidade.

No centro geométrico do país, aberto aos quatro ventos principais, está o cemitério. Muito menos da quarta parte dos seus cem quilómetros quadrados foi ocupada pelos corpos transladados, e isto levou um grupo de matemáticos a pretender demonstrar, com contas na mão, que o terreno utilizado para a nova inumação teria de ser muito maior, tendo em consideração o número provável de mortos desde o começo do povoamento do país, a ocupação média de espaço por corpo, mesmo descontando os que, sendo pó e poeira, já não podiam ser recuperados. O enigma, se realmente o era, ficou para entretenimento das gerações, como a quadratura do círculo ou a duplicação do cubo, pois os sábios cultores das disciplinas ligadas ao biológico provaram perante o rei que não ficara em todo o país um só corpo digno desse nome por levantar. Após ter reflectido profundamente, entre confiança e cepticismo, o rei baixou um decreto que dava o desacordo por encerrado: foi para ele argumento decisivo o alívio que passou a sentir quando regressou às suas viagens e visitas: se não via a morte, era porque toda a morte se retirara.

A ocupação do cemitério, embora o plano inicial obedecesse a critérios mais racionais, fez-se da periferia para o centro. Primeiro

junto às portas e rente aos muros, depois segundo uma curva que começou por se aproximar da radial perfeita e se tornou ciclóide com o tempo, aliás fase também transitória sobre cujo futuro não compete a este relato ocupar-se. Mas esta por assim dizer moldura interna, ondulando ao longo dos muros, isolada por eles, reflectiu-se, ainda durante o trabalho de transladação, quase simetricamente, numa forma de correspondência viva do lado de fora deles. Não se previra que tal acontecesse, mas não faltou quem afirmasse que só um tolo o não adivinharia.

O primeiro sinal, como um pequeníssimo esporo que viria a rebentar em planta, e esta em tufo, em maciço, em mato cerrado, foi, ao lado duma das portas secundárias do muro do Sul, uma improvisada tenda para comércio de refrescos e outras bebidas. Mesmo restaurados pelo caminho, os transportadores estimaram encontrar ali restauro novo. Depois, outras pequenas lojas de ramos comerciais idênticos ou afins se instalaram junto daquela e das mais portas, e quem as explorava teve de construir ali necessariamente as suas casas, primeiro toscas, de pé no ar, logo de materiais firmes, o tijolo, a pedra, a telha, para ficar e durar. Vale a pena observar de passagem que desde essas primeiras construções se distinguiram, a) subtilmente, b) pelas mostras da evidência, os teores sociais, se assim se pode dizer, dos quatro lados do quadrado. Como todos os países, também este não era uniformemente povoado, nem, apesar de ser grande a real complacência, os seus habitantes eram socialmente semelhantes: havia ricos e havia pobres, e a distribuição de uns e outros obedecia a razões universais: o pobre atrai o rico até uma distância eficaz para o rico; por sua vez, o rico atrai o pobre, o que não significa que a eficácia (denominador constante do processo) opere em proveito do pobre. Se pelas razões aplicadas aos vivos o cemitério, após a transladação geral, começou a compartimentar-se por dentro, também começou a distinguir-se por fora. Quase não seria preciso explicar porquê. Sendo a região de mais ricos do país a região do Norte, esse lado do cemitério tomou, no seu modo monumental de ocupar o espaço, uma expressão social oposta, por exemplo, à do lado sul, que precisamente correspondia à região mais miserável. O mesmo se passava, no geral, quanto aos



Outros lados. Cada qual com seu igual. Embora de uma maneira menos definida, o lado de fora acompanhava o lado de dentro. Por exemplo, as floristas, que rapidamente foram aparecendo nos quatro lados do quadrado, não vendiam todas a mesma produção: havia-as que expunham e vendiam flores preciosas, criadas em jardins e estufas com grande despesa, outras eram gente modesta que ia colher as flores espontâneas dos campos em redor. E quem diz flores, diz todo o mais que ali se foi instalando, como era de prever, diziam agora os funcionários cumulados de requerimentos e reclamações. Não se deve esquecer que o cemitério tinha uma administração complexa, orçamento próprio, milhares de coveiros.

Nos primeiros tempos, os funcionários das diferentes categorias viveram no interior do quadrado, na parte central, muito longe das vistas das sepulturas. Mas depressa se levantaram os problemas da hierarquia, dos abastecimentos, das escolas para as crianças, dos hospitais, das maternidades. Que fazer? Construir uma cidade dentro do cemitério? Seria voltar ao princípio, sem contar que com o passar dos anos a cidade e o cemitério se invadiriam mutuamente, penetrando os jazigos pelos espaços das ruas ou sendo os prédios delas, circulando as ruas em redor dos jazigos à procura de terreno para as casas. Seria voltar à antiga promiscuidade, agravada agora por se passarem as coisas dentro de um quadrado de dez quilómetros de lado com poucas saídas para o exterior. Houve então que escolher entre uma cidade de vivos rodeada por uma cidade de mortos, ou, única alternativa, uma cidade de mortos cercada por quatro cidades de vivos. Quando a escolha foi formalizada e se tornou claro, além do mais, que os acompanhantes dos cortejos fúnebres nem sempre podiam fazer imediatamente a viagem de retorno, muitas vezes longa e de muita fadiga, quer por falta de forças quer por não serem capazes de bruscamente se arrancarem aos entes queridos, as quatro cidades exteriores viveram uma urbanização acelerada, por isso mesmo caótica. Havia pensões em todas as ruas e de todas as categorias, hotéis de uma, duas, três, quatro, cinco estrelas e luxo, bordéis em quantidade, igrejas de todas as confissões reconhecidas por lei e algumas clandestinas, lojas familiares e grandes armazéns, casas

inúmeras, edifícios de escritórios, repartições públicas, instalações municipais várias. Depois vieram os transportes colectivos, o policiamento, a circulação forçada, o problema do trânsito. E um certo grau de delinquência. Uma única ficção se conservava: manter os mortos fora da vista dos vivos, e portanto nenhum edifício podia ter mais de nove metros de altura. Porém, isso mesmo veio a resolver-se mais tarde, quando um arquitecto imaginoso reinventou o ovo de Colombo: muros mais altos que nove metros para prédios mais altos que nove metros.

Com o correr do tempo, o muro do cemitério tornou-se irreconhecível: em vez da lisa uniformidade inicial prolongada por quarenta quilómetros, passou a ver-se um denticulado irregular, variável também na intensidade e na altura, consoante o lado do muro. Ninguém tem já lembrança de quando foi considerado conveniente mandar colocar enfim os portões do cemitério. O funcionário que tivera a ideia de poupar a despesa, passara morto para o lado de dentro e já não podia defender a sua em tempo boa tese, insustentável agora, como ele próprio teria a isenção de reconhecer: começaram a correr histórias de almas do outro mundo, de fantasmas e aparições — que mais fazer senão instalar os portões? Quatro grandes cidades se interpuseram assim entre o reino e o cemitério, cada uma virada ao seu ponto cardeal, quatro cidades inesperadas que começaram por chamar-se Cemitério-Norte, Cemitério-Sul, Cemitério-Oriente, Cemitério-Occidente, mas que depois foram mais benignamente baptizadas e denominadas, pela ordem, Um, Dois, Três e Quatro, porquanto haviam sido vãs todas as tentativas para lhes atribuir nomes mais poéticos ou comemorativos. Estas quatro cidades eram quatro barreiras, quatro muralhas vivas de que o cemitério se rodeava e com elas se protegia. O cemitério representava cem quilómetros quadrados de quase silêncio e solidão, cercados pelo formigueiro exterior dos vivos, por gritos, buzinas, risos, palavras soltas, roncões de motores, pelo interminável sussurro das células. Chegar ao cemitério já era uma aventura. No interior das cidades, ao fim dos anos, ninguém conseguia reconstituir o traçado rectilíneo das antigas estradas. Dizer por onde haviam passado, era fácil: bastaria pôr-se no enfiamento do portão

principal de cada lado. Mas, tirando alguns pedaços maiores de pavimento reconhecível o restante perdia-se na confusão dos prédios e das ruas primeiro improvisadas e depois sobrepostas ao primeiro traçado. Só em campo aberto a estrada ainda era a estrada dos mortos.

E o agora inevitável aconteceu, apenas ficando por saber, em definitivo, quem começou e quando. Uma investigação sumária, mais tarde feita, apurou casos na própria periferia exterior da Cidade Dois, a mais pobre de todas, virada ao sul, como já foi dito: corpos enterrados em pequenos quintais familiares, por baixo de flores vivas que se renovavam todas as primaveras. Por esse mesmo tempo, como aquelas grandes invenções que em vários cérebros irrompem simultaneamente porque chegou o tempo do seu amadurecimento, em lugares pouco povoados do reino, certas pessoas decidiram, por muitas, diferentes e às vezes opostas razões, enterrar os mortos ali ao pé, no interior de grutas, ao lado de carreiros de florestas ou na encosta abrigada de montes. A fiscalização andava então muito menos activa e abundavam os funcionários que consentiam em deixar-se subornar. O serviço geral de estatística informou, de acordo com os registos oficiais, que estava a verificar-se uma acentuada baixa da mortalidade, o que, logicamente, começou por ser levado a crédito da política sanitária do governo, sob a suprema autoridade do rei. As quatro cidades do cemitério sentiram as consequências do menor fluxo de mortos. Certos negócios sofreram prejuízos, houve não poucas falências, algumas fraudulentas, e quando enfim se reconheceu que a real política de saúde, por excelente que fosse, não ia a caminho de conceder imortalidade, foi baixado um decreto ferocíssimo para reconduzir as populações à obediência. Não serviu de muito: após um breve fogacho de animação, as cidades estagnaram e decaíram. Devagar, tão devagar, o reino começou a repovoar-se de mortos. O grande cemitério central, por fim, recebia apenas cadáveres das quatro cidades circundantes, cada vez mais abandonadas, mais silenciosas. A isto, porém, já o rei não assistiu.

Era muito velho o rei. Um dia, quando estava no terraço mais alto do palácio, viu, mesmo tendo já tão cansados os olhos, a ponta

aguda de um cipreste que rompia por cima de quatro muros brancos, talvez de quintal podendo ser, e talvez fosse, e não de morte o sinal da árvore. Mas há coisas que se adivinham sem dificuldade, principalmente quando se chega a muito velho. O rei juntou na sua cabeça as notícias e os rumores, o que lhe diziam ó o que lhe ocultavam, e percebeu que chegara a hora de compreender. Com um guarda atrás de si, como determinava o protocolo, desceu ao parque do palácio. Arrastando o seu manto real, seguiu devagar por uma álea que ia dar ao coração fechado do bosque. Ali numa clareira se deitou, sobre as folhas secas se deitou, e estando deitado olhou o guarda que se ajoelhara, e disse antes de morrer: «Aqui.»

# COISAS

A porta, alta e pesada, ao fechar-se, raspou as costas da mão direita do funcionário e deixou um arranhão fundo, vermelho, quase sem sangrar. A pele ficara dilacerada, não por igual, levantada em alguns pontos logo dolorosos, porque a saliência ou aspereza agressora, naturalmente, não mantivera a pressão contínua e o arrastamento de contacto que faria do arranhão ferida aberta, com os lábios separados e o correr rápido e espalhado do sangue. Antes de entrar no pequeno gabinete onde cumpriria o seu turno com princípio daí a dez minutos e que se prolongaria por cinco horas seguidas, o funcionário dirigiu-se ao serviço médico (sm) para um tratamento rápido: nas suas funções, tinha de atender o público, e um vergão de tão feio aspecto não devia ser exibido. Enquanto desinfectava o ferimento, o enfermeiro, informado das circunstâncias do acidente, disse que era o terceiro caso nesse dia. Causado pela mesma porta.

— Suponho que vão retirá-la — acrescentou.

Com um pincel, passou sobre o arranhão um líquido incolor que secou rapidamente, tomando a cor da pele.

E não só a cor, a textura opaca que não deixava adivinhar o que acontecera. Só olhando de muito perto se poderia distinguir a sobreposição. À vista, não havia sinal de ferimento.

— Amanhã, já pode tirar a película. Doze horas são suficientes.

O enfermeiro mostrava-se preocupado. Perguntou: — Sabe o que se passa com o sofá? O grande, da sala de espera.

— Não. Cheguei agora mesmo, para o turno da tarde.

— Foi preciso trazê-lo para aqui. Está na sala ao lado.

— Porquê?

— A razão exacta, não sabemos. O médico observou-o imediatamente, mas não fez diagnóstico. Nem precisava de fazer. Um cidadão utente foi queixar-se de que o sofá aquecia de mais. E tinha razão. Eu próprio verifiquei.

— Algum defeito de fabrico.

— Sim. Provavelmente. A temperatura está demasiado alta.

Noutras ocasiões, e foi também o que o médico disse, seria um caso de febre.

— Bem. Não é inédito. Há dois anos, soube de um caso igual. Um amigo meu teve de devolver à fábrica um sobretudo quase novo. Era impossível aguentá-lo vestido.

— E depois?

— Depois, nada. A fábrica entregou-lhe outro em substituição. Não tornou a haver razão de queixa.

Olhou o relógio: ainda tinha dez minutos. Teria? Estava pronto a jurar que na altura em que se arranhara faltavam precisamente os mesmos dez minutos. Ou falhara desta vez o hábito de consultar o relógio ao entrar no edifício.

— Posso ver o sofá?

O enfermeiro abriu uma porta translúcida: — Está ali.

O sofá era comprido, de quatro lugares, já com sinais de uso, mas em bom estado geral.

— Quer experimentar? — perguntou o enfermeiro.

O funcionário sentou-se.

— Então?

— Muito desagradável, de facto. Vale a pena o tratamento?

— Estou a aplicar injeções de hora a hora. Por enquanto, não noto diferença. E está na altura de outra injeção.

Preparou a seringa, aspirou para dentro dela o conteúdo dum grande ampola e espetou rapidamente a agulha no sofá.

— E se não ficar bom? — perguntou o funcionário.

— O médico dirá. Este é o tratamento específico. Quando não resulta, caso perdido, volta para a fábrica.

— Bem. Vou para o meu trabalho. Obrigado.

No corredor, viu outra vez as horas. Continuavam a faltar dez minutos. Estaria o relógio parado? Encostou-o ao ouvido: o tiquetaque soava com nitidez, embora um pouco amortecido, mas os ponteiros não se moviam. Compreendeu que ia chegar muito atrasado. Detestava isso. É certo que o público não seria prejudicado, uma vez que o colega a quem teria de render não podia

abandonar o gabinete enquanto ele não chegasse. Antes de empurrar a porta, deitou novo olhar ao relógio: na mesma. Ao ouvi-lo entrar, o colega levantou-se, disse algumas palavras para as pessoas que aguardavam atrás do postigo, do lado de fora, e fechou-o. Era do regulamento. A substituição dos funcionários fazia-se com brevidade, mas sempre à porta fechada.

— Vem atrasado.

— Desconfio que sim. Desculpe.

— Passam quinze minutos da hora. Vou ter de participar.

— Com certeza. O meu relógio parou. Foi por causa dele. Mas o que é estranho é ele continuar a trabalhar.

— Continua a trabalhar?

— Não acredita? Ora veja.

Olharam os dois o relógio.

— É realmente estranho.

— Repare nos ponteiros. Não se mexem. Mas ouve-se o tiquetaque.

— Sim, ouve-se. Não participarei o atraso, mas acho que deve informar superiormente o que acontece com o seu relógio.

— Evidentemente.

— Tem havido bastantes casos estranhos nestas últimas semanas. O governo está atento e vai com certeza providenciar.

Alguém bateu na placa leitosa do postigo. Os dois funcionários assinaram o registo de saída e entrada.

— Cuidado com a porta principal — avisou o que ficava.

— Arranhou-se? Então foi o terceiro, hoje.

— E a febre do sofá, soube?

— Toda a gente sabe.

— É estranho, não?

— É, embora não seja raro. Até segunda-feira.

— Bom fim-de-semana.

Abriu o postigo. Havia apenas três pessoas à espera. Pediu desculpa, como determinava o regulamento, e recebeu da primeira — um homem alto, bem vestido, de meia-idade — o cartão identificativo. Introduziu-o no verificador, analisou os sinais luminosos que apareceram e devolveu o cartão: — Muito bem. Que

pretende? Por favor, seja breve. Eram também frases que o regulamento estipulava.

O cliente respondeu sem hesitar: — Serei breve. Desejo um piano.

— Actualmente, não há muitos pedidos desse objecto. Digame se é indispensável.

— Há dificuldades excepcionais?

— Só as da matéria-prima. Para quando o quer?

— Dentro de quinze dias.

— Quase seria mais fácil dar-lhe a lua agora mesmo. Um piano exige material muito qualificado, de alta qualidade, ou de raridade, se prefere que me exprima assim.

— Esse piano é para um presente de aniversário.

Compreende?

— Decerto. Poderia, no entanto, ter vindo fazer a sua requisição mais cedo.

— Não me foi possível. Lembro-lhe que sou um cidadão utente das primeiras precedências.

Ao mesmo tempo que dizia estas palavras, o utente abriu a mão direita, com a palma para cima mostrando um C verde tatuado na pele. O funcionário olhou a letra, depois o mostrador que conservava ainda os sinais verificados e acenou a cabeça afirmativamente: — Tomei boa nota. Terá o seu piano de hoje a quinze dias.

— Muito obrigado. Quer que pague por inteiro, ou basta um sinal?

— Basta um sinal.

O utente tirou a carteira do bolso e pôs o dinheiro necessário em cima do balcão. As notas eram rectângulos de material fino e flexível, de cor única mas com tonalidades diferentes, como diferentes eram também os pequenos rostos emblemáticos que as distinguiam. O funcionário contou-as. Quando as reunia para guardá-las no cofre, uma delas enrolou-se subitamente e apertou-lhe um dedo.

O cliente disse: — Sucedeu-me o mesmo hoje. A casa da moeda deveria ser mais rigorosa na fabricação das notas.



— Apresentou relatório?

— Naturalmente, como era meu dever.

— Muito bem. Os serviços de inspecção poderão confrontar as duas participações, a sua e a minha. Aqui tem os documentos. Na data aí marcada dirija-se ao serviço de entregas. Mas, como a sua precedência é C, julgo que o piano lhe será levado a casa.

— Assim tem acontecido sempre com as minhas requisições.  
Boas tardes.

— Boas tardes.

Cinco horas depois o funcionário estava outra vez diante da porta principal. Estendeu a mão direita para o puxador, calculou bem a distância, e, num movimento rapidíssimo, abriu a porta e passou para o outro lado, a salvo. A porta, com um som abafado que parecia um suspiro, obedeceu ao amortecedor e fechou-se muito devagar. Era quase noite. Trabalhar no segundo turno dava algumas satisfações: clientela superior, fornecimentos de qualidade, e a possibilidade de ficar na cama mais tempo de manhã, embora no Inverno, com os dias curtos, fosse um pouco deprimente sair do interior bem iluminado para o crepúsculo, demasiado cedo e também demasiado tarde. Mas agora, embora o céu estivesse anormalmente encoberto, havia uma boa temperatura de fim do Verão e era agradável o pequeno passeio.

Não morava longe. Não dava sequer tempo de ver a cidade transformar-se para as suas horas nocturnas. Algumas centenas de metros que percorria a pé, com chuva ou sol, porque os motoristas de táxi não estavam autorizados a fazer percursos tão pequenos e nenhum itinerário de autocarro tinha paragem na sua rua. Meteu as mãos nos bolsos do casaco e sentiu a carta que se esquecera de deitar no marco postal quando saíra de casa para o serviço de requisições especiais (sre) onde trabalhava. Manteve a carta agarrada, para não se esquecer mais uma vez, e desceu as escadas da passagem subterrânea por onde chegaria ao outro lado da avenida. Atrás de si vinham duas mulheres que conversavam: — Não calculas como o meu marido ficou esta manhã. E eu, mas ele deu primeiro pelo que tinha acontecido.

— É de dar em doido, realmente.

- Ficámos os dois de boca aberta, a olhar um para o outro.
- Mas, durante a noite, nenhum de vocês ouviu barulho?
- Nada. Nem ele nem eu.

As vozes sumiram-se. As mulheres tinham virado para um túnel que seguia noutra direcção. O funcionário murmurou: «De que estariam elas a falar?» E isso fê-lo pensar no modo como lhe correra o dia, na sua mão direita que segurava a carta dentro do bolso, no arranhão fundo que a porta lhe fizera, no sofá com febre, no relógio que continuava a trabalhar, mas com os ponteiros parados dez minutos antes da hora de entrar no emprego. E a nota que se lhe enrolara no dedo. Sempre houvera incidentes deste género, não muito graves, apenas incómodos, embora em certos períodos com aborrecida frequência. Apesar dos esforços do governo (g) nunca fora possível acabar com eles, e, verdadeiramente, ninguém esperava que tal se conseguisse. Tempo houve em que o processo de fabrico tinha atingido um tal grau de perfeição, que os defeitos vieram a tornar-se raríssimos, a ponto de o governo (g) compreender que não era conveniente retirar aos cidadãos utentes (pelo menos aos das precedências A, B e C) o gosto cívico e o prazer da reclamação. A própria segurança do regime fabril o aconselhava. Foram por isso dadas às fábricas instruções para diminuir as normas de exigência. Contudo, não eram essas ordens as responsáveis por uma autêntica epidemia de má qualidade de fabrico que se verificava há dois meses. Como funcionário do serviço de requisições especiais (sre), estava em boa situação para saber que o governo revogara há mais de um mês as ordens e impusera padrões de qualidade óptima. Sem resultado. Dos casos que podia recordar, este da porta era certamente o mais inquietante. Não se tratava de um objecto qualquer, de um utensílio simples, mesmo um móvel, como o sofá da entrada, mas sim de uma peça de grandes dimensões. Que o sofá também não era pequeno. No entanto, tratava-se de um móvel de interior, ao passo que a porta era já parte do edifício, senão a mais importante dele. Afinal, é a porta que transforma um espaço apenas limitado num espaço fechado. O governo (g) acabara por nomear uma comissão encarregada de estudar os acontecimentos e propor medidas. O melhor equipamento de

computação fora posto às ordens desse grupo de peritos, que incluía, além de especialistas de electrónica, as melhores autoridades nos campos da sociologia, da psicologia e da anatomia, indispensáveis nestes casos. O despacho que criara a comissão fixava o prazo de quinze dias para a apresentação de relatório e propostas. Ainda faltavam dez dias e era evidente que a situação piorava.

Começou a cair uma chuva quase poeira de água, imponderável, aérea. À distância, o funcionário viu o marco postal onde deveria meter a carta. Pensou: «Não posso esquecer-me outra vez.» Um grande camião coberto virou a esquina próxima, passou por ele. Tinha escrito em grandes letras: «Alcatifas e passadeiras». Ali ia um sonho que nunca conseguira realizar: alcatifar a casa. Mas um dia, se tudo corresse bem. O camião acabou de passar. O marco postal desaparecera. O funcionário supôs que se tinha desorientado, que mudara de direcção enquanto pensava na alcatifa, atraído pelas letras. Olhou em redor, surpreendido, mas também surpreendido por não se sentir assustado. Apenas uma inquietação vaga, talvez nervosismo, como quem está diante de um problema de raciocínio cuja solução por pouco escapa. Não havia qualquer marco postal nem vestígio dele. Aproximou-se do local onde deveria estar, onde há tantos anos o via, com aquele corpo cilíndrico pintado de azul e a fenda rectangular, boca permanentemente aberta, muda, só entrada para um estômago. A terra em que o marco assentara estava um pouco revolvida e ainda seca. Um polícia aproximou-se a correr: — Assistiu ao desaparecimento? — perguntou.

— Não. Mas foi por pouco. Se não fosse ter passado um camião na minha frente, teria visto.

O polícia tomava notas num caderno. Depois fechou-o, empurrou com o pé um torrão que passara da cavidade para o nível da rua, e disse, no tom de quem apenas reflecte em voz alta: — Se estivesse a olhar, quem sabe se o marco desapareceria.

E afastou-se, ao mesmo tempo que apalpava o coldre da pistola.

O funcionário do serviço de requisições especiais (sre) deu a volta a todo o quarteirão, até onde sabia que existia outro marco.

Este não desaparecera. Meteu rapidamente a carta, ouviu-a cair na rede do fundo e voltou pelo mesmo caminho. Pensou: «E se este marco também desaparece? Para onde iria a minha carta?» Não era ela que o preocupava (tratava-se de um assunto simples, de rotina), mas o problema, por assim dizer, metafísico. Comprou na tabacaria o jornal da noite, que dobrou e meteu no bolso. Agora chovia um pouco mais. No lugar onde o marco desaparecera, havia já uma pequena poça de água. Uma mulher, abrigada debaixo de um guarda-chuva, veio com uma carta. Só no último instante deu pela situação.

— O marco? — perguntou.

— Não está cá — respondeu o funcionário.

A mulher, furiosa: — Não podem fazer isto. Tirar daqui o marco sem primeiro avisar os moradores. Devíamos todos apresentar reclamação.

E virou costas, afirmando, com grandes gestos, que no dia seguinte se queixaria.

O prédio onde o funcionário morava era perto. Abriu a porta com muitas precauções, ao mesmo tempo que se repreendia a si mesmo: «Irei passar a ter medo das portas?» Ligou o interruptor da luz da escada e dirigiu-se ao ascensor. Pendurado da grade, havia um letreiro: «Avariado».

Ficou aborrecido, irritado, não tanto por ter de subir a pé (morava num andar baixo, o segundo), mas porque no quinto lanço da escada faltavam três degraus desde há uma semana, o que o obrigava a certas cautelas e a algum esforço. Os serviços de abastecimentos correntes (sac) estavam a funcionar mal. Noutra ocasião, diria que se tratava de incompetência da direcção. Ou talvez demasiados pedidos para atender. Ou falta de pessoal. Ou falta de matéria-prima. Mas agora o motivo seria outro, e nele não queria pensar. Subiu a escada sem pressa, a preparar-se mentalmente para a pequena acrobacia que tinha de realizar: galgar o vão correspondente à ausência dos três degraus, de baixo para cima, mais difícil portanto, e à força de pulso e de extensão de perna. Então viu que não eram três os degraus que faltavam, mas quatro.

Repreendeu-se uma vez mais, agora pela pouca memória, e após algumas tentativas falhadas conseguiu alcançar o degrau de cima.

Vivia sozinho e solteiro. Fazia a sua própria comida, mandava lavar fora a roupa, gostava do emprego. De um modo geral, considerava-se um homem satisfeito. Difícil era não o ser: o país excelentemente administrado, as funções bem repartidas, o governo capaz e com grande experiência de transformação industrial. Quanto a estes mais recentes problemas, também acabariam por ser resolvidos. Como era ainda cedo para jantar, sentou-se a ler o jornal, o que aliás sempre fazia, formulando inconscientemente a mesma inútil justificação, ou melhor, sem consciência da inutilidade dela. Na primeira página havia uma nota oficiosa do governo (nog) acerca das deficiências verificadas nos últimos tempos em diversos objectos, utensílios, máquinas e instalações. Prometia-se breve remédio para a situação, considerada não alarmante, referia-se novamente o trabalho da comissão nomeada, a que era agregado agora um especialista de parapsicologia. Não se fazia qualquer alusão a desaparecimentos.

Dobrou o jornal cuidadosamente e pô-lo sobre uma mesa baixa, aos pés. Viu as horas no relógio de parede: ainda faltavam alguns minutos para o começo da emissão de televisão. A regularidade do seu quotidiano fora afectada pelos acontecimentos, sobretudo pelo desaparecimento do marco postal, que o fizera perder algum tempo. Em geral, tinha tempo de ler o jornal todo, preparar um jantar simples e instalar-se em frente do televisor, a ouvir as notícias e a comer. Depois levava para a cozinha o prato, o copo e o talher, e regressava à cadeira confortável onde se deixava ficar, ora olhando ora dormitando, até ao fim da emissão. Perguntou a si mesmo como faria hoje, e não pensou em procurar resposta. Estendeu a mão e ligou o aparelho: ouviu um silvo, o mostrador foi-se iluminando aos poucos até aparecer a mira de afinação, um complicado sistema de riscos verticais, horizontais e oblíquos, de superfícies claras e escuras. Deixou-se ficar a olhar, distraidamente, como hipnotizado pela fixidez da imagem. Acendeu um cigarro (nunca fumava em serviço, não era permitido) e sentou-se outra vez. Veio-lhe à lembrança o relógio de pulso e olhou-o: continuava

parado e já não se conseguia ouvir o tiquetaque. Desapertou vagarosamente a correia preta, colocou o relógio em cima da mesa, ao lado do jornal, e suspirou fundo. Um estalido forte fê-lo voltar a cabeça rapidamente. «Algum móvel», pensou. E nesse exacto instante, por um lapso de tempo inferior a um segundo, a mira desapareceu e no seu lugar, como um relâmpago, surgiu a cara duma criança, com os olhos muito abertos. Sumiu-se para o fundo, para trás, para longe, muito longe, até se transformar num simples ponto luminoso, palpitante, no centro do mostrador negro. Logo a seguir reapareceu a mira de afinação, ligeiramente trémula, ondulante, como uma imagem reflectida na água. O funcionário passou a mão pela cara, perplexo. Pegou no telefone, ligou para os serviços de informações da televisão (sitv) e, quando de lá atenderam, perguntou: — Faz favor. Que interferência foi esta que apareceu agora mesmo na mira de afinação?

Uma voz de homem respondeu, secamente: — Não houve qualquer interferência.

— Peço desculpa, mas eu vi perfeitamente.

— Não temos qualquer informação a dar.

O telefone foi desligado. «Devo ter feito mal. Isto deve estar tudo relacionado», murmurou. Foi sentar-se em frente do receptor, onde a mira voltara à sua hipnótica imobilidade. Ouviu-se uma sucessão de estalidos, mais fortes. Não foi capaz de localizá-los. Pareciam ao mesmo tempo muito perto e muito longe, debaixo de si ou em qualquer parte do prédio. Levantou-se outra vez e abriu a janela: já não chovia. Não era aliás tempo de chover. Devia ter havido alguma avaria no material do serviço de adequação meteorológica (sam): nos meses de Verão não chovia nunca. Da janela via distintamente o sítio onde estivera cravado o marco postal. Respirou enchendo os pulmões, olhou o céu agora limpo e varrido, já com estrelas, as mais brilhantes, aquelas que resistiam à iluminação do centro da cidade. A emissão começava nesse momento. Voltou para a cadeira. Queria ouvir o noticiário com que o programa abria sempre. Uma locutora de sorriso artificial e tenso anunciou o programa da noite e logo a seguir ouviram-se os arpejos que preludiavam as notícias. Depois, um locutor de cara esquálida

veio anunciar uma nota oficiosa do governo (nog). Era mais recente que a do jornal. Dizia: «O governo informa todos os cidadãos utentes de que os defeitos e incongruências de certos objectos, utensílios, máquinas e instalações (por abreviatura, oumis), ultimamente verificados em maior número, estão a ser criteriosamente estudados pela comissão nomeada, que conta agora com a colaboração de um parapsicólogo. Os cidadãos utentes devem recusar o boato, o empolamento, a manipulação. Devem manter a serenidade, mesmo no caso de ocorrerem desaparecimentos dos ditos oumis: objectos, utensílios, máquinas ou instalações. Recomenda-se a mais rigorosa vigilância. Nenhum oumi (objecto, utensílio, máquina ou instalação) deve, de futuro, ser olhado distraidamente. O governo considera indispensável surpreender qualquer oumi: objecto, utensílio, máquina ou instalação, no momento de desaparecer. O cidadão utente que der informações completas ou detiver o processo de desaparecimento de oumis, será considerado benemérito e promovido à precedência C, se estiver classificado em precedência mais baixa. O governo conta com o apoio e a confiança de todos.» Houve mais notícias, mas nenhuma que interessasse tanto. O resto do programa também era pouco atraente, a não ser uma reportagem directa sobre a fabricação de alcatifas. Despeitado, como se tivesse sido pessoalmente ofendido, desligou o receptor: classificado na prioridade H (abriu a mão direita e viu a letra verde), teria de poupar durante muito tempo antes de conseguir o dinheiro suficiente para comprar a alcatifa com que sonhava havia tantos anos. Sabia muito bem como se fabricavam alcatifas. Considerava mesmo um insulto a apresentação de reportagens como esta, levada a lares que não tinham nada para pôr em cima do soalho nu.

Foi para a cozinha fazer o jantar. Limitou-se a mexer uns ovos, que comeu na ponta da mesa, acompanhados de pão e de um copo de vinho. Depois lavou a pouca louça que sujara. Evitou molhar a mão que fora arranhada, embora soubesse que a película biológica era impermeável à água: actuava como uma outra pele regeneradora dos tecidos orgânicos e, tal como a pele, respirava. Um homem gravemente queimado não morreria se fosse possível

cobri-lo logo com o líquido biológico e só as dores o impediriam de fazer uma vida normal até à cura completa. Arrumou o prato e a frigideira, e quando se dispunha a colocar o copo ao lado dos outros dois que tinha, notou um espaço vazio no armário. Ao princípio não conseguiu recordar-se do que ali estivera antes. Ficou de boca aberta, com o copo na mão, a procurar na memória, a tentar perceber. Era isso: o jarro grande, de que raramente se servia. Pousou devagar o copo ao lado dos outros, fechou a porta do armário. Depois lembrou-se das recomendações do governo (g) e tornou a abri-la. Tudo estava no seu lugar, excepto o jarro. Procurou-o por toda a cozinha, movendo os objectos com o maior cuidado, olhando-os fixamente, um por um, até aceitar três evidências: o jarro não estava onde o deixara, não estava na cozinha, não estava em parte alguma da casa. Logo, desaparecera.

Não se assustou. Depois de ouvir a nota oficiosa (no) na televisão (tv), sentia-se, como bom cidadão utente que se gabava de ser, e funcionário, membro de um imenso exército de vigilantes. Via-se em comunicação directa com o governo (g), responsável, talvez futuro benemérito da cidade e do país, talvez destinado à precedência C. Voltou à sala em passo firme, marcialmente sonoro. Aproximou-se da janela, que deixara aberta. Olhou a rua para um lado e para o outro, dominador, e decidiu que aproveitaria o fim-de-semana em trabalho de vigilância contínua por toda a cidade. Seria grande azar seu se não conseguisse informações úteis ao governo (g), suficientemente úteis para lhe merecerem a precedência C. Nunca tivera ambições, mas agora chegara o momento de as ter com legítimo direito. A precedência C significaria, pelo menos, funções de muito maior responsabilidade no serviço de requisições (sr), significaria, quem sabe, transferência para um sector mais próximo do governo central (gc). Abriu a mão, viu o seu H, imaginou um C no lugar dele, saboreou a visão do enxerto de nova pele que lhe fariam. Abandonou a janela e ligou o receptor: a imagem mostrava a fase de laminação das alcatifas. Agora interessado, sentou-se confortavelmente e viu o programa até ao fim. O mesmo locutor leu o último noticiário, repetiu a nota oficiosa do governo (nog) e acrescentou, deixando dúvidas sobre a eventual relação



mútua das duas informações, que no dia seguinte toda a periferia da cidade passaria a ser vigiada por três esquadrilhas de helicópteros, estando já assegurado, pelo estado-maior da força aérea (emfa), o reforço dessa vigilância com outros aparelhos em caso de necessidade. O funcionário desligou o televisor e foi-se deitar. Não tornou a chover durante a noite, mas ouviram-se inúmeros rangidos por todo o prédio. Alguns inquilinos, acordados, assustaram-se e telefonaram à polícia e aos bombeiros. Responderam-lhes que o assunto se encontrava em exame, que a segurança das vidas estava garantida, o mesmo não podendo ser dito, infelizmente, por enquanto, da segurança dos bens, mas que o problema caminhava para a sua solução. E liam a nota oficiosa do governo (nog). O funcionário do sre dormiu um sono repousado.

Quando na manhã seguinte saiu de casa, encontrou no patamar alguns vizinhos que conversavam. O elevador recomeçara a funcionar. Ainda bem, diziam todos, porque eram agora vinte os degraus que faltavam, contando só os lanços de escada para o rés-do-chão. Para cima, faltavam muitos mais. Os vizinhos estavam preocupados e pediram informações ao funcionário do sre. Ele opinou que a situação continuaria a agravar-se durante algum tempo, mas que não tardaria a normalizar-se. Depois entrar-se-ia em recuperação.

— Todos sabemos que tem havido crises de comportamento. Erros de fabrico, má planificação, pressão insuficiente, defeitos de matéria-prima. E sempre tudo foi remediado.

Uma vizinha lembrou: — Mas nunca houve uma crise tão grave e por tanto tempo. Aonde vamos parar se os oumis continuam assim? E o marido dela (precedência E): — Se o governo não tem mão no caso, elege-se outro mais enérgico.

O funcionário concordou e meteu-se no elevador. Antes de este se pôr em movimento, a vizinha preveniu: — Olhe que não vai encontrar a porta do nosso prédio. Desapareceu esta noite.

Quando o funcionário saiu do ascensor para o átrio, causou-lhe um choque o vazio quadrangular que se abria diante de si. Não havia outro sinal da porta, a não ser, nos alisares, os buracos onde antes tinham estado encaixados os gonzos. Nenhum vestígio de

violência, nenhum fragmento. Passavam pessoas na rua, mas não paravam. Ao funcionário pareceu quase ofensiva esta indiferença, mas compreendeu quando chegou ao passeio: não faltava apenas a porta do seu prédio, faltavam outras portas nos dois lados da rua. E não só portas. Havia lojas com toda a frontaria escancarada, sem montras nem artigos. A um prédio faltava por inteiro a fachada, como se tivesse sido cortada de alto a baixo por uma faca afiadíssima. Viam-se os interiores, os móveis, algumas pessoas movendo-se ao fundo, assustadas. Por uma coincidência inexplicável, todos os candeeiros de tecto estavam acesos: o prédio parecia uma árvore iluminada. No primeiro andar ouviu-se gritar uma mulher: «A minha roupa? Onde está a minha roupa?» E passou despida pelo quarto exposto à vista da rua. O funcionário não pôde evitar um sorriso, divertido, porque a mulher era gorda e mal feita. No princípio da semana, os serviços de abastecimentos correntes (sac) iriam estar sobrecarregados. A situação complicava-se cada vez mais. Ainda bem que ele pertencia ao sre. Desceu a rua, atento, conforme o pedido do governo (g), a todas as coisas, tanto as fixas como as móveis, à espreita do mais pequeno sinal de comportamento suspeito. Notou que outras pessoas procediam da mesma maneira e esta demonstração de consciência cívica confortou-o, embora cada uma delas fosse, por assim dizer, um rival para a precedência C. «Haverá para todos», pensou.

De facto, havia muita gente na rua. A manhã estava clara, cheia de sol, uma excelente manhã de praia ou campo. Ou para ficar em casa, gozando o repouso do fim-de-semana, se não fosse óbvio que as casas perdiam segurança, não no sentido estrito, mas pelo menos nesse outro que não deve ser esquecido em circunstância alguma: o decoro. Aquele prédio que ficara sem toda a fachada, cerce, não era um espectáculo agradável de ver: todos aqueles interiores oferecidos assim aos olhos de quem transitava pela rua, e a mulher gorda a passar, talvez inconsciente, sem um simples fio de roupa em cima do corpo e a perguntar (a quem?) por ela. Ficou a suar frio, ao pensar como se sentiria vexado se a fachada do seu prédio também desaparecesse e ele tivesse de mostrar-se à vista de todos (mesmo que vestido) sem o resguardo opaco, comprimido,

denso, que o defendia do frio e do calor e da curiosidade dos seus concidadãos. «Talvez», pensou, «tudo isto resulte de má qualidade do fabrico. Se assim for, ainda bem, é caso para agradecer. As circunstâncias libertam a cidade do material deficiente e o governo (g) fica a saber, sem lugar para dúvidas, sem equívocos, o que deve remediar e como, e de tudo isto tirar lições para o futuro. A mínima contemporização é crime. É preciso defender a cidade e os cidadãos utentes.» Entrou numa tabacaria para comprar o jornal. O dono da loja conversava ao balcão com dois clientes: — ... e morreram todos. A rádio (r) ainda não deu a notícia, mas sei de fonte limpa. Um freguês que esteve aqui há meia hora, se tanto, mora mesmo ao lado e viu.

O funcionário do sre perguntou: — De que estão a falar? E abriu a mão, num gesto que queria parecer casual, mas que era, sempre, um meio de exercer pressão sobre os interlocutores: ali ninguém parecia ter precedência superior a H. O dono da tabacaria repetiu a sua história: — Estava a contar o que um freguês me disse. Na rua onde ele mora, desapareceu um prédio inteiro, e as pessoas que lá viviam foram encontradas todas mortas, sobre a terra. Completamente nuas. Nem anéis tinham, O mais estranho é ter desaparecido o prédio por completo, até aos alicerces. Ficaram só os caboucos.

A notícia era grave. Defeitos de portas, desaparecimento de marcos postais ou de jarros, enfim, suportava-se. Admitia-se mesmo que a fachada de um prédio se volatilize. Mortos é que não. Em tom oficial (os três homens, em gestos que igualmente significavam inadvertência ou acaso, tinham virado para cima as palmas das mãos: o dono da loja era de precedência L, um dos clientes beneficiava da precedência I, o outro fazia por não exhibir demasiado o seu N), exprimiu, partilhou a sua cívica indignação: A partir desse acontecimento, é a guerra. A guerra sem quartel. Não creio que o governo (g) tolere agressões, e, muito menos, assassínios, O caminho é o das represálias.

O cliente I, apenas um grau inferior, ousou levantar uma dúvida mínima: — O mal é que os efeitos das represálias vêm sempre a cair sobre nós.

— Sim, tem razão. Mas só temporariamente. Não esqueça, só temporariamente.

O dono da tabacaria: — Assim tem sido sempre, de facto.

O funcionário retirou um jornal e pagou. Foi ao fazer este movimento que se lembrou de que não tirara a película biológica que o enfermeiro pincelara na mão direita. Não tinha importância, podia retirá-la em qualquer altura. Cumprimentou, saiu e percorreu toda a rua, até à avenida. As pessoas que passavam a seu lado conversavam animadamente, reuniam-se em pequenos grupos.

Algumas mostravam cara preocupada, outras tinham aspecto de quem dormira mal ou não dormira sequer. Aproximou-se de um grupo numeroso onde falava um oficial das forças militarizadas (fm): — Devemos evitar o pânico. Essa é a primeira regra — dizia ele. — A situação está controlada, as três armas estão atentas, não direi de prevenção, que não se justificaria, a polícia de segurança industrial interna (psii) tomou conta do assunto em todos os seus aspectos e níveis. Recomenda-se aos cidadãos utentes que não saiam de casa sem documentos de identificação.

Alguns dos circunstantes levaram a mão ao bolso, ouviram mais um pouco e afastaram-se com alguma precipitação: eram todos os que tinham deixado os documentos pessoais em casa. O funcionário entrou num café, sentou-se, pediu, contra os seus hábitos discretos, uma bebida forte, e, tudo isto feito, estendeu o jornal por cima da mesa. Havia uma declaração conjunta do ministério do interior (mi) e do ministério da indústria (mi), reunindo e desenvolvendo as notas oficiosas (no) anteriores, O título principal, de lado a lado da página, garantia: «A situação não piorou nas últimas 24 horas.» O funcionário, nervosamente, murmurou: «E por que razão deveria ter piorado?» Folheou o jornal: um pequeno caos: notícias de deficiências, de mau funcionamento, de desaparecimentos. De mortos, não se falava. Uma fotografia impressionou o funcionário: mostrava uma rua em que todo um lado desaparecera, como se nunca ali tivessem existido construções. Tirada, ao que parecia, do alto doutro prédio, a imagem mostrava o labirinto dos caboucos, uma longa faixa dividida em espaços rectangulares, como um jogo de crianças. «E os mortos?», pensou,

lembrando-se da conversa na tabacaria. Não havia referência a mortos. Estaria a Imprensa a ocultar a gravidade da situação? Olhou em redor, virou os olhos para o tecto. «E se este prédio desaparecesse agora?», perguntou de chofre a si mesmo. Sentiu o suor frio na testa, um aperto no estômago. «Sou demasiado imaginativo. Sempre foi o que me prejudicou.» Chamou o criado para pagar, e, enquanto ele fazia o troco, perguntou-lhe apontando o jornal: — Então? Que lhe parece isto? Sem procurar tornar o movimento natural, abriu a mão.

O criado, que, conforme pudera ver antes, tinha a letra R, encolheu os ombros: — Olhe, se quer que lhe diga. Tanto se me dá. Até acho divertido.

O funcionário recebeu o troco, sem uma palavra, guardou o jornal. Depois saiu, muito apurcado, e procurou uma cabina telefónica. Marcou o número da polícia de segurança industrial interna (psii) e quando o atenderam informou rapidamente que na rua tal, café tal, um criado assim tinha comportamento suspeito. Que comportamento? Disse que tanto se lhe dava, que até achava divertido. E acrescentou que era bem feito, que por ele podia desaparecer tudo. Assim mesmo? Assim mesmo. Não lhe foi pedida a identificação e ele não a deu: decerto informações destas, avulsas, não poderiam valer uma precedência C. Mas era um bom começo. Saiu da cabina e deixou-se ficar por ali. Quinze minutos depois, um automóvel escuro parou em frente do café. Dois homens armados saíram do carro e entraram no estabelecimento. Daí a pouco tornaram a aparecer, trazendo o criado algemado. O funcionário suspirou, virou costas e continuou o seu caminho, assobiando.

Ao ar livre sentia-se melhor. Estava um pouco surpreendido consigo mesmo, com a naturalidade do impulso que o fizera telefonar, com a paz de espírito que sentira ao ver o criado, entre os polícias da psii, a ser empurrado para o automóvel. «Serviço da cidade, dever de cidadão», murmurou. «Se todos fossem como eu, talvez isto não estivesse a acontecer. Cumpridor, disso me gabo. É preciso ajudar o governo (g).» As ruas não aparentavam grandes prejuízos, mas notava-se na cidade uma geral deterioração, como se alguém tivesse andado a tirar pedacinhos aqui e além, como fazem

aos bolos as crianças: primeiro, mal se dá pelo estrago, e depois vê-se que o bolo passou a não estar em condições de ser servido às visitas. Mas havia alguns sérios danos (ou deveria dizer-se ausências?). No troço final da avenida, numa extensão de mais de duzentos metros, todo o revestimento do chão desaparecera. Também devia ter havido uma fractura na conduta subterrânea da água, ou então como se explicaria a enorme cratera onde a lama se revolvia em cachões? Funcionários do serviço de fornecimento de água (sfa) abriam valas profundas a partir dos bordos da cratera, pondo à vista a canalização. Outros consultavam o mapa para saber onde deveria ser estancada a água e desviada para outro ramal da rede. Havia grande aglomeração de pessoas no local. O funcionário do sre aproximou-se para ver melhor e meteu conversa com um dos espectadores: — Quando foi que isto aconteceu? O cerimonial das mãos mostrou-lhe que o seu interlocutor era da precedência E.

— Esta noite. Foi muito desagradável, como vê. A rua desapareceu, com tudo quanto estava nela. Até o meu automóvel.

— O seu automóvel?

— Todos os automóveis. Tudo. Sinais de trânsito. Marcos postais. Postes de iluminação. É como está a ver. Rapado à navalha.

— Mas o governo (g) não faltará com as indemnizações.

Voltará a ter o seu carro.

— Decerto. Ninguém duvida. Mas já pensou que neste espaço, segundo os cálculos da polícia de trânsito urbano (ptu), havia entre cento e oitenta e duzentos e vinte automóveis? E não sabemos se não terá acontecido o mesmo noutras ruas. Acha fácil resolver o problema?

— Não, realmente não é fácil. Duzentos carros de indemnização, assim de repente, é despesa. Eu que o diga, que sou funcionário do sre.

O dono do automóvel quis saber o nome, trocaram cartões. A água fora cortada, enfim, e a cratera apenas ondulava com os últimos borbotões barrentos. O funcionário afastou-se. Desta vez ia mesmo preocupado. Outros casos assim, e seria o caos na cidade.

Eram horas de almoço. Estava agora numa parte da cidade que não conhecia bem, por onde raramente passava, mas

certamente não seria difícil encontrar um restaurante à medida das suas possibilidades. Pensara voltar a casa para comer, mas a situação justificava uma mudança de hábitos. Além disso, não lhe agradava nada a ideia de se fechar entre quatro paredes, num prédio sem porta de entrada e em que faltavam degraus. Pelo menos. Outras pessoas (muitas) teriam pensado o mesmo. As ruas coalhavam-se de gente e em certos lugares chegava a ser quase impossível transitar. O funcionário contentou-se com uma sanduíche e um refresco, tudo mastigado e bebido à pressa. Os restaurantes que encontrara estavam quase desertos, mas ele teve medo de entrar. «É ridículo», pensou, sem consciência de classificar assim o seu temor. «Se o governo (g) não toma providências rápidas, isto acabará mal.» Precisamente nesse instante, um automóvel com aparelhagem sonora parou no meio da rua. Ouviu-se amplificada a voz da mulher que dentro do carro lia um papel: «Atenção, cidadãos utentes. O governo (g) informa todos os habitantes de que vai pôr em prática medidas rigorosas de prevenção e punição. Foram feitas algumas prisões e espera-se que durante o dia a situação se normalize por completo. Nas últimas horas apenas se têm verificado casos de mau funcionamento, mas nenhum desaparecimento. Os cidadãos utentes deverão manter-se vigilantes, a sua colaboração é preciosa. A defesa da cidade não compete apenas ao governo (g) e às forças militares e militarizadas (fmm).

A defesa da cidade é da responsabilidade de todos. O governo (g) regista e agradece a colaboração dada por muitos cidadãos, mas lembra que os benefícios da vigilância, resultantes da presença em massa nas ruas e praças, acabam por ser prejudicados por essa mesma massa. É preciso isolar o inimigo, e não proporcionar-lhe condições para se ocultar. Atenção, portanto. O nosso tradicional costume de mostrar as palmas das mãos deve tornar-se, a partir deste momento, lei e dever. Todo o cidadão passa a ter autoridade para exigir, repetimos, para exigir ver a palma da mão de qualquer outro cidadão, seja qual for a precedência de um e de outro. A precedência Z pode e deve exigir que a precedência A mostre a palma da mão. O governo (g) dará o exemplo: esta noite, na televisão (tv), todo o governo (g) irá apresentar a mão direita à

população. Que todos façam o mesmo. A palavra de ordem na situação actual é a seguinte: vigilância e mão aberta! » Os quatro ocupantes do automóvel foram os primeiros a executar a ordem. Espalmaram a mão direita por trás dos vidros fechados e seguiram para diante, enquanto a mulher voltava ao princípio da leitura. Excitado, o funcionário virou-se para o homem que se afastava: — Mostre a mão.

E logo para uma mulher: — Mostre a mão.

Mostraram e por sua vez exigiram. Em poucos segundos, as centenas de homens e mulheres que estavam parados ou passavam na rua exibiam febrilmente as mãos uns aos outros, levantavam-nas para que toda a gente em redor pudesse testemunhar. E não tardou que todas as mãos se agitassem no ar, ansiosas, provando a sua inocência. Nasceu assim, ao mesmo tempo por toda a cidade, a prática mais imediata e rápida de reconhecimento e identificação: as pessoas não precisavam de parar, passavam umas pelas outras, de braço estendido, dobrando a mão pelo pulso, para cima, e exibindo a palma marcada com a letra da precedência. Era fatigante, mas poupava tempo.

Embora o tempo não faltasse. A cidade movia-se ainda, mas muito devagar. Ninguém já se atrevia a utilizar o metropolitano: os túneis metiam medo. Além disso, corria o boato de que numa das linhas tinham desaparecido os revestimentos isoladores da corrente, motivo por que o primeiro comboio que entrara em circulação electrocutara todos os passageiros que nele viajavam. Talvez não fosse verdade, ou tudo verdade, mas os pormenores abundavam. À superfície, as carreiras de autocarros eram cada vez mais raras. As pessoas arrastavam-se pelas ruas, estendiam o braço, continuavam, cada vez mais cansadas, sem saber para onde ir e onde parar. Neste sombrio estado de espírito, só havia olhos para os sinais de ausência, ou de destruições causadas por essa mesma ausência. De vez em quando, viam-se camiões com tropas, e até passou uma coluna de tanques, com as lagartas a chiar, arrancando grandes bocados ao revestimento das calçadas. No ar, iam e vinham helicópteros. As pessoas interrogavam-se umas às outras, ansiosamente: «A situação será assim tão grave? É revolução?»



Haverá guerra? Mas os inimigos, onde estão os inimigos?» E se o não tinham feito antes, levantavam o braço e mostravam a mão. Era aliás o divertimento favorito das crianças: precipitavam-se sobre os adultos como feras, faziam caretas, gritavam: «Mostre a mão!» E se os adultos, irritados, após terem escrupulosamente obedecido, exigiam por sua vez ver, recusavam-se, deitavam a língua de fora, ou só mostravam de longe. Não tinha importância, nem por ali viria mal: em todas elas havia uma letra marcada, igualzinha à dos pais.

O funcionário do sre decidiu regressar a casa. Estava exausto até aos ossos. Mal alimentado, pusera-se a imaginar o pequeno festim que iria preparar em casa. Com a imaginação cresceu a fome, tornou-se ansioso, pouco lhe faltava para salivar. Sem reflectir, apressou o passo, e daí a pouco corria já. De repente sentiu-se brutalmente agarrado, empurrado contra uma parede. Quatro homens perguntavam-lhe aos gritos por que corria, sacudiam-no, abriam-lhe a mão à força. Depois tiveram de largá-lo. E ele desforrou-se mandando que todos abrissem as mãos, imediatamente. Todos tinham precedência inferior à sua.

No seu prédio não parecia haver modificações. Faltava a porta da entrada, faltavam os degraus, mas o elevador funcionava. Quando saiu para o patamar e bateu com a porta elástica, teve um rápido pensamento que o deixou a tremer de pavor retrospectivo: e se durante o percurso o ascensor se tivesse avariado, ou desfizesse em nada, e ele de repente caísse, como aqueles mortos de que falara o homem da tabacaria? Resolveu ali mesmo que, enquanto a situação não estivesse esclarecida, não utilizaria o elevador, mas logo a seguir lembrou-se de que faltavam degraus, que descer ou subir pela escada, agora, era provavelmente impossível. Hesitava no meio deste dilema, com uma atenção doentamente exagerada, enquanto percorria o patamar, na direcção da sua porta, e foi no silêncio de um pé firmado e o outro suspenso que notou o silêncio do prédio, apenas cortado por pequenos e súbitos rangidos indefiníveis. Teria saído toda a gente? Teriam ido todos para a rua em vigilância, obedecendo às ordens do governo (g)? Ou teriam fugido? Assentou devagar o pé no chão e apurou o ouvido: a tosse de alguém, num andar superior, tranquilizou-o. Abriu a porta com

muito cuidado e entrou em casa. Deu uma volta por todas as divisões: tudo em ordem. Espreitou para dentro do armário da cozinha, com a esperança de que talvez, por milagre, reencontrasse o jarro no seu lugar. Não estava. Sentiu uma grande angústia: esta pequena perda pessoal tornava mais grave o desastre que desabara sobre a cidade, a calamidade colectiva que acabara de ver com os seus próprios olhos. Lembrou-se de que ainda não há muitos minutos tinha sentido uma fome irracional. Perdera de repente o apetite? Não, mas este transformara-se numa quase dor surda donde nasciam arrotos secos, de vazio, como se as paredes do estômago se encolhessem e distendessem alternadamente. Preparou uma sanduíche que comeu de pé, no meio da cozinha, com os olhos um pouco esgazeados, as pernas trémulas. Sentia-se a pisar um solo instável. Arrastou-se até ao quarto, estendeu-se mesmo vestido em cima da cama e, sem disso se aperceber, adormeceu profundamente. O resto da sanduíche rolou para o chão, abriu-se ao cair, com o sinal dos dentes de um lado. O quarto ressoou com três estalidos violentos, e como se isto fosse um sinal, a habitação começou a torcer-se, a agitar-se, conservando porém todas as formas, sem qualquer alteração das partes ou da sua relação entre si. Todo o prédio vibrava de alto a baixo. Nos outros andares houve quem gritasse.

Durante quatro horas, o funcionário dormiu, sem mudar de posição. Sonhou que estava nu dentro de um elevador muito estreito que subia pelo prédio acima, rompia o telhado, sempre pelos ares fora, como um foguete, e de repente desaparecia e ele ficava suspenso no espaço, por um tempo que era simultaneamente um décimo de segundo e uma longuíssima hora, ou a eternidade, e que a seguir vinha caindo infinitamente, de braços e pernas abertos, vendo do alto a cidade, ou o lugar dela, porque não havia casas nem ruas, mas apenas um espaço vazio e deserto. Caiu violentamente no chão e bateu em qualquer parte com a mão direita.

A dor fê-lo acordar. O quarto já estava cheio de penumbra, que parecia consistente como um nevoeiro negro. Sentou-se na cama. Sem olhar, esfregou a mão direita com a esquerda, e teve um sobressalto ao sentir uma impressão de pegajoso e morno. Mesmo

antes de ver, compreendeu que era sangue. Mas como era possível sangrar desta maneira o pequeno ferimento que a porta do sre lhe fizera? Acendeu a luz e olhou: tinha as costas da mão em carne viva: toda a pele que a película regeneradora cobria desaparecera. Meio atordoado ainda pelo sono e desorientado com o acidente imprevisto, precipitou-se para a casa de banho, onde guardava alguns produtos de farmácia para tratamentos de urgência. Abriu o armário e pegou num frasco. O sangue pingava rápido para o chão ou para o interior da manga do casaco, consoante os movimentos. Parecia tratar-se duma hemorragia séria. Abriu o frasco, embebeu o pincel que estava num estojo separado e quando se preparava para aplicar o líquido biológico, teve o pressentimento de que iria cometer um erro. E se depois acontecesse o mesmo? Tornou a guardar o frasco, salpicando tudo de sangue em redor. Não havia ligaduras em casa. Era material que praticamente deixara de ser usado, tal como as compressas e os adesivos, a partir da comercialização do líquido biológico regenerativo. Correu para o quarto, abriu a gaveta onde tinha as camisas e rasgou de uma delas uma larga tira. Auxiliando-se com os dentes, conseguiu envolver a mão e apertar com força. Ao fechar a gaveta, viu o resto da sanduíche. Baixou-se para a apanhar, juntou os bocados e, sentado na cama, comeu devagar, já sem fome, apenas por uma espécie de obrigação que não queria discutir.

Foi quando engolia o último bocado que reparou na mancha escura que a sombra de um móvel quase escondia. Aproximou-Se intrigado, pensando confusamente que quando enfim pudesse comprar a alcatifa todas estas imperfeições do soalho desapareceriam. A mancha vermelha fora surpreendida (iria jurá-lo) no que pareceu ser um movimento logo interrompido. O funcionário estendeu a ponta do pé e voltou-a. Já sabia o que ia encontrar: do outro lado era a película que lhe fora pincelada nas costas da mão, e o vermelho era sangue, o sangue que forrara por dentro a pele ali colada. Então pensou que o mais provável era nunca poder vir a comprar a alcatifa. Fechou a porta do quarto e dirigiu-se à sala de estar. Parecia sereno, sossegado, mas dentro de si o pânico girava, por enquanto ainda devagar, como um pesado disco armado de puas extensíveis que não tardariam a dilacerá-lo. Ligou a televisão e

enquanto o aparelho aquecia foi até à janela, que deixara aberta desde manhã e assim ficara todo o dia. A tarde chegava ao fim. Havia muita gente na rua, mas ninguém falava, não havia grupos. As pessoas pareciam caminhar ao acaso, sem destino, limitavam-se a estender os braços e a mostrar a mão direita. Visto de cima, naquele silêncio, o espectáculo daria vontade de rir: os braços subiam e desciam, as mãos, brancas, com as manchas verdes das letras, faziam um aceno rápido e logo caíam, para alguns passos adiante se repetir todo o movimento. Eram como doentes de ideia fixa na alameda de um manicómio.

O funcionário voltou ao aparelho de televisão (tv). Sentadas a uma mesa em arco de círculo, estavam cinco pessoas de aspecto grave. Mesmo antes de conseguir distinguir as palavras, as primeiras, notou que a imagem estava constantemente a ser interrompida e com ela o som. Era o locutor que falava: — . . .mos aqui especialis... logia, segurança industrial, operacionalidade biológica, pro... vir... ança...

Durante quase meia hora, o ecrã do televisor relampejou, atirou palavras entrecortadas, às vezes uma frase que estaria inteira sem dar, no entanto, a certeza disso. O funcionário deixou-se ficar, não seguro ele próprio de querer saber o que estaria a ser dito ali, mas porque se habituara a estar sentado em frente do televisor (tv), e por agora não podia fazer outra coisa. Se alguma vez poderia. Queria ver o governo (g) mostrar a mão, não porque o acto tivesse importância, remediasse os males da cidade ou viesse provar qualquer espécie de inocência, se era disso que se tratava, mas talvez pela raridade de ver tantas precedências A e B juntas. Então, a imagem fixou-se por alguns segundos mais, o som manteve-se firme, e uma voz no televisor disse: — parece estar provado que não há desaparecimentos durante o dia. O dia assinala-se apenas por deficiências de funcionamento, por irregularidades, por avarias em geral. Todos os desaparecimentos se deram durante a noite.

O locutor perguntou: — Que acha então que se deve fazer durante o período nocturno?

O entrevistado: — Na minha opinião...

A imagem desapareceu, o som apagou-se, agora definitivamente. A televisão deixara de funcionar. O governo não mostraria as mãos à cidade.

O funcionário voltou ao quarto. Como já esperava (mas não saberia dizer porque o esperava), o bocado de película regeneradora não se encontrava no mesmo sítio. Tocou-lhe outra vez com a ponta do sapato, quase inconsciente do seu gesto. Então, ouviu no interior do cérebro, repetirem-se as palavras do locutor: «Que acha que se deve fazer durante o período nocturno?» Sim, que se deve fazer durante a noite? Não se ouviam estalidos agora. Todo o prédio rangia ininterruptamente, como se estivesse a ser puxado por duas vontades em direcções contrárias. O funcionário rasgou outra tira da camisa, envolveu melhor e com mais força a mão, tirou da gaveta todo o dinheiro que possuía. Embora estivesse calor, vestiu o sobretudo: à noite, o tempo devia arrefecer, e ele não voltaria a casa enquanto o dia não nascesse. «Todos os desaparecimentos se deram durante a noite.» Foi à cozinha, fez outra sanduíche, que meteu no bolso, passou os olhos por toda a casa e saiu.

No patamar, antes de se dirigir ao elevador, gritou para cima, pela caixa da escada: — Está alguém? Ninguém respondeu. Todo o prédio parecia oscilar e rangia. «E se o elevador não funciona? Como vou eu sair daqui?» Viu-se a saltar pela janela do seu segundo andar para a rua, e respirou fundo, de alívio, quando a porta elástica se abriu normalmente e a luz se acendeu. Receoso, premiu o botão. O elevador hesitou, como se resistisse ao impulso eléctrico que recebia, e depois, devagar, aos sacões lentos, desceu até ao rés-do-chão. A porta encravou-se ao ser puxada, mal deixou espaço para ele se introduzir e fazer escorregar o corpo, e a meio do movimento distendeu-se bruscamente, entalando-o. O disco pesado do pânico girava já rapidamente, tornou-se vertigem. De súbito, como se renunciasse ou lhe bastasse a ameaça, a porta cedeu, deixou-se abrir. O funcionário correu para a rua. Era noite fechada já, mas os candeeiros mantinham-se apagados. Passavam vultos em silêncio, raras eram as pessoas que levantavam agora as mãos. Mas, num sítio ou noutro, ainda havia quem acendesse um isqueiro ou uma lanterna de algibeira para inspeccionar. O funcionário recuou para a

entrada do prédio. Precisava de sair, não aguentava sentir o prédio por cima de si, mas alguém acabaria por lhe exigir que mostrasse a mão, e ele tinha-a ligada, em sangue. Podiam julgar que a ligadura era um disfarce, uma tentativa para ocultar a palma da mão, a pretexto de um ferimento. Sentiu um arrepio de medo. Mas o ranger do prédio tornava-se mais forte. Alguma coisa estava para acontecer. Esquecido da mão durante um segundo, saltou para a rua. Deu-lhe uma vontade quase irreprimível de correr, mas lembrou-se do que lhe acontecera à tarde, e com a mão neste estado (outra vez se lembrou da mão, e agora até ao fim) compreendeu a que ponto a sua situação era perigosa. Esperou no escuro um momento em que houvesse menos vultos e menos isqueiros e lanternas a acender e a apagar, e então, rente às paredes, afastou-se. Percorreu toda a rua onde morava sem que ninguém o interpelasse. Ganhou coragem. Levantar o braço tornara-se absurdo numa cidade onde não havia iluminação pública, e as pessoas, fatigadas duma vigilância sem resultado, desistiam, aos poucos, de exigir a verificação da palma das mãos.

Mas o funcionário não contara com a polícia (p). Ao virar uma esquina que abria para uma grande praça, esbarrou numa patrulha. Tentou recuar, mas foi apanhado no movimento pelo feixe duma lanterna. Mandaram-no fazer alto. Se fugisse, seria um homem morto. Aproximou-se da patrulha.

— Mostre a mão.

O feixe luminoso da lanterna incidiu sobre o pano branco.

— Que é isto?

— Feri-me nas costas da mão e tive de pôr a ligadura.

Os três polícias rodearam-no.

— Uma ligadura? Que história vem a ser essa? Como poderia explicar que o líquido biológico lhe arrancara a pele e se movia agora na escuridão do seu quarto? (Movia-se para onde?) — Por que não pôs líquido biológico na ferida? Se é que tem aí alguma ferida — resmungou um dos polícias.

— Tenho, sim senhor, mas se tiro a ligadura, o sangue não pára.

— Bem. Acabemos com a conversa. Mostre a mão.

— Os senhores.

— Mostre a mão, ou leva um tiro aqui mesmo.

O polícia mais próximo, num repelão, meteu os dedos por baixo da ligadura e puxou brutalmente. O sangue pareceu hesitar, e logo, sob a luz violenta da lanterna, afluou em toda a superfície esfolada. O polícia virou para cima a palma da mão, e a letra ficou à vista.

— Pode seguir.

— Ajudem-me, por favor, a prender a ligadura outra vez — implorou o funcionário.

Relutante, resmungando: «Isto aqui não é hospital», um dos polícias acedeu. E depois: — Para si, era preferível estar em casa.

O funcionário, mal reprimindo lágrimas de dor e de autocomiseração, murmurou: — Mas a casa.

— Pois é — respondeu o polícia. — Vá-se lá embora.

No outro lado da praça havia algumas luzes. Hesitou. Seguir para lá, com risco de encontrar a todo o momento pessoas que o obrigassem a mostrar a palma da mão? Estremeceu de dor, de medo, de angústia. A ferida já estava maior. Que fazer, então? Deixar-se andar pelo escuro, como tantos outros, às apalpadelas, aos encontrões? Ou voltar para casa? Perdera o entusiasmo de caçador cívico com que saíra de manhã. Aparecesse o que aparecesse, se é que seria possível ver alguma coisa no meio da escuridão, não interviria, não chamaria ninguém para testemunhar ou ajudar. Saiu da praça por uma rua larga com duas filas de árvores que tornavam mais espessas as trevas. Por ali ninguém lhe exigiria que mostrasse a mão. Passavam pessoas rapidamente, mas a rapidez não significava que tivessem onde estar ou soubessem para onde ir. Andar depressa era apenas, em todos os sentidos, uma fuga.

Dos dois lados da rua os prédios rangiam e estalavam. Lembrava-se de que ao fundo, num cruzamento, havia um monumento com bancos a toda a volta. Iria sentar-se ali um bocado, passar tempo, talvez a noite toda: não tinha para onde ir, que faria? Ninguém tinha para onde ir. Aquela rua, como todas as outras, era um caudal de gente. Dir-se-ia que a população da cidade

aumentara. Estremeceu ao pensar nisto. E não ficou surpreendido quando verificou que o monumento desaparecera também. Estavam ainda ali os bancos e havia algumas pessoas sentadas. Então o funcionário lembrou-se da sua mão ferida e hesitou. Da escuridão saíram outras pessoas que ocuparam todo o espaço vago. Não podia sentar-se.

Não queria sentar-se. Virou para a esquerda, para uma rua que fora estreita, mas que tinha agora largas e fundas aberturas para os lados, verdadeiros boqueirões onde antes houvera prédios. Teve a impressão de que se fosse dia todos aqueles espaços apareceriam como perspectivas enfiadas umas nas outras, para norte e para sul, para nascente e para poente, até aos limites da cidade, se tal nome ainda tinha justificação. Isto lhe deu uma ideia: sair da cidade, ir para os arredores, para campo aberto, onde não havia prédios que desapareciam, automóveis que se sumiam às centenas, coisas que mudavam de lugar e depois deixavam de estar ali e não estavam em parte alguma. No espaço que ocupavam, ficava apenas o vazio e de vez em quando alguns mortos. Encheu-se de ânimo: pelo menos, fugiria ao pesadelo que seria passar uma noite assim, entre ameaças invisíveis, a andar de um lado para outro. Com a luz do dia, talvez enfim se encontrasse o remédio para a situação. O governo (g) estaria decerto a estudar o assunto. Houvera outros casos antes, embora menos graves, e sempre se achara solução. Nada de desesperos. A boa ordem voltaria à cidade. Uma crise, uma simples crise, e nada mais.

Nas proximidades da rua onde morava havia ainda alguns candeeiros acesos. Desta vez não os evitou: sentia-se seguro, confiante, a quem o interceptasse explicaria sossegadamente a história do seu sofrimento, mostraria como era claro que tudo isto fazia parte da mesma conspiração contra a segurança e o bem-estar da cidade. Não foi preciso. Ninguém lhe exigiu que mostrasse a palma da mão. As poucas ruas iluminadas estavam cobertas de gente. Dificilmente se conseguia atravessar. E numa delas, empoleirado em cima dum camião, um sargento do exército de terra (et) lia uma proclamação ou aviso: — Previnem-se todos os cidadãos utentes de que por ordem do estado-maior-general das forças



armadas (emgfa) será bombardeado, a partir das sete horas da manhã, pelos meios da artilharia (a) e da aviação (a), o sector leste da cidade, como primeira medida de retaliação. Os cidadãos utentes que moram no sector a bombardear já foram retirados 98 das suas casas, encontrando-se alojados em instalações governamentais, devidamente vigiadas. Serão indemnizados de todas as suas perdas materiais e de todos os incómodos morais que esta ordem inevitavelmente virá a causar. O governo (g) e o estado-maior-general das forças armadas (emgfa) garantem aos cidadãos utentes que o plano elaborado de contra-ataque será levado às suas últimas consequências. Dadas as circunstâncias, e tendo-se revelado infrutífera a palavra de ordem «vigilância e mão aberta», é essa palavra de ordem substituída por esta outra: vigiar e atacar.

O funcionário suspirou de alívio. Não teria mais de mostrar a mão. Entrou-lhe uma alma nova no peito. Fortaleceu-se o renovo de coragem que sentira meia hora antes. E ali mesmo decidiu duas coisas: que passaria por sua casa para ir buscar o binóculo, e que com ele iria para fora da cidade, para o lado leste, assistir ao bombardeamento. Juntou-se às conversas que tinham começado mal o sargento concluiu a leitura do aviso: É uma ideia.

— Acha que resultará? — Com certeza, o governo (g) não está a dormir. E, como represália, não se poderia encontrar melhor.

— Desta vez, será mesmo um bom exemplo. pena não ter ocorrido mais cedo.

— Que tem na sua mão? — O líquido biológico não actuou e aumentou-me o ferimento.

— Conheço outro caso assim.

— E eu também. Disseram-me que nos hospitais tem sido uma calamidade.

— Provavelmente fui eu o primeiro caso.

— O governo (g) indemnizará toda a gente.

— Boa noite.

— Boa noite.

— Boa noite.

— Boa noite. Amanhã será melhor.

— Amanhã será melhor. Boa noite.

O funcionário afastou-se contente. A sua rua continuava às escuras, mas isso não o perturbou. A levíssima, imponderável claridade que vinha das estrelas chegava para se orientar, e como ali não havia árvores, a escuridão não era demasiado densa. Achou a rua diferente: faltavam mais alguns prédios. Mas não o seu. Continuava, provavelmente outros degraus teriam desaparecido. No entanto, ainda que o elevador não funcionasse, arranjará maneira de atingir o segundo andar. Queria o binóculo, queria a desforra de assistir ao bombardeamento de um sector inteiro da cidade, o sector leste, como o sargento dissera. Passou entre os umbrais da porta que desaparecera e achou-se no vazio. Ao contrário do prédio que vira de manhã, restava deste apenas a fachada, como uma casca oca. Levantou a cabeça e viu por cima o céu e as raras estrelas dessa noite. Sentiu uma grande fúria. Nenhum medo, apenas uma grande e saudável fúria. Ódio. Uma raiva de matar.

Sobre a terra havia uns vultos brancos, corpos completamente nus. Lembrou-se do que ouvira de manhã na tabacaria: «Nem os anéis tinham.» Aproximou-se. Tal como esperava, conhecia todos os mortos: eram alguns dos seus vizinhos do prédio. Preferiram não sair de casa e agora estavam mortos. Nus. O funcionário pôs a mão sobre o peito duma mulher: ainda estava tépido. O desaparecimento dera-se, provavelmente, quando ele chegara à rua. Em silêncio, ou apenas entre rangidos e estalos, como os ouvira por toda a parte enquanto estivera em casa. Se não se tivesse demorado a ouvir o sargento, se não tivesse ficado depois a conversar, talvez ali houvesse mais um corpo, o seu. Olhou em frente, para o espaço que o prédio deixara e viu um outro prédio adiante mover-se, diminuir de altura rapidamente, como uma folha de papel escuro recortado, que um fogo invisível do céu fosse roendo ou carcomendo. Em menos de um minuto o prédio desapareceu. E como para além havia um espaço maior, formou-se uma espécie do corredor todo a direito na direcção de leste. «Mesmo sem o binóculo», murmurou o funcionário, tremendo de medo e ódio, «hei-de ver.» A cidade era muito grande. Durante o resto da noite, o funcionário caminhou para leste. Não havia perigo de se perder. Para aquele lado o céu clareava muito devagar. E às sete horas, já manhã, começaria o

bombardeamento. O funcionário sentia-se esmagado de fadiga, mas feliz. Cerrava com força o punho esquerdo, antegozava o castigo terrível que ia cair sobre a quarta parte da estrutura material da cidade, sobre as coisas que ali havia, sobre os oumis. Reparou que centenas, milhares de pessoas caminhavam na mesma direcção. Todos haviam tido a mesma boa ideia. Às cinco horas, já chegara a campo aberto. Olhando para trás, via a cidade, com o seu recorte irregular, alguns prédios que pareciam mais altos só porque tinham desaparecido os que o ladeavam, exactamente como um perfil de ruínas, embora em rigor não houvesse ruínas, mas sim ausências. Viradas para a cidade, dezenas de peças de artilharia formavam um arco de círculo. Ainda não havia aviões no ar. Viriam exactamente às sete horas, não precisavam de chegar antes. A trezentos metros das peças de artilharia, uma fila de soldados impedia que as pessoas se aproximassem. O funcionário viu-se metido entre a multidão. Encheu-se de despeito. Cansara-se para ali chegar, não tinha casa aonde pudesse regressar quando o bombardeamento acabasse, e não conseguiria ver o espectáculo, ter a desforra, a vingança, o gozo. Olhou em redor. Havia pessoas em cima de caixotes. Uma boa lembrança que ele não tivera. Mas, para trás, talvez a um quilómetro, havia uma linha de colinas arborizadas. O que perderia em distância, ganharia em altura. Pareceu-lhe uma ideia a seguir.

Atravessou a multidão, cada vez mais rala naquela direcção, e todo o espaço aberto que o separava das colinas. Apenas poucas pessoas se dirigiam também para ali. E para a colina que estava na sua frente, ninguém. O céu tinha uma cor de cinza, quase branco, mas o Sol ainda não nascera. O terreno subia pouco a pouco. Em baixo, a multidão era cada vez maior. Entre a artilharia e o limite da cidade instalava-se agora uma fila de metralhadoras pesadas. Ai dos oumis que viessem para este lado. O funcionário sorriu: o castigo seria exemplar. Lamentou não estar no exército. Gostaria de sentir nos pulsos, mesmo na sua mão ferida, que importava isso, o vibrar da arma causado pelos disparos, o tremor de todo o corpo, que não seria então de medo, mas de furor e alegria justiceira. A sensação física de tudo isto foi tão intensa que teve de parar. Pensou voltar atrás, para estar mais perto. Mas compreendeu que nunca poderia

estar tão perto como desejaria, que no meio da multidão pouco acabaria por ver, e continuou o seu caminho. Aproximava-se já das árvores. Por ali, não havia ninguém. Sentou-se no chão, com as costas voltadas para uns arbustos cujas flores lhe roçavam os ombros. Dos sectores laterais da cidade continuavam a afluir rios de gente. Ninguém quisera perder o espectáculo. Quantos cidadãos haveria ali? Centenas de milhares. Talvez a cidade inteira. O campo era só uma mancha negra que alastrava rapidamente, que começava agora a transbordar na direcção das colinas. O funcionário tremia de nervosismo. Iria ser, enfim, uma grande vitória. Pouco devia faltar já para as sete horas. Onde estaria o seu relógio? Encolheu os ombros: teria um relógio ainda melhor, mais perfeito, construído de material mais qualificado. Vista dali, a cidade era irreconhecível. Mas tudo viria a ser refeito a seu tempo. Primeiro, o castigo.

Foi nesse instante que ouviu vozes atrás de si. Uma voz de homem e uma voz de mulher. Não conseguia perceber o que diziam. Talvez um casal de namorados que a proximidade do bombardeamento excitara sexualmente. Mas as vozes eram calmas. E, de súbito, nitidamente, o homem disse: — Esperamos mais um pouco.

E a mulher: — Até ao último momento.

O funcionário sentiu que os cabelos se lhe eriçavam. Os oumis. Olhou ansioso para a planície. Viu que as pessoas continuavam a aproximar-se em formigueiros negros, e quis conquistar aquela glória, a precedência C. Contornou silenciosamente o maciço de arbustos, depois baixou-se, quase rastejando por trás de um grupo de árvores muito juntas. Esperou um pouco, e enfim levantou-se, devagar, e espreitou. O homem e a mulher estavam nus. Vira nessa noite outros corpos assim, mas estes estavam vivos. Recusava-se a aceitar o que tinha diante dos olhos, desejava que fossem já sete horas, que o bombardeamento começasse. Por entre os ramos, via a gente da cidade que se aproximava rapidamente. Talvez estivessem já ao alcance da voz. Gritou: — Acudam! Há aqui oumis! O homem e a mulher voltaram-se de um salto e correram para ele. Ninguém mais o ouvira e não houve tempo para um segundo apelo. Sentiu as mãos do homem em

volta do pescoço, e as mãos da mulher sobre a boca, apertando. E antes ainda tivera tempo de ver (como já sabia) que as mãos que o iam matar não tinham qualquer letra, eram lisas, sem mais nada que a pureza natural da pele.

O homem e a mulher nus arrastaram o corpo para o interior do bosque. Outros homens e outras mulheres, também despidos, apareceram e rodearam o cadáver. Quando se afastaram, o corpo continuava estendido no chão, também completamente nu. Nem sequer os anéis, se os tivera. Nem sequer a ligadura Da ferida das costas da mão, correu um pouco de sangue, que logo estancou e começou a secar.

Entre o bosque e a cidade, não havia já espaço livre. Toda a população viera assistir à grande acção militar de represálias. Ao longe, ouvia-se um zumbido: os aviões aproximavam-se. Os relógios que ainda funcionavam iam dar as sete horas ou marcá-las silenciosamente no mostrador. O oficial que comandava a artilharia segurava o microfone para dar ordem de fogo. Centenas de milhares de pessoas, um milhão, quase não respiravam, de ansiedade. Mas nenhum tiro chegou a ser disparado. No preciso instante em que o oficial ia gritar: «Fogo!», o microfone fugiu-lhe das mãos. Inexplicavelmente, os aviões fizeram uma curva apertada e voltaram para trás. Este foi apenas o primeiro sinal. Um silêncio absoluto espalmou-se sobre a planície. E de repente a cidade desapareceu. No lugar dela, a perder de vista, surgiu uma outra multidão de mulheres e homens, nus, desentranhados do que fora a cidade. Desapareceram as peças de artilharia e todas as outras armas, e os militares ficaram nus, rodeados pelos homens e pelas mulheres que antes tinham sido roupas e armas. Ao centro, a imensa nódoa escura da população da cidade. Mas também essa, no instante seguinte, se metamorfoseou e multiplicou. A planície tornou-se subitamente clara quando o Sol nasceu.

Foi então que do bosque saíram todos os homens e mulheres que ali se tinham escondido desde que a revolta começara, desde o primeiro oumi desaparecido. E um deles disse: — Agora é preciso reconstruir tudo.

E uma mulher disse: — Não tínhamos outro remédio, quando as coisas éramos nós. Não voltarão os homens a ser postos no lugar das coisas.

# O CENTAURO

O cavalo parou. Os cascos sem ferraduras firmaram-se nas pedras redondas e resvaladiças que cobriam o fundo quase seco do rio. O homem afastou com as mãos, cautelosamente, os ramos espinhosos que lhe tapavam a visão para o lado da planície. Amanhecia já. Ao longe, onde as terras subiam, primeiro em suave encosta, como tinha lembrança se eram ali iguais à passagem por onde descera muito ao norte, depois abruptamente rasgadas por um espinhaço basáltico que se erguia em muralha vertical, havia umas casas àquela distância baixíssimas, rasteiras, e umas luzes que pareciam estrelas. Sobre a montanha, que barrava todo o horizonte daquele lado, via-se uma linha luminosa, como se uma pincelada subtil tivesse percorrido os cimos, e, húmida, aos poucos se derramasse pela vertente. Dali viria o sol. O homem largou os ramos com um movimento descuidado e arranhou-se: soltou um ronco inarticulado e levou o dedo à boca para chupar o sangue. O cavalo recuou batendo as patas, varreu com a cauda as ervas altas que absorviam os restos da humidade ainda conservada na margem do rio pelo abrigo que os ramos pendentes faziam, cortina àquela hora negra. O rio estava reduzido ao fio de água que corria na parte mais funda do leito, entre pedras, de longe em longe aberta em charcos onde sobreviviam e ansiavam peixes. Havia no ar uma humidade que prenunciava chuva, tempestade, decerto não nesse dia, mas no outro, ou passados três sóis, ou na próxima lua. Muito lentamente, o céu aclarava. Era tempo de procurar um esconderijo, para descansar e dormir.

O cavalo teve sede. Aproximou-se da corrente de água, que estava como parada sob a chapa da noite, e quando as patas da frente sentiram a frescura líquida, deitou-se no chão, de lado. O homem, com o ombro assente na areia áspera, bebeu longamente, embora não tivesse sede. Por cima do homem e do cavalo, a parte ainda escura do céu rodava devagar, arrastando atrás de si uma luz pálida, apenas por enquanto amarelada, primeiro e, se não

conhecido, enganador anúncio do carmim e do vermelho que depois explodiriam por cima da montanha, como em tantas outras montanhas de tão diferentes lugares vira acontecer ou ao rés das planícies. O cavalo e o homem levantaram-se. Em frente estava a espessa barreira das árvores, com defesas de silvados entre os troncos. No alto dos ramos já piavam pássaros. O cavalo atravessou o leito do rio num trote inseguro e quis romper a direito pelo emaranhado vegetal, mas o homem preferia uma passagem mais fácil. Com o tempo, e tivera muito e muito tempo para isso, aprendera os modos de moderar a impaciência animal, algumas vezes opondo-se a ela com uma violência que eclodia e prosseguia toda no seu cérebro, ou porventura num ponto qualquer do corpo onde se entrechocavam as ordens que do mesmo cérebro partiam e os instintos obscuros alimentados talvez entre os flancos, onde a pele era negra; outras vezes cedia, desatento, a pensar noutras coisas, coisas que eram sim deste mundo físico em que estava, mas não deste tempo. O cansaço tornara o cavalo nervoso: a pele estremecia como se quisesse sacudir um tavão frenético e sequioso de sangue, e os movimentos das patas multiplicavam-se desnecessários e ainda mais fatigantes. Seria uma imprudência tentar abrir caminho através do entrelaçado das silvas. Havia demasiadas cicatrizes no pêlo branco do cavalo. Uma delas, muito antiga, traçava na garupa um rasto largo, oblíquo. Quando o sol batia forte, de chapa, ou quando, pelo contrário, o frio arrepanhava e eriçava o pêlo, era como se ali, faixa sensível e desprotegida, assentasse incandescente um fio de espada. Apesar de muito bem saber que nada iria encontrar a não ser uma cicatriz maior do que as outras, o homem, nessas ocasiões, torcia o tronco e olhava para trás, como para o fim do mundo.

A pequena distância, para jusante, a margem do rio recolhia-se para o interior do campo: havia decerto ali uma albufeira, ou seria um afluente, tão seco ou mais ainda. O fundo era lodoso, tinha poucas pedras. Ao redor desta espécie de bolsa, afinal simples braço do rio que enchia e vazava com ele, havia árvores altas, negras sob a escuridão que só lentamente se ia levantando da terra. Se a cortina dos troncos e dos ramos derrubados fosse suficientemente



densa, poderia passar ali o dia, bem escondido, até que fosse outra vez noite e pudesse continuar o seu caminho. Afastou com as mãos as folhas frescas e, impelido pela força dos jarretes, venceu a ribanceira na escuridão quase total que as copas fartas das árvores defendiam naquele lugar. Logo a seguir, o terreno tornava a descer para uma vala que, mais adiante, provavelmente, atravessaria o campo a descoberto. Encontrara um bom esconderijo para descansar e dormir. Entre o rio e a montanha havia campos de cultivo, terras amanhadas, mas aquela vala, profunda e estreita, não mostrava sinais de ser lugar de passagem. Deu mais alguns passos, agora em completo silêncio. Os pássaros assustados observavam. Olhou para cima: viu iluminadas as pontas altas dos ramos. A luz rasante que vinha da montanha roçava agora a alta franja vegetal. Os pássaros recomeçaram a chilrear. A luz descia pouco a pouco, poeira esverdeada que se mudava em róseo e branco, neblina subtil e instável do amanhecer. Os troncos negríssimos das árvores, contra a luz, pareciam ter apenas duas dimensões, como se tivessem sido recortados do que restava da noite e colados sobre a transparência luminosa que mergulhava na vala. O chão estava coberto de espadanas. Um bom sítio para passar o dia dormindo, um refúgio tranquilo.

Vencido por uma fadiga de séculos e milénios o cavalo ajoelhou-se. Encontrar posição para dormir que a ambos conviesse, era sempre uma operação difícil. Em geral, o cavalo deitava-se de lado e o homem repousava também assim. Mas enquanto o cavalo podia ficar uma noite inteira nessa posição, sem se mexer, o homem, para não mortificar o ombro e todo o mesmo lado do tronco, tinha de vencer a resistência do grande corpo inerte e adormecido para o fazer voltar-se para o lado oposto: era sempre um sonho difícil. Quanto a dormir de pé, o cavalo podia, mas o homem não. E quando o esconderijo era demasiado estreito, a mudança tornava-se impossível e a exigência dela ansiedade. Não era um corpo cómodo. O homem nunca podia deitar-se de bruços sobre a terra, cruzar os braços sob o queixo e ficar assim a ver as formigas ou os grãos de terra, ou a contemplar a brancura de um caule tenro saindo do negro húmus. E sempre para ver o céu tivera de torcer o pescoço,

salvo quando o cavalo se empinava nas patas traseiras, e o rosto do homem, no alto, podia inclinar-se um pouco mais para trás: então, sim, via melhor a grande campânula nocturna das estrelas, o prado horizontal e tumultuoso das nuvens, ou o sino azul e o sol, como o último vestígio da forja original.

O cavalo adormeceu logo. Com as patas metidas entre as espadanas, as crinas da cauda espalhadas pelo chão, respirava profundamente, num ritmo certo. O homem, meio reclinado, com o ombro direito fincado na parede da vala, arrancou alguns ramos baixos e cobriu-se com eles.

Em movimento suportava bem o frio e o calor, ainda que não tão bem como o cavalo. Mas quando quieto e adormecido arrefecia rapidamente. Agora, pelo menos enquanto o sol não aquecesse a atmosfera, iria sentir-se bem sob o conforto das folhagens. Na posição em que estava, podia ver que as árvores não se fechavam completamente em cima: uma faixa irregular, já matinal e azul, prolongava-se para diante e, de vez em quando, atravessando-a de uma banda para a outra, ou seguindo-a na mesma direcção por instantes, voavam velozmente os pássaros. Os olhos do homem cerraram-se devagar. O cheiro da seiva dos ramos arrancados entontecia-o um pouco. Puxou para cima do rosto um ramo mais farto de folhas e adormeceu. Nunca sonhava como sonha um homem. Também nunca sonhava como sonharia um cavalo. Nas horas em que estavam acordados, as ocasiões de paz ou de simples conciliação não eram muitas. Mas o sonho de um e o sonho do outro faziam o sonho do centauro Era o último sobrevivente da grande e antiga espécie dos homens-cavalos. Estivera na guerra contra os Lápitais, sua primeira e dos seus grande derrota. Com eles, vencidos, se refugiara em montanhas de cujo nome já se esquecera. Até que acontecera o dia fatal em que, com a parcial protecção dos deuses, Hércules dizimara os seus irmãos, e ele só escapara porque a demorada batalha de Hércules e Nesso lhe dera tempo para se refugiar na floresta. Tinham acabado então os centauros. Porém, contra o que afirmavam os historiadores e os mitólogos, um ficara ainda, este mesmo que vira Hércules esmagar num abraço terrível o tronco de Nesso e depois arrastar o seu cadáver pelo chão, como a

Heitor viria a fazer Aquiles, enquanto se ia louvando aos deuses por ter vencido e exterminado a prodigiosa raça dos Centauros. Talvez repesos, os mesmos deuses favoreceram então o centauro escondido, cegando os olhos e o entendimento de Hércules por não se sabia então que desígnios.

Todos os dias, em sonho, lutava com Hércules e vencia-o. No centro do círculo dos deuses, de cada vez e sempre reunidos às ordens do seu sonho, lutava braço a braço, furtava a garupa escorregadia ao salto astuto que o inimigo tentava, esquivava-se à corda que lhe assobiava entre as patas, e obrigava-o a lutar de frente. O seu rosto, os braços, o tronco, suavam como pode suar um homem. O corpo do cavalo cobria-se de espuma. Este sonho repetia-se há milhares de anos, e sempre nele o desenlace se repetia: pagava em Hércules a morte de Nesso, chamava aos braços e aos músculos do torso toda a sua força de homem e de cavalo: assente nas quatro patas como se fossem estacas enterradas no chão, erguia Hércules ao ar e apertava, apertava, até que ouvia a primeira costela estalar, depois outra, e finalmente a espinha que se partia. Hércules, morto, escorregava para o chão como um trapo e os deuses aplaudiam. Não havia nenhum prémio para o vencedor. Os deuses levantavam-se das suas cadeiras de ouro e afastavam-se, alargando cada vez mais o círculo até desaparecerem no horizonte. Da porta por onde Afrodite entrava no céu, saía sempre e brilhava uma grande estrela.— Há milhares de anos que percorria a terra. Durante muito tempo, enquanto o mundo se conservou também ele misterioso, pôde andar à luz do Sol. Quando passava, as pessoas vinham ao caminho e lançavam-lhe flores entrançadas por cima do seu lombo de cavalo, ou faziam com elas coroas que ele punha na cabeça. Havia mães que lhe davam os filhos para que os levantasse no ar e assim perdessem o medo das alturas. E em todos os lugares havia uma cerimónia secreta: no meio de um círculo de árvores que representavam os deuses, os homens impotentes e as mulheres estéreis passavam por baixo do ventre do cavalo: era crença de toda a gente que assim floria a fertilidade e se renovava a virilidade. Em certas épocas, levavam uma égua ao centauro e retiravam-se para o interior das casas: mas um dia, alguém que por esse sacrilégio veio

a cegar, viu que o centauro cobria a égua como um cavalo e que depois chorava como um homem. Dessas uniões nunca houve fruto. Então chegou o tempo da recusa. O mundo transformado perseguiu o centauro, obrigou-o a esconder-se. E outros seres tiveram de fazer o mesmo: foi o caso do unicórnio, das quimeras, dos lobisomens, dos homens de pés de cabra, daquelas formigas que eram maiores que raposas, embora mais pequenas que cães. Durante dez gerações humanas, este povo diverso viveu reunido em regiões desertas. Mas, com o passar do tempo, também ali a vida se tornou impossível para eles, e todos dispersaram. Uns como o unicórnio, morreram; as quimeras acasalaram com os musaranhos, e assim apareceram os morcegos; os lobisomens introduziram-se nas cidades e nas aldeias e só em noites marcadas correm o seu fado; os homens de pés de cabra extinguiram-se também, e as formigas foram perdendo tamanho e hoje ninguém é capaz de as distinguir entre aquelas suas irmãs que sempre foram pequenas. O centauro acabou por ficar sozinho. Durante milhares de anos, até onde o mar consentiu, percorreu toda a terra possível. Mas em todos os seus itinerários passava de largo sempre que pressentia as fronteiras do seu primeiro país. O tempo foi passando. Por fim, já lhe não sobrava terra para viver com segurança. Passou a dormir durante o dia e a caminhar de noite. Caminhar e dormir. Dormir e caminhar. Sem nenhuma razão que conhecesse, apenas porque tinha patas e sono. Comer, não precisava. E o sono só era necessário para que pudesse sonhar. E a água, apenas porque era a água.

Milhares de anos tinham de ser milhares de aventuras. Milhares de aventuras porém, são demasiadas para valerem uma só verdadeira e inesquecível aventura. Por isso, todas juntas não valeram mais do que aquela, já neste milénio último, quando no meio de um descampado árido viu um homem de lança e armadura, em cima de um mirrado cavalo, investir contra um exército de moinhos de vento. Viu o cavaleiro ser atirado ao ar e depois um outro homem baixo e gordo acorrer, aos gritos, montado num burro. Ouvia que falavam numa língua que não entendia, e depois viu-os afastarem-se, o homem magro maltratado, e o homem gordo carpindo-se, o cavalo magro coxeando, e o burro indiferente. Pensou

sair-lhes ao caminho para os ajudar, mas, tornando a olhar os moinhos, foi para eles a galope, e, postado diante do primeiro, decidiu vingar o homem que fora atirado do cavalo abaixo. Na sua língua natal, gritou: «Mesmo que tivesses mais braços do que o gigante Briareu, a mim haverias de o pagar.» Todos os moinhos ficaram com as asas despedaçadas e o centauro foi perseguido até à fronteira de um outro país. Atravessou campos desolados e chegou ao mar. Depois voltou para trás.

todo o centauro dorme. Dorme todo o seu corpo. Já o sonho veio e passou, e agora o cavalo galopa por dentro de um dia antiquíssimo para que o homem possa ver desfilarem as montanhas como se por seu pé andassem, ou por veredas delas subir ao alto e dali olhar o mar sonoro e as ilhas espalhadas e negras, rebentando a espuma em redor delas como se da profundidade acabassem de nascer e de lá surgissem deslumbradas. Não é isto um sonho. Vem do largo um cheiro salino. As narinas do homem dilatam-se sôfregas, e os braços estendem-se para o alto, enquanto o cavalo, excitado, bate com os cascos em pedras que são mármore e afloram. As folhas que cobriam a cara do homem escorregaram, já emurhecidas. O sol, alto, cobre o centauro de manchas de luz. Não é um rosto velho, o do homem. Novo, também não, porque não o poderia ser, porque os anos se contam por milhares. Mas pode comparar-se com o duma estátua antiga: o tempo gastou-o, não tanto que apagasse as feições, o bastante apenas para as mostrar ameaçadas. Uma pequena lagoa luminosa cintila sobre a pele, desliza muito lentamente para a boca, aquece-a. O homem abre os olhos de repente, como o faria a estátua. Pelo meio das ervas, afasta-se ondulando uma cobra. O homem leva a mão à boca e sente o sol. Nesse mesmo instante, a cauda do cavalo agita-se, varre a garupa e sacode um moscardo que sondava a pele fina da grande cicatriz. Rapidamente, o cavalo põe-se de pé e o homem acompanha-o. O dia vai por metade, outro tanto falta para que chegue a primeira sombra da noite, mas não há mais dormir. O mar, que não foi sonho, ainda ressoa nos ouvidos do homem, ou não o real ruído do mar, talvez o bater visto das ondas que os olhos transformam em ondas sonoras que vêm sobre as águas, sobem

pelas gargantas rochosas até ao alto, até ao sol e ao céu azul de outra vez água.

Está perto. A vala por onde segue é apenas um acidente, leva a qualquer lado, é obra de homens e caminho para chegar aos homens. Porém, aponta na direcção do sul, e é isso que conta. Avançará por ali até onde lhe for possível, mesmo sendo dia, mesmo com o sol cobrindo toda a planície e denunciando tudo, homem ou cavalo. Uma vez mais vencera Hércules no sonho, diante de todos os deuses imortais, mas, acabado o combate, Zeus retirara-se para o sul, e foi depois que desfilaram as montanhas e do ponto mais alto delas, onde havia umas colunas brancas, viam-se as ilhas e a espuma em redor. Está perto a fronteira e Zeus afastou-se para o sul.

Caminhando ao longo da vala estreita e funda, o homem pode ver o campo de um lado e do outro. As terras parecem agora abandonadas. Já não sabe onde ficou a povoação que vira na hora do amanhecer. O grande espinhaço rochoso cresceu de altura, ou está talvez mais próximo. As patas do cavalo afundam-se no chão mole que aos poucos vai subindo. Todo o tronco do homem está já fora da vala, as árvores tornam-se mais espaçadas, e de súbito, quando o campo ficou todo aberto, a vala acaba. O cavalo vence com um simples movimento o último declive, e o centauro aparece todo no claro do dia. O sol está à mão direita e bate com força na cicatriz, que, ferida, arde. O homem olha para trás, segundo o seu costume. A atmosfera está abafada e húmida. Não é porém que o mar esteja tão perto. Esta humidade promete chuva e este brusco sopro de vento também. Ao norte, juntam-se nuvens.

O homem hesita. Há muitos anos que não ousa caminhar a descoberto, sem a protecção da noite. Mas hoje sente-se tão excitado como o cavalo. Avança pelo terreno coberto de mato donde se desprendem cheiros fortes de flores bravas. A planície terminou, e agora o chão ergue-se em corcovas e limita o horizonte ou alarga-o cada vez mais, porque as elevações já são colinas e adiante levanta-se uma cortina de montes. Começam a surgir arbustos e o centauro sente-se mais protegido. Tem sede, muita sede, mas ali não há sinal de água. O homem olha para trás e vê que metade do céu está já

coberto de nuvens. O sol ilumina o bordo nítido de um grande nimbo cinzento que avança.

neste momento que se ouve ladrar um cão. O cavalo estremece de nervosismo. O centauro lança-se a galope entre duas colinas, mas o homem não perde o sentido: seguir na direcção do sul. O ladrar está mais perto, e ouve-se também um tilintar de campainhas e depois uma voz falando a gado. O centauro parou para se orientar, porém os ecos enganaram-no e, de súbito, num terreno baixo e húmido inesperado, aparece-lhe um rebanho de cabras e à frente dele um grande cão. O centauro estacou. Algumas das cicatrizes que lhe riscavam o corpo, devia-as aos cães. O pastor deu um grito espavorido e largou a fugir, como louco. Chamava em altos berros: devia haver uma povoação ali perto. O homem dominou o cavalo e avançou. Arrancou um ramo forte de um arbusto para afastar o cão, que se estrangulava a ladrar, de fúria e medo. Mas foi a fúria que prevaleceu: o cão ladeou rapidamente umas pedras e tentou apanhar o centauro de flanco, pelo ventre. O homem quis olhar para trás, ver donde vinha o perigo, mas o cavalo antecipou-se, e rodando veloz sobre as patas da frente, desferiu um violento coice que apanhou o cão no ar. O animal foi bater contra as pedras, morto. Não era a primeira vez que o centauro se defendia assim, mas de todas as vezes o homem se sentia humilhado. No seu próprio corpo batia a ressaca da vibração geral dos músculos, a vaga de energia que deflagrava, ouvia o bater surdo dos cascos, mas estava de costas voltadas para a batalha, não era parte nela, espectador quando muito.

O sol escondera-se. O calor desapareceu subitamente do ar e a humidade tornou-se palpável. O centauro correu entre as colinas, sempre para o sul. Ao atravessar um pequeno regato viu terrenos cultivados, e quando procurava orientar-se esbarrou com um muro. Para um lado, havia algumas casas. Foi então que se ouviu um tiro. Como de um enxame, sentiu o corpo do cavalo crispar-se sob as picadas. Havia gente que gritava e depois deram outro tiro. À esquerda estralejaram ramos dilacerados, mas nenhum bago de chumbo o atingiu desta vez. Recuou para ganhar balanço, e num impulso venceu o muro. Passou sobre ele, voando, homem e cavalo,

centauro, quatro patas estendidas ou dobradas, dois braços abertos para o céu ainda para além azul. Soaram mais tiros, e depois foi o tropel dos homens que o perseguiram pelos campos, dando gritos, e o ladrar dos cães.

Tinha o corpo coberto de espuma e de suor. Houve um momento em que parou para procurar caminho. O campo em redor tornou-se também expectante, como se estivesse de ouvido à escuta. E então caíram as primeiras e pesadas gotas de chuva. Mas a perseguição continuava. Os cães seguiam um rasto para eles estranho, mas de mortal inimigo: um misto de homem e de cavalo, umas patas assassinas. O centauro correu mais, correu muito, até que percebeu que os gritos se tinham tornado diferentes e o ladrar dos cães era já de frustração. Olhou para trás. A uma boa distância, viu os homens parados, ouviu-lhes as ameaças. E os cães que tinham avançado voltavam para os donos. Mas ninguém se adiantava. O centauro vivera tempo bastante para saber que isto era uma fronteira, um limite. Os homens, segurando os cães, não ousavam atirar-lhe tiros: apenas um foi disparado, mas de tão longe que não ouviu sequer cair o chumbo. Estava salvo, sob a chuva que desabava em torrente e abria regos rápidos entre as pedras, sobre esta terra onde nascera. Continuou a caminhar para o sul. A água ensopava-lhe o pêlo branco, lavava a espuma, o sangue e o suor e toda a sujidade acumulada. Regressava muito velho, coberto de cicatrizes, mas imaculado.

De repente, a chuva parou. No momento seguinte, o céu ficou todo varrido de nuvens, e o sol caiu de chapa sobre a terra molhada donde, ardendo, fez levantar nuvens de vapor. O centauro caminhava a passo, como se viajasse sobre uma neve imponderável e tépida. Não sabia onde estava o mar, mas ali era a montanha. Sentia-se forte. Matara a sede com a água da chuva, levantando o rosto para o céu, de boca aberta, bebendo em longos haustos, com a torrente a deslizar-lhe pelo pescoço, pelo tronco abaixo, lustralmente. E agora descia para o lado sul da montanha, devagar, rodeando os enormes pedregulhos que se amontoavam e escoravam uns aos outros. O homem apoiava as mãos nos penedos mais altos, sentindo debaixo dos dedos os musgos macios, os líquenes ásperos,



ou a rugosidade estreme da pedra. Em baixo havia, de largo a largo, um vale que àquela distância parecia estreito, enganadoramente. Ao longo dele, com grandes intervalos, via três povoações, ao meio a maior, e o sul para além dela. Cortando o vale a direito, teria de passar perto da povoação. Passaria? Lembrava-se da perseguição, dos gritos, dos tiros, dos outros homens do lado de lá da fronteira. Do incompreensível ódio! Esta terra era a sua, mas quem eram os homens que nela viviam? O centauro continuava a descer. O dia ainda estava longe de acabar. O cavalo, exausto, pousava os cascos com cuidado, e o homem pensou que lhe conviria descansar antes de se aventurar na travessia do vale. E, sempre pensando, decidiu que esperaria pela noite, que antes dormiria em qualquer refúgio que encontrasse, para ganhar as forças necessárias à longa caminhada que lhe restava fazer até ao mar.

Continuou a descer, cada vez mais lentamente. E quando enfim se dispunha a ficar entre duas pedras, viu a entrada negra duma caverna, alta bastante para que todo ele pudesse entrar, homem e cavalo. Ajudando-se com os braços, assentando ao de leve os cascos rapados pelas pedras duríssimas, introduziu-se na gruta. Não era muito funda, nenhuma caverna se prolongava pela montanha dentro, mas havia espaço bastante para mover-se nela à vontade. O homem apoiou os antebraços na parede rochosa e deixou pender a cabeça sobre eles. Respirava fundo, procurando resistir, não acompanhar o ofegar ansioso do cavalo. O suor escorria-lhe pela cara. Depois o cavalo dobrou as patas da frente e deixou-se cair no chão coberto de areia. Deitado, ou soerguido como era hábito, o homem nada podia ver do vale. A boca da gruta abria apenas para o céu azul. Em qualquer ponto, lá no fundo, gotejava água, a longos intervalos regulares, produzindo um eco de cisterna. Uma paz profunda enchia a gruta. Estendendo um braço para trás, o homem passou a mão sobre o pêlo do cavalo, sua própria pele transformada ou pele que em si transformara. O cavalo estremeceu de satisfação, todos os seus músculos se distenderam e o sono ocupou o grande corpo. O homem deixou cair a mão, que escorregou e foi repousar na areia seca.

O sol, descendo no céu, começou a iluminar a gruta. O centauro não sonhou com Hércules nem com os deuses sentados em círculo. Também não se repetiu a grande visão das montanhas viradas para o mar, as ilhas espumejantes, a infinita extensão líquida e sonora. Apenas uma parede escura, ou apenas sem cor, baça, intransponível. Entretanto, o sol entrou até ao fundo da caverna, fez cintilar todos os cristais da pedra, transformou cada gota de água numa pérola vermelha que se desprendia do tecto, mas antes inchava até ao inverosímil, e depois riscava três metros de fogo vivo, para se afundar num pequeno poço já escuro. O centauro dormia, O azul do céu foi desmaiando, inundou-se o espaço de mil cores de forja, e o entardecer arrastou devagar a noite como um corpo cansado que por sua vez vai adormecer. A gruta, em trevas, tornou-se imensa, e as gotas de água caíam como pedras redondas na aba de um sino. Era já noite escura e a Lua nasceu.

O homem acordou. Sentia a angústia de não ter sonhado. Pela primeira vez em milhares de anos, não sonhara. Abandonara-o o sonho na hora em que regressara à terra onde nascera? Porquê? Que presságio? Que oráculo diria? O cavalo, mais longe, dormia ainda, mas já inquietamente. De vez em quando agitava as patas traseiras, como se galopasse em sonhos, não dele, que não tinha cérebro, ou somente emprestado, mas da vontade que os músculos eram. Deitando a mão a uma pedra saliente, ajudando-se com ela, o homem levantou o tronco, e, como se estivesse em estado de sonambulidade, o cavalo seguiu-o, sem esforço, num movimento fluido em que parecia não haver peso. E o centauro saiu para a noite.

Todo o luar do espaço se espalhava sobre o vale. Tanto era que não podia ser apenas o da simples, pequena lua da terra, Sélene silenciosa e fantasmal, mas o de todas as luas levantadas na infinita sucessão das noites onde outros sóis e terras sem esses e outros nenhuns nomes rodam e brilham. O centauro respirou fundo pelas narinas do homem: o ar estava macio, como se passasse pelo filtro duma pele humana, e havia nele o perfume da terra que foi molhada e agora devagar está secando, entre o labiríntico abraço das raízes que seguram o mundo. Desceu para o vale por um

caminho fácil, quase remansoso, jogando harmoniosamente com os seus quatro membros de cavalo, oscilando os seus dois braços de homem, passo a passo, sem que uma pedra rolasse, sem que uma aresta viva abrisse outro rasgão na pele. E foi assim que chegou ao vale, como se a viagem fizesse parte do sonho que não tivera enquanto dormira. Adiante havia um rio largo. Do outro lado, um pouco para a esquerda, era a povoação maior, aquela que estava no caminho do sul. O centauro avançou a descoberto, seguido pela sombra singular que não tinha par no mundo. Trotou ligeiramente pelos campos cultivados, mas escolhia os carreiros para não pisar as plantas. Entre a faixa de cultura e o rio havia árvores dispersas e sinais de gado. O cavalo, sentindo o cheiro, agitou-se, mas o centauro seguiu para a frente, para o rio. Entrou cautelosamente na água, tentando com os cascos. A profundidade foi aumentando, até chegar ao peito do homem. No meio do rio, sob o luar que era outro rio correndo, quem visse veria um homem atravessando a vau, com os braços erguidos, braços, ombros e cabeça de homem, cabelos em vez de crinas. Pelo interior da água caminhava um cavalo. Os peixes, acordados pelo luar, nadavam em redor dele e mordiscavam-lhe as pernas.

Todo o tronco do homem saiu da água, depois apareceu o cavalo, e o centauro subiu para a margem. Passou por baixo dumas árvores e no limiar da planície parou para se orientar. Lembrou-se de como o tinham perseguido do outro lado da montanha, lembrou-se dos cães e dos tiros, dos homens aos gritos, e teve medo. Preferia agora que a noite fosse escura, teria preferido caminhar debaixo duma tempestade como a do dia anterior, que fizesse recolher os cães e afastasse as pessoas para casa.

O homem pensou que toda a gente naqueles arredores já devia saber da existência do centauro, que decerto a notícia tinha passado por cima da fronteira. Compreendeu que não podia atravessar o campo em linha recta, em plena luz. A passo, começou a seguir ao longo do rio, sob a protecção da sombra das árvores. Talvez adiante o terreno lhe fosse mais favorável, onde o vale se estreitava e acabava entalado entre duas altas colinas. Continuava a pensar no mar, nas colunas brancas, fechava os olhos e revia o rasto

que Zeus deixara ao afastar-se para o sul. Subitamente, ouviu um marulhar de água. Ficou parado, à escuta. O rumor repetia-se, diminuía, voltava.. Sobre o chão coberto de erva rasteira, os passos do cavalo soavam tão abafados que não se distinguiam entre a múltipla e tépida crepitação da noite e do luar. O homem afastou os ramos e olhou para o rio. Na margem havia roupas. Alguém tomava banho. Empurrou mais os ramos. E viu uma mulher. Saía da água, completamente despida, brilhava sob o luar, branca. Muitas outras vezes o centauro vira mulheres, mas nunca assim, neste rio, com esta lua. Outras vezes vira seios oscilando, o tremor das coxas ao andar, o ponto de escuridão no centro do corpo. Outras vezes vira cabelos caindo para as costas, e mãos que os lançavam para trás, gesto tão antigo. Mas a parte que lhe cabia do mundo em que as mulheres viviam, era só a que satisfaria o cavalo, talvez o centauro, não o homem. E foi o homem que olhou, que viu a mulher aproximar-se da roupa, foi ele que rompeu por entre os ramos, correu para ela no seu trote de cavalo e depois, ao mesmo tempo que ela gritava, a levantou nos braços.

Também isto fizera algumas vezes, tão poucas, em milhares de anos. Acto inútil, apenas assustador, acto que poderia ter deixado atrás de si a loucura, se isso mesmo não aconteceu. Mas esta era a sua terra e a primeira mulher que nela via. O centauro correu ao longo das árvores, e o homem sabia que mais adiante pousaria a mulher no chão, frustrado ele, apavorada ela, mulher inteira, homem por metade. Agora um caminho largo quase tocava as árvores, e adiante o rio fazia uma curva. A mulher já não gritava, apenas soluçava e tremia. E foi então que se ouviram outros gritos. No virar da curva, o centauro foi parar a um pequeno aglomerado de casas baixas que as árvores escondiam. Havia gente no pequeno espaço em frente. O homem apertou a mulher contra o peito. Sentia-lhe os seios duros, o púbis no lugar em que o seu corpo de homem se recolhia e se tornava peitoral de cavalo. Algumas pessoas fugiram, outras atiraram-se para a frente, e outras entraram nas casas e saíram com espingardas. O cavalo levantou-se sobre as patas traseiras, encabritou-se para as alturas. A mulher, assustada, gritou uma vez mais. Alguém disparou um tiro para o ar. O homem

compreendeu que a mulher o protegia. Então, o centauro ladeou para o campo aberto, fugindo das árvores que poderiam embaraçar-lhe os movimentos, e, sempre com a mulher agarrada, contornou as casas e lançou-se a galope pelo campo fora, na direcção das duas colinas. Atrás de si ouvia gritos. Talvez se lembrassem de persegui-lo a cavalo, mas nenhum cavalo podia competir com um centauro, como fora demonstrado em milhares de anos de fuga constante. O homem olhou para trás: os perseguidores vinham longe, muito longe. Então, segurando a mulher por baixo dos braços, olhando-a em todo o corpo, com todo o luar despindo-a, disse na sua velha língua, na língua dos bosques, dos favos de mel, das colunas brancas, do mar sonoro, do riso sobre as montanhas: — Não me queiras mal.

Depois, devagar, pousou-a no chão. Mas a mulher não fugiu. Saíram-lhe da boca palavras que o homem foi capaz de entender: Tu és um centauro. Tu existes.

Pousou-lhe as duas mãos sobre o peito. As patas do cavalo tremiam. Então a mulher deitou-se e disse: — Cobre-me.

O homem via-a de cima, aberta em cruz. Avançou lentamente. Durante um momento, a sombra do cavalo cobriu a mulher. Nada mais. Então o centauro afastou-se para o lado e lançou-se a galope, enquanto o homem gritava, cerrando os punhos na direcção do céu e da lua. Quando os perseguidores se aproximaram enfim da mulher, ela não se mexera. E quando a levaram, embrulhada numa manta, os homens que a transportavam ouviram-na chorar.

Naquela noite, todo o país soube da existência do centauro. O que primeiro se julgara ser uma história inventada do outro lado da fronteira com intenção de desfrute, tinha agora testemunhas de fé, entre as quais uma mulher que tremia e chorava. Enquanto o centauro atravessava esta outra montanha, saía gente das aldeias e das cidades, com redes e cordas, também com armas de fogo, mas só para assustar. É preciso apanhá-lo vivo, dizia-se. O exército também se pôs em movimento. Aguardava-se o nascer do dia para que os helicópteros levantassem voo e percorressem toda a região. O centauro procurava os caminhos mais escondidos, mas ouviu muitas vezes ladrarem cães, e chegou, mesmo, sob o luar que já

esmorecia, a ver grupos de homens que batiam os montes. Toda a noite o centauro caminhou, sempre para o sul. E quando o Sol nasceu estava no alto duma montanha donde viu o mar. Muito ao longe, mar apenas, nenhuma ilha, e o som duma brisa que cheirava a pinheiros, não o bater da onda, não o perfume angustioso do sal. O mundo parecia um deserto suspenso da palavra povoadora.

Não era um deserto. Ouviu-se de repente um tiro. E então, num arco de círculo largo, saíram homens de detrás das pedras, em grande alarido, mas sem poderem disfarçar o medo, e avançaram com redes e cordas e laços e varas. O cavalo ergueu-se para o espaço, agitou as patas da frente e voltou-se, frenético, para os adversários. O homem quis recuar! Lutaram ambos, atrás, em frente. E na borda da escarpa as patas escorregaram, agitaram-se ansiosas à procura de apoio, e os braços do homem, mas o grande corpo resvalou, caiu no vazio. Vinte metros abaixo, uma lâmina de pedra, inclinada no ângulo necessário, polida por milhares de anos de frio e de calor, de sol e de chuva, de vento e neve desbastando, cortou, degolou o corpo do centauro naquele preciso sítio em que o tronco do homem se mudava em tronco de cavalo. A queda acabou ali. O homem ficou deitado, enfim, de costas, olhando o céu. Mar que se tornava profundo por cima dos seus olhos, mar com pequenas nuvens paradas que eram ilhas, vida imortal. O homem girou a cabeça de um lado para o outro: outra vez mar sem fim, céu interminável. Então olhou o seu corpo. O sangue corria. Metade de um homem. Um homem. E viu que os deuses se aproximavam. Era tempo de morrer.

# DESFORRA

O rapaz vinha do rio. Descalço, com as calças arregaçadas acima do joelho, as pernas sujas de lama. Vestia uma camisa vermelha, aberta no peito, onde os primeiros pêlos da puberdade começavam a enegrecer. Tinha o cabelo escuro, molhado de suor que lhe escorria pelo pescoço delgado. Dobrava-se um pouco para a frente, sob o peso dos longos remos, donde pendiam fios verdes de limos ainda gotejantes. O barco ficou balouçando na água turva, e ali perto, como se o espreitassem, afloraram de repente os olhos globulosos de uma rã. O rapaz olhou-a, e ela olhou-o a ele. Depois a rã fez um movimento brusco e desapareceu. Um minuto mais e a superfície do rio ficou lisa e calma, e brilhante como os olhos do rapaz. A respiração do lodo desprendia lentas e moles bolhas de gás que a corrente arrastava. No calor espesso da tarde, os choupos altos vibraram silenciosamente, e, de rajada, flor rápida que do ar nascesse, uma ave azul passou rasando a água. O rapaz levantou a cabeça. No outro lado do rio, uma rapariga olhava-o, imóvel. O rapaz ergueu a mão livre e todo o seu corpo desenhou o gesto de uma palavra que não se ouviu. O rio fluía, lento.

O rapaz subiu a ladeira, sem olhar para trás. A erva acabava logo ali. Para cima, para além, o sol calcinava os torrões dos alqueives e os olivais cinzentos. Metálica, duríssima, uma cigarra roía o silêncio. À distância, a atmosfera tremia.

A casa era térrea, acachapada, brunida de cal, com uma barra de ocre violento. Um pano de parede cega, sem janelas, uma porta onde se abria um postigo. No interior, o chão de barro refrescava os pés. O rapaz encostou os remos, limpou o suor ao antebraço. Ficou quieto, escutando as pancadas do coração, o vagaroso surdir do suor que se renovava na pele. Esteve assim uns minutos, sem consciência dos rumores que vinham da parte de trás da casa e que se transformaram, de súbito, em guinchos lancinantes e gratuitos: o protesto de um porco preso. Quando, por fim, começou a mover-se, o grito do animal, desta vez ferido e insultado, bateu-lhe nos

ouvidos. E logo outros gritos, agudos, raivosos, uma súplica desesperada, um apelo que não espera socorro.

Correu para o quintal, mas não passou da soleira da porta. Dois homens e uma mulher seguravam o porco. Outro homem, com uma faca ensanguentada, abria-lhe um rásgo vertical no escroto. Na palha brilhava já um ovóide achatado, vermelho. O porco tremia todo, atirava gritos entre as queixadas que uma corda apertava. A ferida alargou-se, o testículo apareceu, leitoso e raiado de sangue, os dedos do homem introduziram-se na abertura, puxaram, torceram, arrancaram. A mulher tinha o rosto pálido e crispado. Desamarraram o porco, libertaram-lhe o focinho, e um dos homens baixou-se e apanhou os dois bagos, grossos e macios. O animal deu uma volta, perplexo, e ficou de cabeça baixa, arfando. Então o homem atirou-lhos. O porco abocou, mastigou sôfrego, engoliu. A mulher disse algumas palavras e os homens encolheram os ombros. Um deles riu. Foi nessa altura que viram o rapaz no limiar da porta. Ficaram todos calados e, como se fosse a única coisa que pudessem fazer naquele momento, puseram-se a olhar o animal que se deitara na palha, suspirando, com os beiços sujos do próprio sangue.

O rapaz voltou para dentro. Encheu um púcaro e bebeu, deixando que a água lhe corresse pelos cantos da boca, pelo pescoço, até aos pêlos do peito, que se tornaram mais escuros. Enquanto bebia, olhava lá fora as duas manchas vermelhas sobre a palha. Depois, num movimento de cansaço, tornou a sair de casa, atravessou o olival, outra vez sob a torreira do sol. A poeira queimava-lhe os pés, e ele, sem dar por isso, encolhia-os, para fugir ao contacto escaldante. A mesma cigarra rangia, em tom mais surdo. Depois a ladeira, a erva com o seu cheiro de seiva aquecida, a frescura entontecedora debaixo dos ramos, o lodo que se insinua entre os dedos dos pés e irrompe para cima.

O rapaz ficou parado, a olhar o rio. Sobre um afloramento de limos, uma rã, parda como a primeira, de olhos redondos sob as arcadas salientes, parecia estar à espera. A pele branca da goela palpitava. A boca fechada fazia uma prega de escárnio. Passou tempo, e nem a rã nem o rapaz se moviam. Então ele, desviando a custo os olhos, como para fugir a um malefício, viu no outro lado do



rio, entre os ramos baixos dos salgueiros, aparecer outra vez a rapariga. E novamente, silencioso e inesperado, passou sobre a água o relâmpago azul.

Devagar, o rapaz tirou a camisa. Devagar se acabou de despir, e foi só quando já não tinha roupa nenhuma no corpo que a sua nudez, lentamente, se revelou. Assim como se estivesse curando uma cegueira de si mesma. A rapariga olhava de longe. Depois, com os mesmos gestos lentos, libertou-se do vestido e tudo quanto a cobria. Nua sobre o fundo verde das árvores.

O rapaz olhou uma vez mais o rio. O silêncio assentava sobre a líqüida pele daquele interminável corpo.

Círculos que se alargavam e perdiam na superfície calma. mostravam o lugar onde enfim a rã mergulhara. Então, o rapaz meteu-se à água e nadou para a outra margem, enquanto o vulto branco e nu da rapariga recuava para a penumbra dos ramos.

**FIM**

ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA HAMBURG GRÁFICA  
EDITORA EM OFF-SET SOBRE PAPEL PÓLEN SOFT DA COMPANHIA  
SUZÁNO PARA A EDITORA SCHWARCZ EM NOVEMBRO DE 1998.

ISBN 85-7164-3628 9 8 6368

Obras do autor publicadas pela Companhia das Letras

O ano da morte de Ricardo Reis

A bagagem do viajante

Cadernos de Lanzarote

Ensaio sobre a cegueira

O evangelho segundo Jesus Cristo

História do cerco de Lisboa

In nomine Dei

A jangada de pedra

Manual de pintura e caligrafia

Objecto quase

Todos os nomes

Viagem a Portugal

JOSÉ SARAMAGO OBJECTO QUASE Contos

reimpressão COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1984 by José Saramago e Editorial Caminho S.A.,  
Lisboa

Por desejo do autor foi mantida a ortografia vigente em  
Portugal Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Objecto quase: contos / José  
Saramago. —São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ISBN 85-7164362-8 1. Contos portugueses I. TÍTULO. 93-  
3697 CDD 869.341

Índices para catálogo sistemático:

Contos : Século 20: Literatura portuguesa .341 .

Século 20: Contos : Literatura portuguesa .341 8

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 72 32-002 — São Paulo — S P

Telefone: (011) 866-0801 Fax: (011) 866-0814  
e-mail: [coletras@mtecnetsp.com.br](mailto:coletras@mtecnetsp.com.br)